

REVISTA DA SEMANA

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL

N.º 35

26-8-44

"A caricatura
está agonizando"

ENTREVISTA COM
J. CARLOS
NO TEXTO.

BN
1 24
1 8





DIAS após o Grande Premio Brasil, época em que a melhor sociedade piratiningana toda se translada para o Rio afim de assistir à festa máxima de nosso turfe (que já é hoje o maior espetáculo de elegância do Brasil), o sr. Alberto Quatrini Bianchi ofereceu um jantar ao sr. Leo Nioac e senhora, figuras destacadas do *grand monde* paulistano. A essa demonstração de amizade, efetuada no Casino Atlântico, compareceram elementos exponenciais do *set* social bandeirante, que emprestaram à reunião uma

NOITES ELEGANTES NO *Atlântico*



nota de distinção e finura difícil de igualar. Entre outras pessoas, cujos nomes nos escaparam, viam-se as seguintes: — sr. e senhora Leo Nioac, sr. e senhora Carlito Amaral, sr. e senhora Fabrizzi, sr. e senhora Joel da Mota, sr. Paulo Cintra, sr. e senhora Tito Cintra, sr. e senhora Helio Muniz, sr. e senhora Aniz Aschcar, sr. e senhora Manoel Moraes de Barros, sr. e senhora Mario Scotti, sr. e senhora Vercilio Fontes, sr. Maria Almeida, sr. Amadeu Saraiva e os homenageantes, sr. e senhora Alberto Quatrini Bianchi.

CINCO ANOS DE GUERRA

LAMPEJAM, neste ano do Senhor de 1944, os últimos clarões da Guerra. A luz fosfórea dos incêndios, percebe-se o desabar das cidades, o ruir dos impérios, o estertor dos continentes. Que se conseguiu em cinco anos de ódio, excitado pelo hálito mortífero da irascível Alemanha? Vinte ou trinta milhões de toneladas de navios no fundo do mar! Quinze ou vinte milhões de mortos, estropiados ou desaparecidos; a Polónia calcinada; a França vencida — ela, que deu ao mundo Napoleão Bonaparte; a Holanda, a Bélgica, a Dinamarca, a Noruega escravizadas; a Grécia faminta; a Checoslováquia mártir; a Iugoslávia num banho permanente de sangue; a Itália a purgar o erro de ter gerado, em seu divino, um monstro ridículo; a África a convalescer das feridas das batalhas; o Pacífico em chamas; a Oceania em vigília, de fuzil em punho...

Neste mesmo hemisfério, que Deus abençoou, não faltam mães e viúvas a desfiarem o silencioso rosário das lágrimas... Não escasseiam os atos da malvez alemã — e, não se interpusesse o oceano entre nós e a agressora do mundo, teríamos, a esta hora, perecido com honra ou perdido o direito de viver com ela...

A Providência colocou entre o Brasil e os designios germânicos alguma coisa que se chama a campanha da África, o exército russo, a esquadra britânica e um pavilhão de estrelas que sintetiza a aspiração do mundo pela liberdade e pela justiça. O Brasil salvou-se porque o destino lhe outorgou o homem providencial, capaz de compreender a responsabilidade histórica da Nação na encruzilhada de ano sombrio: 1941. Aquela hora, metade da frota de combate norte-americana jazia no fundo do mar; os exércitos soviéticos recuavam, para não serem vencidos de todo; a Grã Bretanha saía mal ferida das experiências alucinantes da blitzkrieg aérea; a França, prostrada por terra, era pasto de dissensões mesquinhãs e de controvérsias risíveis... O Brasil entrou na guerra à hora indecisa em que se jogava, no campo das batalhas, a sorte das nações. Fe-lo com a bravura digna de homens que se chamaram Caxias, Osório, Porto Alegre e Tamandaré.

A humanidade paga com sangue o direito de ter criado, em seu seio, monstros da estirpe de Hitler e Mussolini. O fanatismo mórbido de um e a ambição ridícula de outro pesaram como anátemas, sobre os destinos da Civilização. A injúria feita aos templos, às bibliotecas, aos museus e monumentos históricos é irreparável, como o sacrifício da vida e a perdição da honra. As igrejas são livros de pedra que ensinam o povo a rezar. E as obras de arte são herança legada pelo gênio dos homens à veneração dos tempos. Um quadro de Rafael ou uma estátua de Fídias não tem idade porque sobrepõem o tempo e desafiam os séculos. A Alemanha — que se proclamava obreira da cultura universal — tem sido, no mundo moderno, a grande destruidora de relíquias. Nação iconoclasta, pesa sobre o seu nome o crime de ter exilado os seus maiores cientistas e homens de arte, antes de ter dado início ao maior saque da História Universal.

Os bárbaros descendentes dos Reis Cabeludos dos primeiros séculos do Cristianismo não se contentam em roubar a vida e mulheres e crianças: queimam os templos em que todos testemunham a fé na continuidade da alma. Ferem as suas vítimas no corpo e no espírito, no temporal e no eterno. Não deixam, aos mártires, olhos para chorar, motivo para sobreviver. Alucina-os a volúpia de destruir. As lágrimas alheias são o melhor néctar para lhes dessedentar a garganta feroz, em que ainda revivem os gritos bestiais das feras dos primeiros ciclos da vida universal...

Os continentes devastados e sanguinolentos; as pátrias escravizadas; longas tradições militares perdidas; cidades queimadas pelo fogo das bombas e furor dos incêndios; praias repletas de destroços de homens e de máquinas; árvores comburidas, levantando, para os céus, os braços dilacerados dos ramos; igrejas feridas de morte, com a neve exposta ao clamor dos ventos e à fúria dos temporais; os altares desfeitos, as santas imagens poluídas e maceradas pelo contacto de mãos sujas de sangue e de pólvora... que vemos, Senhor, no panorama deste mundo e no horror desta hora!...

Que vos fez a família humana para permitirdes semelhante ruína e injustiça? Houve algum cisma no seio da comunidade cristã? Perseguiram-se os vossos sacerdotes? Queimaram-se as táboas da Lei?... Como Sodoma e Gomorra, nos tempos bíblicos, tôdas as cidades pagarão o seu tributo de morte e o seu resgate de sangue?...

O mundo entra na fase crepuscular das agonias coletivas. Este é o epílogo da coréia trágica das nações belicosas e desumanas. A dança de fogo das potências segue o ritmo decadente que assinala o cansaço dos músculos e a perda das faculdades intelectivas. A Alemanha — Salomé de olhos mortíferos e sanguinosos — cambaleia no último compasso da valsa macabra a que forçou a humanidade...

Os espectadores, com as narinas impregnadas do cheiro acre do sangue, anseiam pelo fim da grande tragédia político-militar do século. Como depois de Waterloo, uma nova idade sairá dos escombros das batalhas e dos estertores dos moribundos.

Senhores, atenção! Nero, com a toga rasgada e a face pálida, lança em torno de si o olhar dos condenados à morte — em cujo clarão perpassa o reverbero dos incêndios e o clamor dos mártires...

BERILO NEVES

As atribulações de um repórter com o

POR diversas vezes a reportagem da REVISTA DA SEMANA, agora e por força de seus deveres profissionais, às voltas com o momentoso tema da literatura — e também da pintura — de além-túmulo, tem sido assediada por pessoas amigas sobre os perigos de tantas e tão sucessivas incursões no terreno do espírito.

— Cuidado com as consequências — dizem-nos então. Si vocês não acreditavam no espiritismo, por força acabarão convertidos nesse credo...

Ou então:

— Que tal os fenômenos por vocês

assistidos? Tem realmente significado concreto — ou não passa, tudo, de simples ficção à qual vocês aderem para imprimir um cunho de sensacionalismo ao que, depois, vão escrever?

Outros, mais perfurantes, avançam o sinal e dizem mesmo:

— Vocês acabam malucos e a família não sabe...

Um velho confrade já nos recordou o episódio sucedido aqui mesmo, no Rio, com um conhecido repórter, a quem o secretário incumbiu de levar a efeito, com todas as características, uma série de re-

portagens sobre o mesmo assunto, com o propósito de desmascarar os embusteiros, e que se converteu no mais sincero adepto do "além-túmulo", sendo hoje um de seus praticantes de maior prestígio. E o velho confrade receitou que o fenômeno se repetisse com os rapazes aqui da REVISTA DA SEMANA, enquanto outro, menos afolto, incrédulo mas receando a existência de qualquer fundo verídico em tudo isto, adverte-nos, limpando os óculos que ele usa de manhã à noite:

— Cuidado... De mim, afirmo que jamais aceitará tal incumbência mesmo

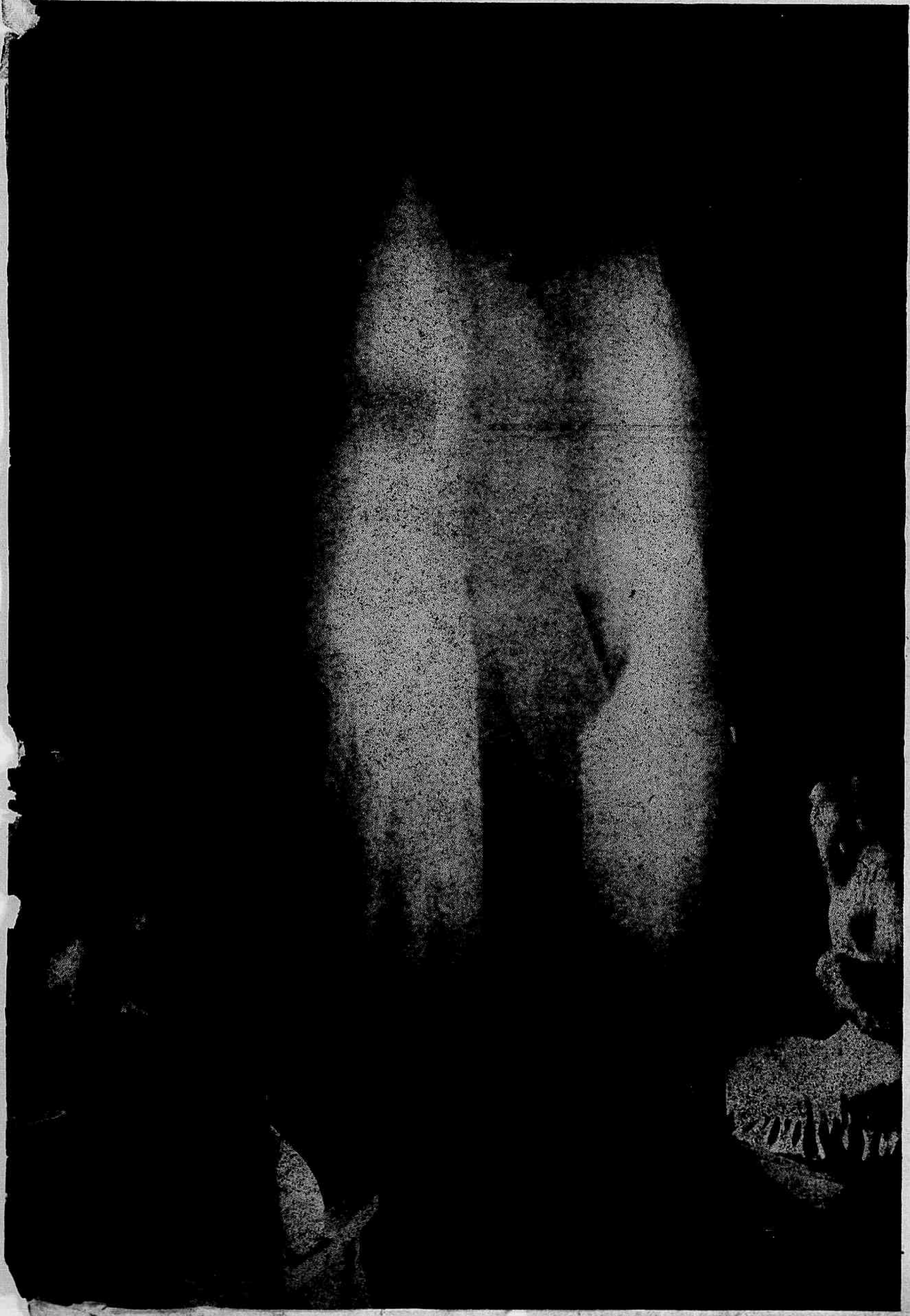
por dever de ofício. Meu caro, entre o céu e a terra muitas coisas misteriosas devem existir e não serei eu quem vá descobri-las... Pelas dúvidas, prefiro ficar no meu canto, ignorante e avesso às pesquisas...

Ora, senhores, já é tempo de esclarecer a nossa atitude com relação às reportagens em aprêgo. De início, vamos explicar que ao entrevistarmos, meses passados, o primeiro interessado no "caso" Humberto de Campos, isto é ao ouvirmos os filhos do saudoso escritor sobre a autenticidade das suas obras divulgadas pelos espiritistas, longe andávamos de imaginar que o assunto se estendesse por tanto tempo e resultasse de tal maneira substancioso. Não fora a necessidade de procurar motivo para as nossas reportagens de cada número e nada a respeito teríamos alertado, é bom frizar. Aconteceu, porém, que certo dia o interventor do Maranhão divulgou seus propósitos de transportar, daqui do Rio para o seu Estado, os despojos de três conterrâneos ilustres: Coelho Neto, Apolonia Pinto e Humberto de Campos. Foi esse o ponto de referência para o nosso trabalho. Não tivesse o sr. Paulo Ramos sugerido essa homenagem, que por sinal ficou em alvitre, e talvez o próprio Chico Xavier continuasse mergulhado na obscuridade da qual, segundo nos disse, não desejaria ter saído de novo. Mas a reportagem inicial, sobre a negativa da família Humberto de Campos em consentir que os despojos de seu chefe voltassem à terra maranhense, fez que o assunto explodisse com a impetuosidade que todos temos visto. Tão forte que se expandiu por outros jornais e revistas, fato que sobremaneira nos sensibilizou. Desde então, é claro que não podíamos desprezar o assunto — e não o desprezamos. Um após outro, foram ouvidos os interessados no caso ou aqueles que podiam interessar-se. Foi quando se admitiu a possibilidade de incluir na relação dos entrevistados o "médium" de Pedro Leopoldo, para ali se encaminhando o repórter.

Até esse momento, o tema limitava-se às controvérsias sobre os direitos de autor e a mistificação ou autenticidade dos livros "recebidos" por Chico Xavier. Tudo no terreno da retórica e da teoria, sem o menor desvio para o campo das provas físicas, si assim podem chamar-se. Mas em Belo Horizonte as coisas sofreram alteração com a prova à qual espontaneamente se submeteu o nosso herói. Ele teria sido, ali à nossa frente, o intermediário de uma mensagem de seu guia — Emmanuel — e, a menos que tudo fosse apenas mistificação, estaríamos assistindo, pela vez primeira aliás, a um fenômeno dessa natureza. E foi quando sentimos o peso de uma responsabilidade maior, porque estávamos na contingência de contar, aos leitores, o que acabava de ocorrer naquele aposento em que nos fecháramos, nós e o "médium". De que maneira podíamos enfrentar agora o assunto? Dando crédito à afirmativa de Chico Xavier, de que teria sido o "aparêlho" transmissor das palavras de Emmanuel? Deixando sofmismar que tudo não passava de ficção, embora não encontrássemos o fio da meada para desmascará-lo? E até onde os leitores dariam crédito à nossa afirmativa ou negativa?

Preferimos relatar, sem o menor co-

Será assim a materialização de um espírito? Que o digam aqueles que entendem do assunto e principalmente os chamados "médiuns". Esta gravura foi publicada em uma revista americana, esclarecendo a legenda que se trata da aparição de "um mensageiro do Além, materializado com o recurso dos fluidos". Nós preferimos reproduzir a legenda e a ilustração sem comentários maiores.



além-túmulo

mentário, tudo quanto víamos e ouvíamos, sem participar diretamente do "fenômeno". Parece que não erramos, pois se os espíritistas apreclaram o nosso trabalho não encontraram os não-espíritas qualquer agravante para nos acusarem de parcialidade. Estávamos satisfeitos porque dávamos conta do recado, pulando, habilidosamente, o precipício do "fenômeno". E continuávamos entrevistando os "pró" e os "contra", dando guarida, nestas colunas, tanto às considerações favoráveis dos primeiros, quanto às negativas formais dos outros.

Não faltavam, porém, os amigos acatoladores, telefonando, escrevendo ou advertindo de viva-voz, à nossa frente:

— Cuidado, amigos! O perigo é iminente... Se vocês persistirem nesse assunto, acabarão convertidos...

— Ou incrédulos — retrucávamos.

— Olhem o exemplo do Leal de Souza...

Que fazer? Ossos do ofício tem de suportar-se. E nós os suportávamos, embora desde então, em qualquer círculo onde aparecêssemos, numa esquina, num café, numa sala de visitas, lá estivesse sempre quem desejasse maiores detalhes do "fenômeno":

— Sim, você deve ter visto, deve ter ouvido mais alguma coisa além do que escreveu... Conte-me direitinho... Que tal o Chico? Acredita que ele é sincero mesmo? E por que? E se não passa de um mistificador — por que, também?

Nós ficávamos com uma vontade louca de mudar de assunto:

— Você sabe quem vai ganhar o "Grande Prêmio Brasil", amigo?

As atribuições do repórter estavam desaparecendo quando, para mal dos nossos pecados, fomos cientificados da existência, aqui no Rio, ali no bairro da Tijuca, de uma distinta senhora, também "médium", também desinteressada, também digna de ser ouvida pela reportagem. Tratava-se de uma "pintora mediúnica". Dias antes, um cavalheiro entrevistado sobre a literatura de Humberto de Campos recebida por Chico Xavier, estranhava que os "médiums" restringissem seu campo de atividade espiritual à esfera literária.

— "Por que não pintam?" — interpe-lava o cavalheiro.

E ali estava agora, a dois passos do repórter atribuladíssimo, uma pintora mediúnica! Era preciso ouvi-la, fotografar seus quadros, saber como recebia os fluidos de seus "gulas", desvendar outro fenômeno, enfim...

E lá fomos, acompanhados do fotógrafo, testemunha do que pudesse acontecer, cúmplice ou "parceiro", do que viesse a ser, mais tarde, relatado ao público.

O que aconteceu na residência da senhora Dinorá de Azevedo Simas Enéas foi circunstanciadamente divulgado em nosso número anterior. Ali fomos recebidos com o simples propósito de trocar alguns minutos de palestra, com o consentimento prévio para bater algumas chapas fotográficas. Em dado instante, sugerimos que a senhora Dinorá posasse para Arnaldo Vieira sentada junto ao seu cavalete, tal como ao receber a intuição dos pintores de além-túmulo. Presentes, além da entrevistada, duas irmãs da mesma,

seu marido o coronel Alfredo Simas Enéas e um casal visitante da casa, a senhora também "médium".

— E si neste momento exato — dissemos ao acaso — d. Dinorá percebesse a "intuição" para pintar alguma coisa?

Todos sorriram. Não era possível. A senhora Dinorá recebia, sempre, comunicações prévias. E jamais havia pintado, sob a influência mediúnica, diante do casal ali presente, que desde longos cinco anos tem participado do convívio da família e das suas experiências. Contrariando, porém, essa afirmativa, logo ocorria alguma coisa de inesperado e realmente sensacional. Apenas posando para o fotógrafo, sentada na sua banquetela, tendo no regaço uma caixa de sabonetes com os crayons e apetrechos para pintar em "pastel", de súbito a senhora Dinorá le-

vou a mão direita à cabeça, uma, duas, três vezes, estremeceu ligeiramente, exclamando:

— "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo"...

E logo após requisitou a presença de "três aparelhos". As duas irmãs da "médium" e a senhora que ali se encontrava em visita acercaram-se. O fotógrafo, pronto para bater a chapa, quedou-se, imobilizado, enquanto a senhora Dinorá passava a rabiscar a folha de papel afixada ao cavalete, manejando o crayon, dando traços rápidos, vertiginosos, substituindo os "pastels" de côr em côr, sem olhar mais a caixa de onde os retirava... Fixamos o nosso relógio-pulseira: eram precisamente vinte e duas horas e cinco minutos. As vinte e duas e dez o trabalho estava concluído. Foi publicado em pá-

gina inteira da REVISTA — uma cabeça de índio com um nome apôsto: "Araré".

Entreolharam-se os presentes. Ninguém se espantava, mas todos se congratulavam, "porque o espírito havia desejado dar uma demonstração em favor da reportagem". E pouco depois dali nos afastávamos, trazendo o original em questão — e outros trabalhos da senhora Dinorá. O resto foi publicado com todos os por menores.

Agora as atribuições da reportagem voltaram. Haviam esfriado depois do "fenômeno" proporcionado por Chico Xavier, recrudescendo com o fato de termos assistido à execução de um quadro. E os ami-

(Continúa na pág. 53)

Escreveu CELESTINO SILVEIRA



— Outro dia tentei este método de pescar e acho-o péssimo.



— Tendo voltado do norte da Africa, não sei como ainda pode suportar a vista da areia.

DE BOM HUMOR



4 — Podes ficar ainda um pouco. Ele está se divertindo com o quépi.

— Não temes que, acabada a guerra, não possamos mais obter estes objetos tão úteis a que já nos habituámos.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 26-8-1944 --- N. 35

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 823. Tel. 4-7886

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA:

Cinco anos de guerra (Berilo Neves).....	3
Atribuições de um reporter com o além-tumulo (Celestino Silveira).....	4/5
O mistério do segundo Pepino (A. Christie).....	23
Maciel Monteiro Diplomata (Escagnolle Doria).....	26
A Queixosa (Humberto de Campos).....	27
Caçando Marido (Jeanette Dubois).....	40
Livros Novos.....	46/47

REPORTAGENS:

O Jubileu das Bandeirantes do Brasil.....	8/13
A Caricatura Está Agonizante.....	14/17
Jockey Clube.....	18
Figuras e Fátos.....	42

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	29
Modas.....	32/33
Chapeus e Outros Modelos.....	50/52

CURIOSIDADES:

Belo Horizonte, a cidade surpresa.....	24/25
Artes Plásticas.....	28

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar **Regulador Gesteira**

Ann Sheridan.....	30/31
Mark Twain vai reviver no cinema.....	34/37
Um modelo famoso de Renoir.....	38/39

SEÇÕES:

Aconteceu no Rio.....	19
A guerra em marcha.....	20/22
De Rádio (Djalma Maciel).....	43
De Musica (Roberto Lyra Filho).....	45

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	6
"Charge" de Raul.....	56

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	57/58
----------------------------------	-------

SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!

MELHOR PELO PRÊÇO E PELA
EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

FOI d'aquela arrancada para os sertões brasileiros de norte a sul, em busca das riquezas do subsólo, numa aventura de epopéia romanesca, que surgiu o vocábulo heróico, hoje símbolo mirífico de tudo quanto significa coragem, intrepidez, ousadia, persistência, força, energia e civismo construtor.

Tomando como égide esse nome simbólico, um batalhão de jovens e crianças se arregimentou para ajudar com denodo a construir um Brasil de futuro sadio, nacionalista, pacífico e progressista; moldando a uma disciplina de cultura física e intelectual, de alto idealismo e moral, tanto o corpo como a alma que terão de servir à nobre ação de ajudar ao Brasil sempre mais e melhor.

Ha milenios já dizia Platão:

"As ideias regem o mundo, mas uma ideia destituida de ação nada vale."

O grupo das Bandeirantes constitui uma ação em marcha vitoriosa pelo mundo inteiro, porque elas pertencem ao corpo universal de escotismo.

Lord Baden Powell, herói das campanhas da Africa, foi o fundador dessa escola de caráter educacional e disciplina, cuja finalidade inicial era salvar uma juventude livre, vadia e viciosa, que pervagava pelas ruas, implantando a desordem e fazendo alarde de um cinismo devastador. A mediocridade que hoje avassala o mundo, impondo seu valor de moeda falsa, de brilho fictício, ameaçava, naquele então, fazer degenerar a nobre e grande raça. Powell — como um novo e genial Messias — sentiu isso e antepôs à catástrofe o amparo protetor e sobretudo regenerador do escotismo.

O escotismo com a publicação do "Scouting for boy" evangelho de disciplina moral e guia ao mesmo tempo de civismo, como também manual de higiene e esporte, universalizou a ideia do escotismo e, mais do que isso, tornou-o um ideal de forte envergadura construtiva, educacional. Foi então que a iniciativa começou a interessar vivamente o arraial feminino. Baden achava impraticável porém, ou ainda incipiente, o meio feminino e doméstico dos começos deste século, para tal; contudo incumbiu sua irmã, Agnes Baden Powell, de uma adaptação racional de seu método, e em 1910 ela publicou "Como pôde a jovem auxiliar seu país". Baden deu a esse movimento valoroso o nome de "Girl Guides", lembrando-se dos guias destemidos e inteligentes das densas e invias florestas africanas.

Através as emaranhadas florestas da vida, os cinco sentidos femininos seriam os melhores guias nas grandes aventuras da humanidade sobre a terra.

Em 1919 o Brasil alistou-se nesse valoroso exército universal. A srna. Jeronima Mesquita, pioneira de tanta iniciativa útil, o foi também dessa obra de tamanha significação na organização de uma nacionalidade forte e eficiente; foi seu esforço o primeiro a agir ao lado de Lady Mackenzie.

Em 13 de Agosto foi fundado o 1.º núcleo na residência mesmo de Lady Mackenzie, onde a elite social do Rio, assistiu, entre aplausos calorosos, à primeira promessa das Bandeirantes brasileiras — "Prometo sob minha palavra de honra:

- 1.º — Ser leal a Deus e à minha Patria.
- 2.º — Ajudar o próximo em todas as ocasiões.
- 3.º — Obedecer ao código bandeirante".

E' seu lema: *Semper Parata! Sempre alerta!*

O código encerra dez mandamentos que enquadram a mulher brasileira num grande e nobre destino, destino cívico que mais e mais a leva ao seu destino real de esposa e mãe.

A orientação católica desse batalhão de moças está confiada à competência e cultura de Monsenhor Leovegildo Franca que sabe ser também um bom general da paz. E' presidente de honra da F. das Bandeirantes D. Darcy Vargas, uma valiosa patrona e admiradora da obra, da qual é chefe nacional D. Lourdes Lima Rocha. Senhoras da mais alta sociedade carioca têm a seu cargo a direção desse movimento que tem representantes em muitos Estados: A CRIANÇA BANDEIRANTE.

Nesta instituição, que pretende melhorar a humanidade, pela educação e cultura, a criança não poderia deixar de ter o seu lugar de destaque, como argila que um oleiro artifice pôde transformar em obra de perfeição.

Sem sair do seu mundo encantado dos contos de fada; as meninas aprendem a servir com alegria, sendo uteis aos pais, irmãos, amigos. São elas mesmas, as boas fadas, que nos jogos, estudos, divertimentos e esportes aprendem também a fraternidade no seu nobre senso de solidariedade e união. Uma pequenina fada tem seu lema: FAS (fada ajuda sempre), tem seu canto, tem seu chefe e tem o lugar mágico onde se produz o *Encantamento* que a transforma de simples mortal, cheia de defeitos, numa figura mágica dos contos de Scheherazade. A fórmula do Encantamento começa assim: "Nosso círculo mágico vamos formar..."

E para *Eles*, os futuros governantes de um país de progresso pacífico, a orientação foi tirada do celebre *Mowgli* de Kipling, o menino lobo que deve obedecer sempre a Akelá, o velho lobo cinzento, que neste caso é o chefe do acampamento. Ele aprende a distinguir Shere-Khan — o tigre cruel, Tabaqui — o chacal covarde, de Bagera e outros bons amigos, dos quaes, no mundo dos homens, existem tantos exemplares. E seu caráter se forja e se retempera ao ar livre lendo a bíblia da Natureza, o *Ramayana* sábio, vivendo um pouco de poesia elevada e simples, dentro do prosaísmo econômico da mais trágica época que lhe foi oferecida pelos Shere-Khan, do mundo atual.

Bandeirantes, Joana D'Arc' é vossa patrona celeste; que seu gládio vos abra na história um capitulito mais feliz.



APÓS O SERVIÇO NOS CAMPOS, É FACULTADO ÀS JOVENS BANDEIRANTES UM RÁPIDO PASSEIO PELO PARQUE DA CIDADE. E AQUI AS VEMOS, JOVIAIS, FELIZES, POSANDO PARA A NOSSA OBJETIVA. É PENA NÃO PODERMOS REPRODUZIR OS COMENTÁRIOS ALEGRES QUE ENTÃO OUVIMOS...

MATANDO A SÊDE, COM A ÁGUA. ELA É FRESCA E PURA. E AS MOÇAS NÃO PERDEM TEMPO EM SABOREÁ-LA, PORQUE AS OBRIGAÇÕES DE SERVIÇO DEVEM RECOMEÇAR DAÍ A INSTANTES E ENTÃO NÃO SOBRARÁ VAGAR PARA BEBER ÁGUA, SIQUER. AS BANDEIRANTES TÊM QUE DIVIDIR AS HORAS SABIAMENTE...



O JUBILEU DAS BANDEIRANTES DO BRASIL

Um momento solene para começar o dia: o içamento da Bandeira Nacional





PREPARANDO UM PRATO CARACTERÍSTICO DA SUA REGIÃO.
AS BAIANAS TÊM UM GEITINHO ESPECIAL PARA COZINHAR...
O FOGÃO É IMPROVISADO, ALI MESMO. O FOGO, ACÊSO COM
GRAVETOS. VAMOS SABOREAR O CARURÚ?



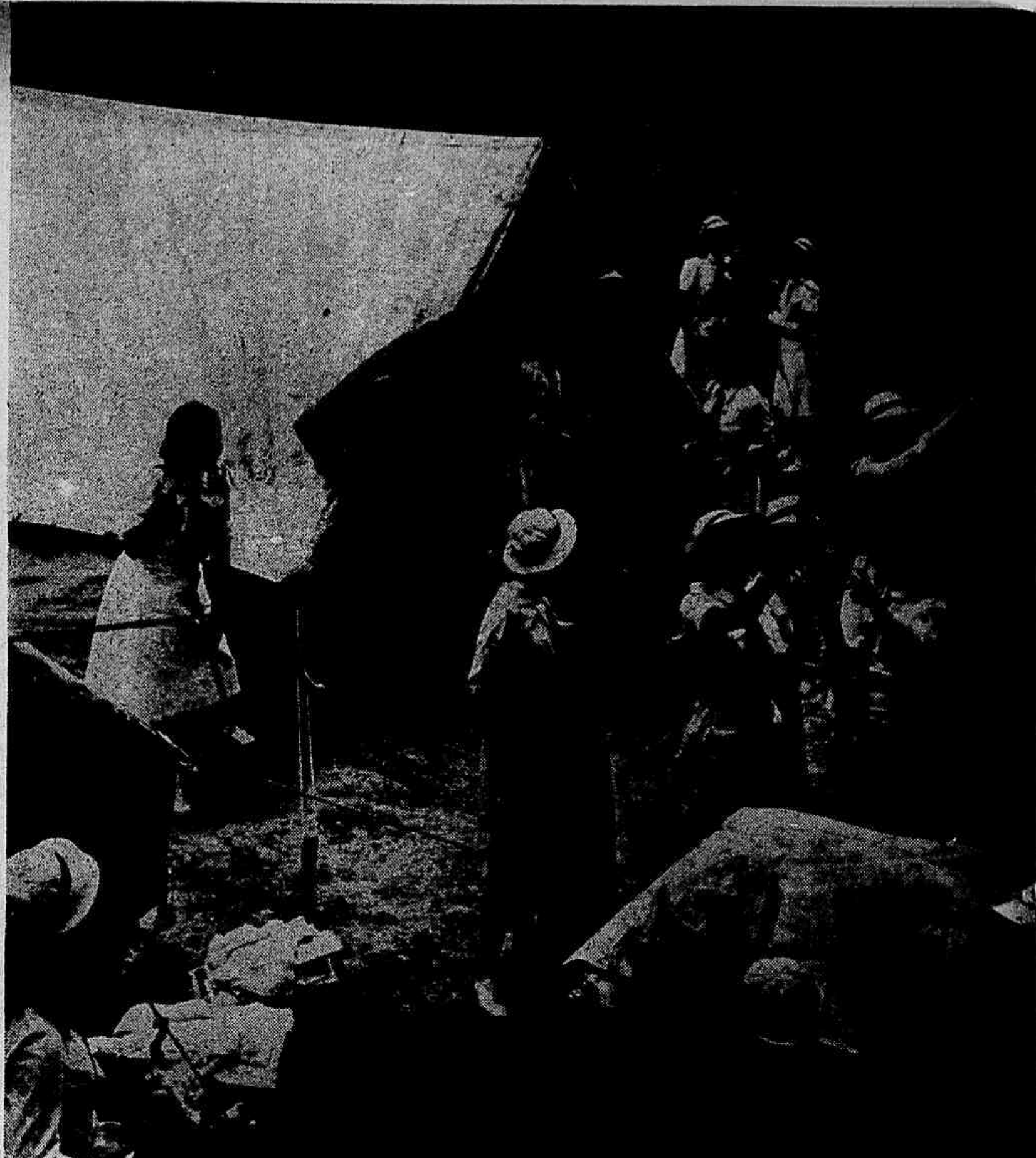
UM ESPETÁCULO NOVO, ABSOLUTAMENTE. AS BANDEIRANTES, A CAMINHO DO
ACAMPAMENTO, VIAJAM EM CARROS DO EXÉRCITO. DESTA VEZ O "JEEP" ESTÁ
TRANSPORTANDO MOÇAS E BEM BONITAS... QUE HONRA!

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FOI VISITAR AS BANDEIRANTES NO ACAMPAMENTO. ELAS PRESTAM-LHE SUCESSIVAS
HOMENAGENS — E TUDO SÃO SORRISOS E CONTENTAMENTO DO MAIS CONTAGIOSO. NA GRAVURA, UM FLAGRANTE.





A SENHORA VERA DELGADO DE CARVALHO, PRESIDENTE, E A SENHORA JERONYMA MESQUITA, CHEFE FUNDADORA DA FEDERAÇÃO. AMBAS ASSISTEM, COM ENTUSIASMO, ÀS COMEMORAÇÕES FESTIVAS DO JUBILEU DE PRATA.



ARRUMANDO O "CAMPO PÃO DE AÇÚCAR". O ACAMPAMENTO FICOU DIVIDIDO EM QUATRO CAMPOS: O "PÃO DE AÇÚCAR", O "CORCOVADO", O "PEDRA DA GAVEA" E O "PICO DA TIJUCA". AGORA É PRECISO ARRUMAR AS TENDAS PARA DORMIR...

— "QUE VISTA MARAVILHOSA! OLHEM LÁ EM CIMA, AO LONGE, QUE ESPETÁCULO SOBERBO!" — E TODAS ACOMPANHAM O OLHAR DA PIONEIRA... PAULISTAS E CARIOCAS OBSERVAM, DO ALTO DO MORRO DO CAPIM MELADO, OS BAIRROS DE IPANEMA E COPACABANA QUE SE ESTENDEM LÁ EM BAIXO. PARA UMAS, O PANORAMA É FAMILIAR. PARA OUTRAS, ABSOLUTAMENTE INÉDITO...





AS CHEFES DE QUATRO REGIÕES BANDEIRANTES RECEBEM A COMUNHÃO DAS MÃOS DE MONSENHOR LEOVEGILDO FRANCA, ASSISTENTE ECLESIASTICO DA FEDERAÇÃO. A CERIMONIA GANHA, ASSIM, TOCANTE E PIEDOSO ASPECTO. O ESPIRITO RELIGIOSO DA NOSSA GENTE ALI SE REFLETE, NAQUELAS MOÇAS PATRICIAS QUE RENDEM CULTO AO SENHOR E PRESTAM SERVIÇOS AOS SEUS SEMELHANTES.

DURANTE A MISSA CAMPAL, NO MORRO DO CAPIM MELADO. AS JOVENS, EM VARIAS FILAS, ACOMPANHAM O SANTO SACRIFICIO, EFGUENDO OS CORAÇÕES AO ALTÍSSIMO, PEDINDO-LHE QUE AS ABENÇOE. E NÃO SERÁ PRECISO GRANDE ESFORÇO PARA SENTIR QUE A BENÇÃO LHEZ TERÁ SIDO CONCEDIDA. ELAS A MERECEM, PORQUE SE ESFORÇAM E SACRIFICAM SEM PROVEITO PROPRIO.



The Trinidad and Tobago Girl Guides send greetings to the Bandeirantes of Brazil and wish them many more happy years of guiding and friendship with other countries.

Catherine Mundus

August, 1944

Through the courtesy of Revista da Semana it gives me great pleasure to send birthday greetings from our World organization to every Bandeirante in Brazil.

Ethel Bush

Agradeço de todo coração las pruebas maravillosas del verdadero espíritu de hermandad que nos han dado las Bandeirantes de Brasil.

Hilda M. Borent

Sec. Girl Guides del Uruguay

AS SENHORAS CATHERINE MUNDAS, ETHEL BUSH E HILDA M. BLORENT, RESPECTIVAMENTE AS REPRESENTANTES DAS BANDEIRANTES DOS EE.UU., DA INGLATERRA E DO URUGUAI, TIVERAM A GENTILEZA DE OFERECER-NOS SEUS AUTOGRAFOS: "AS MONITORAS DE TRINIDAD E TOBAGO ENVIAM SAUDAÇÕES ÀS BANDEIRANTES DO BRASIL, DESEJANDO-LHES MUITOS ANOS DE FELIZ ATIVIDADE E AMIZADE COM OS PAÍSES IRMÃOS". — "POR INTERMÉDIO "DA REVISTA DA SEMANA", É PARA MIM GRANDE PRAZER ENVIAR FELICITAÇÕES A TODAS AS BANDEIRANTES DO BRASIL PELO JUBILEU DA NOSSA ORGANIZAÇÃO" — E "AGRADEÇO DE TODO CORAÇÃO AS PROVAS MARAVILHOSAS DO VERDADEIRO ESPÍRITO DE FRATERNIDADE QUE NOS DERAM AS BANDEIRANTES DO BRASIL".



E AGORA, ELAS VÃO EXCURSIONAR PELAS ALÉAS DO PARQUE DA CIDADE, LOCAL DO ACAMPAMENTO JUBILAR. DÊRAM CONTA DE SUAS OBRIGAÇÕES, TEM HORA CERTA PARA VOLTAR, QUEREM E PODEM DISTRAIR UM POUCO O ESPÍRITO. SÃO MOÇAS BRASILEIRAS QUE TEM UMA FINALIDADE A CUMPRIR — E A CUMPREM, SEGURAMENTE. HA VINTE E CINCO ANOS, PATRICIAS ILUSTRES LHE DÃO ESSE EXEMPLO.



Ainda em "O Tico-Tico", em 1906, eram esses os bonecos desenhados por J. Carlos. Esses não são conhecidos, como tantos outros tipos que, todas as semanas, eram ansiosamente esperados pelas crianças daquela época, os papais e vovós de hoje.



Todos os acontecimentos importantes, curiosos ou grotescos da cidade são registrados pela inteligência e a habilidade de J. Carlos. Olhando a série de caricaturas suas, desde que começou a publicá-las, temos um retrospecto da vida do Rio.

"A CARICATURA ESTÁ AGONIZANDO"

DECLARA J. CARLOS

"NUNCA IMAGINEI QUE FOSSE ACABAR PINTANDO" — DEDIQUEI-ME AO DESENHO ACIDENTALMENTE — "A CARICATURA ESTÁ AGONIZANDO E OS CARICATURISTAS ESTÃO IMBECILIZADOS" — "A FUNÇÃO DA CARICATURA É FAZER RIR" — A INVASÃO DOS BONECOS AMERICANOS — "WALT DISNEY É UM POETA DO LAPIS" — O DESENHO ANIMADO NO BRASIL — "ESTADOS UNIDOS, MECA DE TODOS OS ARTISTAS" — A ARTE INDIVIDUAL EUROPÉIA E A ARTE MECÂNICA DOS ESTADOS UNIDOS — MOUCHAT E O ART NOUVEAU — MARINETTI E O FASCISMO — "A QUANTIDADE DE DESENHOS QUE TENHO FEITO DARIA PARA FERRAR A AVENIDA RIO BRANCO"

A caricatura de J. Carlos incontestavelmente evoluiu, adquirindo maior simplicidade no traço. Seus bonecos, pela expressão e atitude, contam-nos a história da vida da cidade. Aqui está uma "fila", das muitas desenhadas por J. Carlos.



A página agrada. A caricatura reflete um tipo que tantas vezes imagináramos, mas que não conseguimos concretizar. A gente lê a piada, acha graça, mas nem repara nas letras pequenas ao lado, a assinatura do autor da anedôta e da caricatura.

Esses artistas quasi anônimos, interpretes e concretizadores da verve carioca, são ignorados pela grande maioria. E, no entanto, eles são os narradores da vida da cidade. Através das suas "charges", tolos rimos dos nossos próprios hábitos, quando os olhamos caricaturados. Sim, porque o caricaturista é uma espécie de fotógrafo incansável da vida e dos hábitos da cidade, que usasse na sua máquina, uma lente convexa de tal modo que os fatos comuns, muitas vezes tristes, nos aparecem sob um aspecto inesperado, provocando o nosso riso.

É preciso que todos conheçam aqueles que tão bem sabem analisar os hábitos da cidade, reproduzindo-os nos jornais e revistas.

Resolvemos por isso entrevistar alguns dos mais conhecidos caricaturistas cariocas, aqueles que mais de perto e há mais tempo seguem a vida da cidade.

Para isto, fomos procurar J. Carlos, o conhecido caricaturista da "Caretta".

Fomos encontrá-lo na sua residência, na Gavea.

Tem um ar tranquilo, um jeito calmo. Observação curiosa: como quasi tolos os que fazem graça, os que criticam, J. Carlos é, como pudemos constatar, um homem triste.

Triste com a situação do mundo, desiludido da sua arte.

○

— *A sua vocação para a pintura manifestou-se muito cedo?*

— Não tinha o menor jeito para a pintura. Tornei-me caricaturista acidentalmente. E no entanto, desde colegial faço caricaturas.

— *E' engraçado. Em geral essas vocações se manifestam cedo e de modo decisivo, que não deixa dúvidas. Quasi todos os pintores são entusiastas da sua arte.*

— Comigo não aconteceu o mesmo. Para lhe dizer com franqueza, não sinto grande entusiasmo pelas minhas criações.

— *Mas como começou a fazer caricatura e por que continuou?*

— Eu era ainda colegial. Por brincadeira, tendo desenhado um boneco qualquer, resolvi mandá-lo a um jornal. Era "O Tagarela", de propriedade de Perez Junior, onde trabalhava Raul Pederneiras. Receberam o meu desenho. Acharam horrível, como era de esperar. Entretanto, chamaram-me ao jornal para me ensinarem como deveria fazer o traço. O mais interessante é que o meu desenho foi publicado. Naturalmente senti-me encorajado para mandar outros. Aquilo fôra a semente.

— *Otima semente, acrescentamos.*

— Péssima semente, contestou desiludido J. Carlos. A minha obra não tem grande valor. Não tem expressão. Produzi muito, isto é verdade. Os desenhos que tenho feito nos meus trinta e tantos anos de profissão, dariam para cobrir a Avenida Rio Branco.



J. CARLOS, O CARICATURISTA BRASILEIRO QUE PODIA ESTAR MILIONARIO SI ACEITASSE QUALQUER DOS CONTRATOS QUE INUMERAS VEZES LHE FORAM FEITOS, PARA TRABALHAR NOS EE.UU., PREFERINDO, NO ENTANTO, CONTINUAR ILUSTRANDO AS PÁGINAS DAS REVISTAS CARIOCAS. TODOS O CONHECEM ATRAVÉS DE SEU TRAÇO INCONFUNDIVEL, PERSONALÍSSIMO, UM TRAÇO QUE EVOLUE E ACOMPANHA AS MODAS. MAS SÃO POUCOS OS QUE O CONHECEM QUANDO O ENCONTRAM NAS RUAS DA CIDADE.



J. CARLOS NÃO É APENAS O CARICATURISTA BIZARRO, COMENTANDO COM SADIO HUMOR OS ACONTECIMENTOS DE CADA HORA UNIVERSAL. ELE SABE SER TAMBÉM, QUANDO NECESSÁRIO, UM FINO ILUSTRADOR DE LIVROS, COMO SE VÊ NA GRAVURA ACIMA. ESTA É UMA ALEGORIA DO POEMA "CRISTO", DE CORRÊA PINTO, INCLUIDA NO LIVRO "FASCINAÇÃO", TODO ILUSTRADO POR J. CARLOS.

Espantava-nos a modestia do nosso entrevistado. Sem nenhum favor, J. Carlos pode ser considerado um dos nossos melhores caricaturistas atualmente. E não se tratava de falsa modestia. Ele não lançava as suas frases esperando o clássico "não apoiado". Falava sinceramente.

— Sabe? — continuou — Eu sinto que, afinal de contas, tudo o que tenho feito não representa grande coisa. Gostaria imensamente de ter sido compositor, ter composto música, alguma coisa que não morresse.

J. Carlos julgava inútil a sua obra. Tinha a grande desilusão de alguém que não tivesse alcançado o seu desiderato na vida.

Interrompemos o caricaturista. Queríamos que nos contasse a sua carreira. E depois, embora não tivessemos protestado, não será preciso dizer que não estávamos de acordo.

— Ficou muito tempo no "Tagarela"? —

Pouco tempo, porque a sua duração foi curta. Depois disso colaborei em diversos jornais. Certo dia fui convidado a desenhar para um jornalequinho chamado "Avenida". Era a primeira vez que recebia um convite daquela natureza. Evidentemente, não poderia deixar de me sentir satisfeito. Entretanto, o proprietário e eu nunca chegá-

mos a um acordo quanto ao pagamento.

Daí fui para o "Malho", dirigido então por Luiz Bartolomeu. Pela primeira vez os meus bonécios iriam dar-me remuneração compensadora. Não permaneci muito tempo no Malho. Passei daí para a "Caretta".

— E lá ficou até agora?

— Não. Voltei ainda ao "Malho" antes de ingressar definitivamente na "Caretta". Posso dizer que colaborei nesta revista desde a sua saída.

— Tem colaborado para algum jornal fora do Rio?

— Sim. Para muitos jornais e revistas de São Paulo. Entre outros "A Cigarra" e "A Vida Moderna".

— Visa alguma coisa com a caricatura?

— Não. Desenho por desenhar. Já houve um tempo em que desenhava apenas para ganhar dinheiro. Faço aquilo que o jornal me pede.

— Mas acha que a caricatura possa ter uma finalidade, além de ser um passatempo e uma diversão?

— A propósito disto já tive uma discussão com Julião Machado. Manifestei a minha opinião de que a finalidade da caricatura era apenas fazer rir. Aquele grande caricaturista e desenhista

contestou-me, pois achava que a caricatura devia ter uma função mais elevada e mais séria: Criticar e demolir o que estivesse errado.

— Ridendo castigat mores?

— Isso mesmo.

— E não compartilha absolutamente desta opinião?

— Naturalmente depois fui mudando de idéia. Entretanto, a caricatura, sendo uma arma de crítica, exige um ambiente adequado. Os regimes ditatoriais, estrangulando as manifestações da inteligência e o senso de crítica, tem dado rudes golpes na caricatura. Posso citar o caso de dois jornais estrangeiros, dos mais famosos entre os que se dedicavam à caricatura, que foram obrigados a fechar: o "Simplicissimi", jornal alemão publicado em Munich, especializado em caricaturas políticas e "l'Asino" de Roma. Naturalmente a sensibilidade dos chefes facistas e nazistas não podia suportar a análise fria e imparcial.

Entre nós sempre foi diferente. A caricatura nunca foi tão violenta como na Europa, onde era anarquista, visando violentamente uma revolução social.

Creio que o nosso caricaturista mais violento foi Angelo Agostini. Aliás, no tempo do Império, não foi o único. A caricatura era por vezes bem violenta, tendo como principal objetivo a abolição da escravatura. E parece que, neste sentido, obteve os resultados desejados, pois a escravatura foi abolida em nosso país.

E a sua força era grande. Basta dizer que o próprio Angelo Agostini entrou para o grupo dos abolicionistas por causa das suas caricaturas.

Naquele tempo os artistas visavam um determinado objetivo.

— E atualmente? perguntamos.

— Acho que não temos uma orientação. A caricatura está limitada a bonécios sem maior expressão.

— Acredita em evolução da caricatura entre nós?

— Não. Nem aqui nem em nenhuma parte do mundo. Acho que não há um ambiente propício para o desenvolvimento da caricatura.

Reproduzir, deformando, a cara de pessoas ilustres, famosas ou conhecidas por qualquer motivo, nos jornais, não tem nenhuma significação.

Entre nós, por exemplo, a decadência da caricatura é tão vertiginosa que dificilmente ela se poderá restaurar.

— Não acredita então que haja valores novos entre nós, nesta arte?

— Pelo contrário. Acho que há muitos valores novos, muita gente de talento. Mas que adianta? Sabe a impressão que me dão?

A de uma porção de acrobatas na porta de um circo, esperando que lhe deem trapézios onde possam fazer acrobacias. Mas se não há trapézios...

— Acha que o desenho animado possa influir na decadência da caricatura?

— De modo nenhum. Pois se o desenho animado, incontestavelmente em franco progresso, é caricatura animada!

De qualquer modo, eles, o desenho animado e a caricatura de jornal, não podem interferir um com o outro pois agem em campos inteiramente diversos e afastados.

— Que acha de Walt Disney?

— Tive ocasião de conversar com ele, embora por muito pouco tempo, quando esteve aqui no Rio. Na minha opinião é um poeta do lápis, um verdadeiro esteta. Tem produzido verdadeiras obras primas: Fantasia, Bimbo, e tantas mais.

Entretanto, seria uma ingenuidade e uma falta de perspicácia atribuir todos os tipos que aparecem em desenhos animados com a sua marca, à sua imaginação ou mesmo à sua habilidade.

Disney é realmente um artista. Mas um artista que soube organizar a sua arte e transformá-la numa indústria que já o tornou milionário. Tem sob as suas ordens um verdadeiro exército de artistas especializados, trabalhando para ele. E' aliás muito fácil de constatar a diferença fundamental entre alguns tipos que aparecem em seus desenhos, como o Camondongo Mickey, a Vaca Floribela ou o Pateta. O primeiro é delicado, quasi espiritual, ao passo que os outros são pesadões, quasi indecentes mesmo.

— Acha que poderíamos ter no Brasil desenho animado?

— Já recebi, ha algum tempo, uma proposta para fazer desenho animado em nosso país. A pessoa que me propoz o negócio disse-me muito entusiasmada que podíamos dispor do capital necessário.

Sabe o que lhe respondi? Que estava trazendo o para-raios para uma casa ainda sem os alicerces. Pois se não conhecemos ainda nada de desenho animado. A única solução seria mandar alguém competente estudar esta arte durante algum tempo num estudio dos Estados Unidos. E' preciso que nos convençamos definitivamente que não se pode improvisar a técnica. Só o estudo, a experiência, poderão conduzir a um resultado satisfatório. Dinheiro é secundário no caso. Precisamos de experiência e organização.

E' por isso que os americanos tem vencido em todos os setores.

— *Inclusive na caricatura de imprensa?*

— Quer maior prova disso do que o exito entre nós das historietas em quadrinhos?

— *Acredita que elas tenham prejudicado, com a concorrência, os caricaturistas nacionais?*

— Concorrência não é bem o termo a ser empregado no caso. Que concorrência poderíamos nós oferecer a essa formidável industria da caricatura?

O senhor já imaginou o dinheiro que essas historietas dão aos seus autores? Quando nós as temos em nossos jornais e revistas, elas já percorreram o mundo dando uma fortuna aos seus criadores. Dispondo de meios técnicos aperfeiçoadíssimos, de uma verdadeira equipe de colaboradores, eles não precisam temer concorrência de artistas isolados, não podendo dispor dos mesmos elementos. No meu caso, por exemplo, afastei-me sem protestar. Eu não estou absolutamente protestando, por despeito, achando que fui derrotado. Apenas, tirei do páreo o meu pangaré. Pois se ele não poderia mesmo concorrer com os puo sangue!

— *Não pretende então criar novos tipos na caricatura?*

— Não. Aliás, para lhe falar com toda a franqueza, nenhum dos

bonécos que criei me satisfaz. Acho-os inexpressivos.

— *Entretanto, os seus tipos de "O Tico-Tico" divertiram algumas gerações. Todos nos lembramos perfeitamente do "Jujuba", do "Carlota" e de tantos outros, que foram nossos companheiros de infância.*

— Já não os faço mais. Como disse, cedi alegremente o lugar que eles ocupavam a Brucutu, ao Fantasma Voador, ao Mandrake e ao Ferdinando. Reconheço que eles tiveram uma invasão vitoriosa e se firmaram definitivamente. Que poderia eu fazer contra a industria organizada dos desenhos americanos sem poder contar com recursos técnicos e com dinheiro? O que se passa comigo, pode estar certo, acontece com todos os caricaturistas brasileiros.

— *De modo que, na sua opinião, estão contados os dias da caricatura aqui no Brasil?*

— Sem dúvida. Atualmente essa modalidade de artes só poderá existir dando margem a um lucro suficiente para pagar uma equipe de técnicos e manter uma industria.

— *Então o aspecto propriamente artistico da caricatura tende a ir desaparecendo?*

— Não só na caricatura. Todas as artes estão tendendo a um processo crescente de mecanização.

Nos Estados Unidos a técnica, a produção em massa estão gradativamente substituindo a arte individual européia.

Aquilo que um artista fazia empregando as suas habilidades, a sua inspiração, em muito tempo, é hoje feito num instante nos Estados Unidos. A ampliação de um quadro requeria a aplicação de regras classicas, demandando um tempo enorme e conhecimentos especialíssimos. Hoje em dia basta fotografar a obra, projetar a fotografia ampliada, cobrir de tinta e pronto!

Não podemos fugir à revolução da técnica que está invadindo até o terreno das artes.

— *Acha então que a arte pode vir a desaparecer?*

— A verdade é que não ha mais "qualidade" na pintura. A arte moderna não é mais do que a reprodução da sociedade na interpretação do autor. A arte passou a interessar mais pela representação de um determinado tema social do que propriamente pela sua essência.

— *Além da caricatura, já se dedicou a outro genero de arte?*

— Nunca. Apesar de lhe ter dito e repetido que a minha caricatura não me satisfaz, nunca me dediquei a outro gênero.

— *A sua caricatura tem evoluído?*

— Evidentemente. Já lhe disse que o meu primeiro desenho foi um acaso. Não pensava em dedicar-me à caricatura.

Não quero dizer que produza obras de arte, mas não posso negar

que evolui muito. Acredito que desenho razoavelmente.

Quanto à intenção da minha caricatura, esta foi sempre limitada pelo ambiente. Aliás, sempre fui equilibrado. Tenho a minha norma de conduta e não me deixo influenciar por falsas glórias. Nunca fui um cabotino. Nunca procurei escandalizar ou fingir falsas originalidades. Talvez por me ter sempre mantido naquele virtuoso meio termo, nunca fui mais do que um simples caricaturista, quasi desconhecido.

Já tenho visto muita gente provocar sensação, fazer escandalo e repentinamente perder todo o prestígio.

Quer dois exemplos, entre tantos que lhe poderia citar?

Mouchat e o art nouveau, Marinetti e o fascismo. O italiano pretendeu enquadrar a arte dentro de uma ideologia política. Aqui no Brasil foi apresentado por Graça Aranha.

Foi um grande erro do nosso patricio sujeitar-se a todo aquele ridículo. Graça Aranha procurou uma nova infância. E apesar do seu valor, encontrou naquela época o ridículo.

○

Deixámos J. Carlos, pensando naquela frase de um pensador francês: "O humor é a alegria dos tristes".

EM SEU GABINETE DE TRABALHO, O ARTISTA, MADRUGADOR INVETERADO, TRABALHA GRANDE PARTE DO DIA. MAS SUA ATIVIDADE DIVIDE-SE TAMBEM PELAS REDAÇÕES DAS REVISTAS AS QUAIS EMPRESTA COLABORAÇÃO, TENDO AINDA UM ATELIER NO CENTRO DA CIDADE. NESSA MESMA PRANCHA, TEM J. CARLOS PRODUZIDO MILHARES E MILHARES DE SEUS ESPLÊNDIDOS BONÉCOS, OS QUAIS JÁ DIVERTIRAM PELO MENOS DUAS GERAÇÕES DE BRASILEIROS. SEUS DESENHOS DARIAM PARA CALÇAR A AVENIDA RIO BRANCO...





Durante a tarde turfística de domingo último, o nosso reporter fotografico passeou pela "pelouse" e pelas tribunas do Hipodromo da Gavea, conseguindo obter ali os interessantes instantaneos que reproduzimos nesta pagina.

Por eles o leitor poderá fazer uma ideia do que tenha sido esse brilhante "meeting".

JOCKEY CLUB MUNDANO



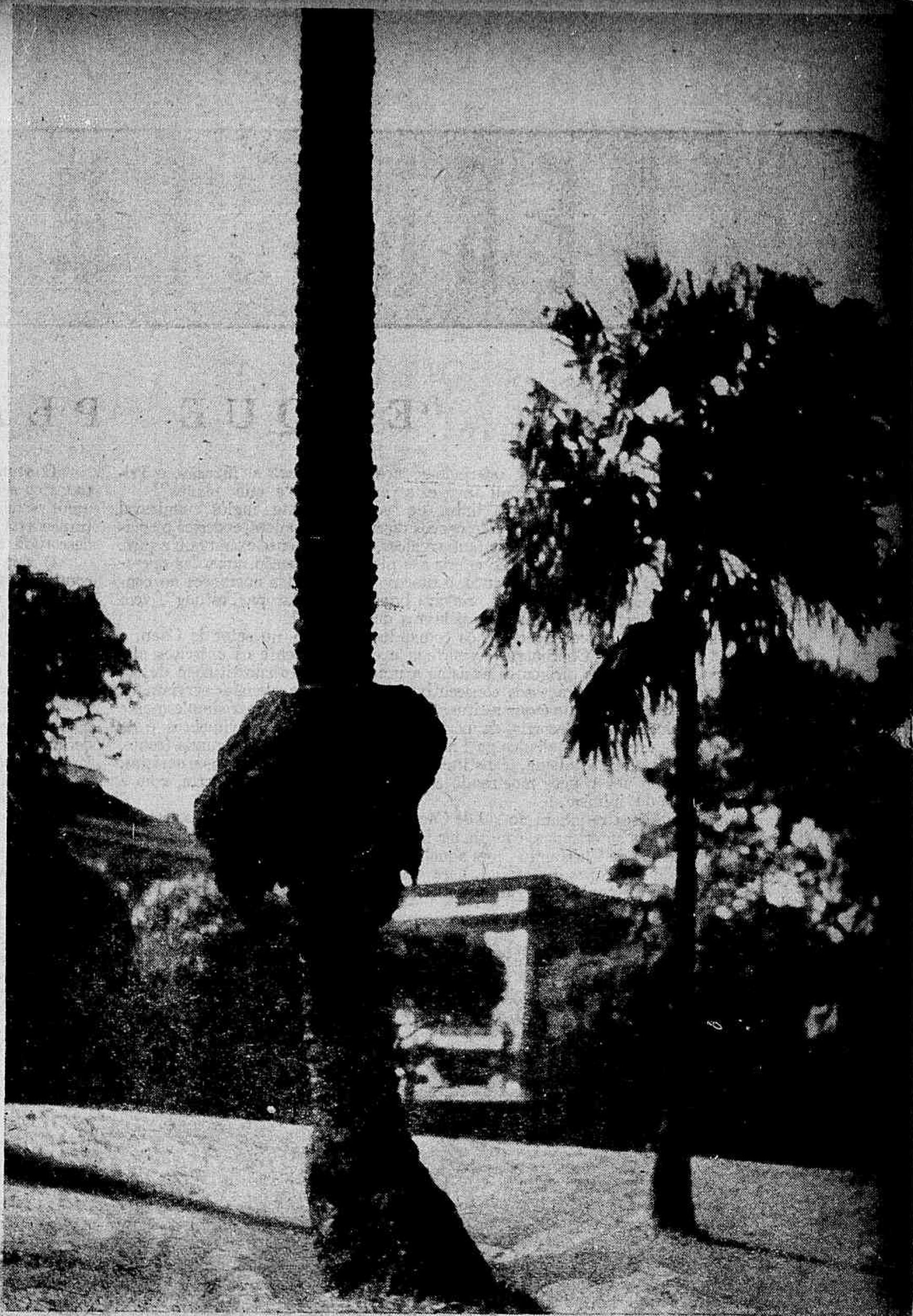
ACONTECEU NO RIO

Entre os acontecimentos de grande importância da cidade, novas avenidas que se abrem, monumentos que se levantam, arranha-céus que nascem todos os dias do asfalto, como se Aladino com a sua lampada maravilhosa tivesse resolvido alarmar os cariocas, modificando cada manhã o aspecto da metrópole, passam quasi despercebidas as pequenas modificações que em toda parte, a toda hora, estão se produzindo.

Ninguém repara nelas, e não entanto, somadas, ao fim de um ou dois anos concorrem, como as grandes demolições ou construções, para modificar a fisionomia do Rio.

É um pequeno trecho de rua, que do dia para a noite aparece diferente sem que saibamos mesmo porque. Quando reparamos aí está a cidade diferente, e ficamos espantados, como ao constatar a transformação de uma adolescente, que estivessemos habituados a ver sempre, transformar-se em moça.

Nossa página mostra aqui dois aspectos curiosos do Rio, ambos no Campo de Santana. O primeiro é uma árvore que, naturalmente por originalidade, resolveu expor a sua raiz, criando outra debaixo do solo. Na segunda foto, vemos uma das muitas escadas em construção neste logradouro público, que permite a entrada por diferentes pontos. Apesar de não ter mais grades, o Campo de Santana continuava inexplicavelmente apenas com uma entrada pelo portão.



GUERRA EM MARCHA



“E QUE PLANOS”!

20

EM um dos seus últimos discursos, referindo-se aos planos para a invasão, o Primeiro Ministro Winston Churchill teve esta expressão: “e que planos!”

Quem vem acompanhando a linha de conduta deste inglês admirável desde o começo da guerra, lendo ou ouvindo os seus discursos brilhantes, concisos e equilibrados, sem exageros de otimismo ou de fanfarronices, possivelmente extranhou aquele modo tão otimista, quase arrogante, de se referir aos planos de invasão, uma das operações mais arriscadas da guerra. No entanto, o desenvolvimento das operações no continente europeu, depois da abertura da primeira brecha na “Europa Festung”, vem provar que não havia nenhum exagero nas palavras de Churchill.

O entendimento e coordenação entre os comandos britânico, no setor de Caen, e americano, na península de Cherburgo, desnorteou e completamente os exércitos alemães de defesa, obrigando os dirigentes nazistas a uma constante substituição de comandantes para justificar os fracassos consecutivos. Os generais alemães serviam de bodes expiatorios. Mas a verdade é que a situação não se podia modificar simplesmente com essas substituições. Ela decorria da perfeita coordenação de movimentos e da perfeição dos planos estratégicos aliados na França. Em pouco tempo a segunda frente, ou terceira se considerarmos a italiana, constituía uma ameaça seriíssima para os nazistas. E as operações foram aos poucos mostrando como se encaminharia a guerra, com a derrota implacável do inimigo.

Enquanto os ingleses retinham ao sul de Caen o grosso das tropas alemãs, estabilizando essa frente, os americanos, com maior liberdade de movimento, completavam a ocupação da península de Cherburgo com aquela cidade, possibilitando o desembarque de maior quantidade de tropas e material, para em pouco tempo, num avanço relampago, apoderar-se da Bretanha, alargando extraordinariamente a frente de combate.

O atual cerco do 7.º exército alemão, com o aniquilamento ou aprisionamento de todos os seus homens, é uma consequência matemática destas operações, mediante as quais os nazistas teriam de ficar fatalmente dentro do bolsão. Se Von Kluge resolvesse transportar o grosso de suas tropas para o setor americano, os britânicos e canadenses desceriam ao sul de Caen e a armadilha estaria formada no sentido inverso.

O que pôde representar o aniquilamento sistemático de exército após exército, com os respectivos estados maiores, ninguém pôde sabe-lo melhor que os próprios nazistas. As reservas de homens que devem defender a minguante “grande Alemanha” tornam-se cada vez mais escassas.

A invasão aliada no sul da França, esperada aliás há tanto tempo, vem provar a veracidade dessas afirmações. Um exército de meio milhão de homens, completamente equipados, está desembarcando na região meridional daquele país, encontrando apenas uma escassa resistência, por parte das tropas alemãs de ocupação.

Naturalmente esta ofensiva deverá brevemente ser coordenada com a ofensiva do norte, convergindo as tropas para as fronteiras do Reich, onde será travada a batalha definitiva. Um deslocamento de tropas para este novo front viria enfraquecer os outros já estabelecidos, todos eles vitais para o prosseguimento da resistência nazista.

Por outro lado, deixar livres os movimentos de um exército tão considerável, para manter a resistência na Rússia, Itália e norte da França, representa um perigo indiscutível. Como se vê, não é nada tranquilizadora a alternativa que se apresenta aos dirigentes nazistas.

Cadem sucessivamente os bastiões da fortaleza de Hitler. Começam a ser visíveis, mesmo do lado de fora, os sinais de desorganização e pânico entre os dirigentes fascistas, cujo fim se aproxima vertiginosamente.

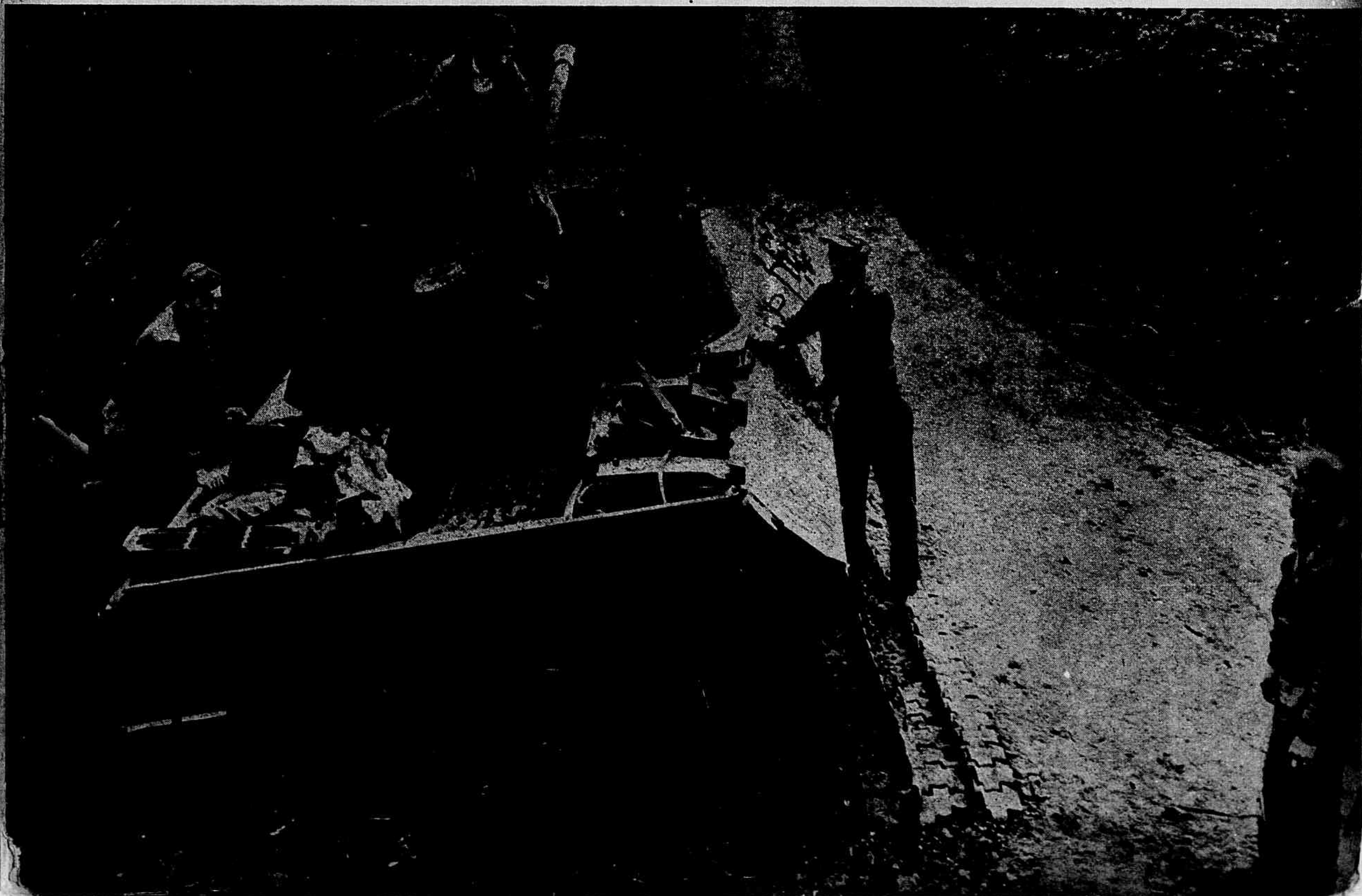


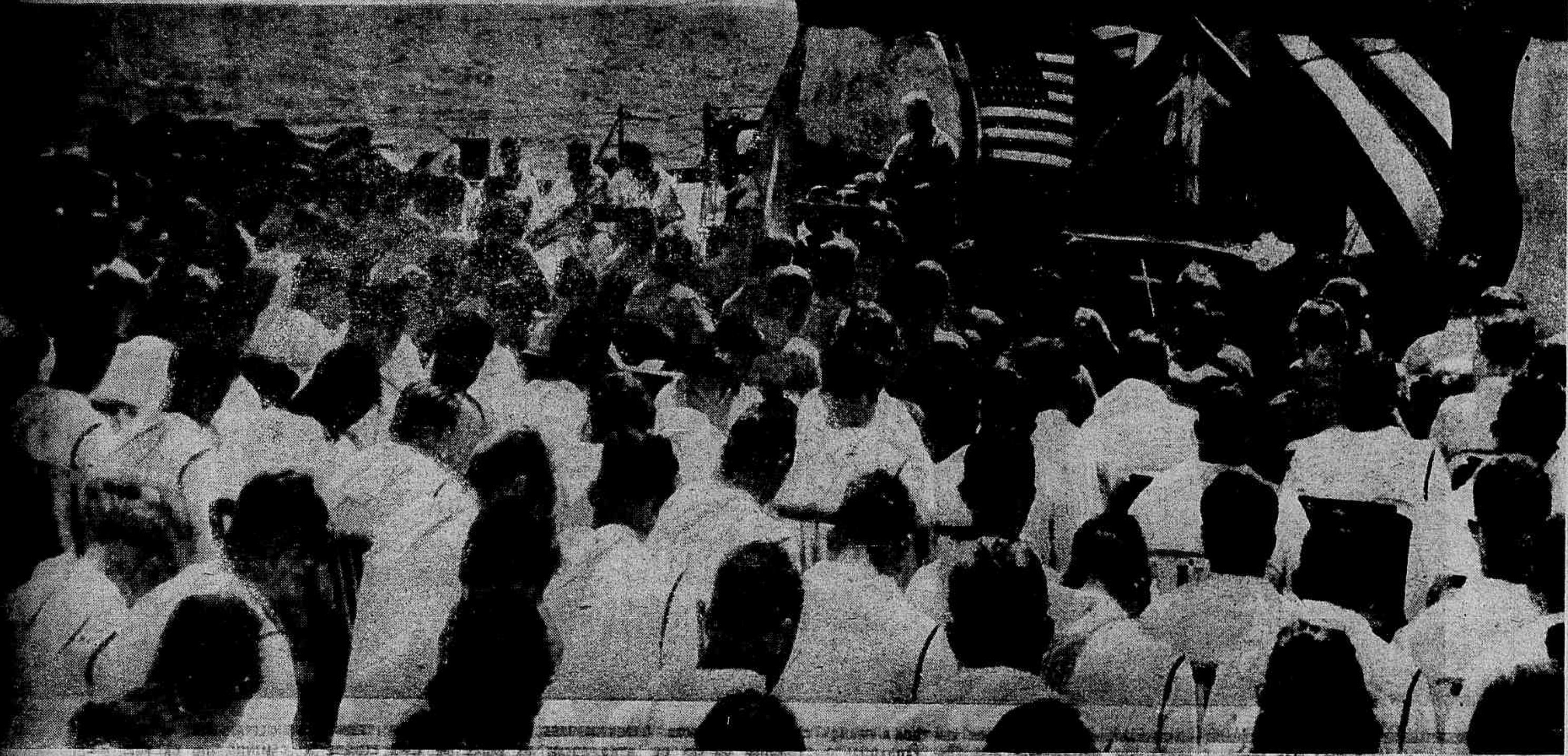
A GRAVURA NOS MOSTRA O FUZILEIRO AMERICANO ANDREW GUTIERRES, QUANDO, AUXILIADO POR UM INTERPRETE, DÁ AOS MEMBROS DA POLICIA MILITAR DA FEB ALGUMAS INSTRUÇÕES SOBRE SUA MISSÃO A BORDO DO TRANSPORTE QUE CONDUZIU OS EXPEDICIONARIOS BRASILEIROS Á ITALIA.



SAUDANDO OS LIBERTADORES — OS SOLDADOS AMERICANOS SÃO RECEBIDOS EM TODA A FRANÇA COMO AUTÊNTICOS LIBERTADORES, QUE VIERAM PÔR TERMO DEFINITIVAMENTE À OPRESSÃO SANGUINÁRIA DOS NAZISTAS. A GRAVURA NOS MOSTRA CRIANÇAS FRANCÊSAS QUANDO SAUDAVAM UM TANQUE MÉDIO AO ATRAVESSAR AS RUAS DE UMA CIDADE A CAMINHO DA FRENTE DE BATALHA DA NORMANDIA. (FOTO DA INTER-AMERICANA).

AVIÃO CONTRA TANQUE — PILOTOS DE CAÇA-BOMBARDEIROS AMERICANOS EXAMINAM OS DESTROÇOS DE UM TANQUE "PANTERA" GERMANICO DESTRUIDO PELOS BOMBARDEIROS ALIADOS. O VIGOROSO APOIO DA AVIAÇÃO DESMANTELOU COMPLETAMENTE UM ATAQUE DOS TANQUES GERMANICOS CONTRA UMA UNIDADE ISOLADA DE INFANTARIA. O BOMBARDEIO DE PRECISÃO PERMITIU DERROTAR OS TANQUES NAZISTAS QUANDO ESTES SE ENCONTRAVAM A MENOS DE CEM METROS DAS LINHAS AMERICANAS. (FOTO DA INTER-AMERICANA).





REZANDO PELOS CAMARADAS MORTOS — OS MEMBROS DA GUARNIÇÃO DE UM ENCOURACADO AMERICANO NO PACIFICO PARTICIPAM DAS CEREMONIAS FUNEBRES REALIZADAS EM HOMENAGEM AOS CAMARADAS MORTOS NAS BATALHAS QUE PRECEDERAM OS DESEMBARQUES AMERICANOS EM GUAM, NO PACIFICO CENTRAL. (FOTO DA INTER-AMERICANA).

CADETES DAS AMERICAS NOS ESTADOS UNIDOS — VEMOS UM ASPECTO DA CONFERENCIA REALIZADA NA "READY ROOM" DA ESCOLA AERONAUTICA DE PURDUE, NOS ESTADOS UNIDOS, ANTES E DEPOIS DE CADA VOÔ DE INSTRUÇÃO. NA GRAVURA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, VEMOS: JOSÉ VERTIZ MALDONADO, MEXICANO; MUREL SPENGLER, INSTRUTOR; MIGUEL RUIZ CABEZA RUBAL, CUBANO; JORGE PARIS, COSTA RICA; ANTONIO DE ALMEIDA LEITE JOR., BRASILEIRO; OCTAVIO MONTOYA ZULUAGA, COLOMBIANO; MILTON CALASANS RODRIGUES, BRASILEIRO; JOSÉ SALVADOR DOSAMANTES, MEXICANO; LUIS RUANO ROSES, CUBANO. (FOTO DA INTR-AMERICANA).



O MISTÉRIO DO SEGUNDO PEPINO

Adaptação de um conto de
AGATHA CHRISTIE

O escritor policial, em apuros, procurou inspiração na realidade e envolveu-se em um caso complicadíssimo...

tamente o título da sua história! O segundo pepino! Que teria o pepino a ver com a história? Dolores tinha uma voz simpática. Seria linda como ele a imaginara? Resolveu atender ao apelo que ela fizera. Dolores esperava Conrado. Iria Carlos.

A rua que ela indicara era comprida e muito conhecida pelas lojas de antiguidades que possuía. Carlos parou diante do numero que ela dera e examinou a loja.

Que fazer? Entraria? Não entraria? E se fôsse uma armadilha?

— Onde está sua coragem, jovem Carlos? — disse, de si para si.

Entrou.

— Boa tarde!

A velha, do balcão, lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Boa tarde... Eu já ia fechar...

— Não me demorei...

— Em que posso servi-lo?

Seria essa a velha a que Dolores aludira? Era a ela que teria que dar a senha? Carlos hesitava? Como arranjar um modo de introduzir na conversa, muito naturalmente, a frase ridícula que Dolores lhe indicara? O segundo pepino está amargo? Uma inspiração passou-lhe pelo cérebro. Havia uma pequena saleira, na vitrine, em forma de um pepino.

— Queria ver aquela saleira.

A velha foi buscá-la.

— Tem outra igual? indagou Carlos.

— Sim.

— Outro pepino?

(Continua na página numero 44)

Carlos passou o olhar pela sala. Olhou primeiro para o teto, em seguida perdeu-se na contemplação das biqueiras de seus sapatos. Nada. Seria possível? Fazendo um esforço, ele fixou o olhar na máquina de escrever, à sua frente. Examinou detidamente as teclas, olhou mais uma vez para o papel, mas a inspiração, positivamente, estava arredia. Nada a fazia sorrir para o escritor em apuros.

Escrevera no alto da página: O Mistério do Segundo Pepino e, como sempre, era um título que lhe dava a história, ou melhor, sugeria-a. Ele esperava, pacientemente, que ela se dignasse inspirar-lhe um enredo que prendesse o interesse do leitor. Imaginava o cidadão apressado, ao ler o título — O Mistério do Segundo Pepino — dizendo, de si para si: Preciso ler essa história. Com um título tão interessante, deve ser boa. O título, de fato, era bom. Porém tinha um defeito: não sugeria situação alguma. Pepinos... Jardineiros... Durante muito tempo a associação de ideias levou o escritor a imaginar crimes horrendos de algum jardineiro. Sim, um jardineiro sinistro, que matava... Não. Esse fora o enredo de seu ultimo conto. Conto... Editor... Os editores são uma calamidade.

Sempre a querer mais contos, mais histórias, sem a menor consideração para o pobre cérebro do escritor que de tanto ser expremido, para inventar situações interessantes, podia acabar mal, como no caso de Maupassant, que fora morrer no hospício.

Quem sabe se, pensando num nome... Sim, era escolher o nome para a heroína, um nome belo e sugestivo... e, depois, imaginá-la, descrevê-la. Inventado o personagem, a história surgiria sem dificuldades.

Sônia ou Dolores? Dolores. Sim, Dolores. Uma espanhola, de tez clara, olhos negros; lábios rubros; feições delicadas; olhar brilhante e selvagem. A heroína começou a excitar singularmente o escritor que pôs-se a imaginá-la, em detalhe.

Mas apesar do entusiasmo pela heroína, a história não aparecia. Imaginava uma situação, para depois descobrir que já tinham sido exploradas, até por ele mesmo. Como resolver o problema?

O olhar do escritor voltou a passear pela sala, correu do teto à biqueira dos sapatos.

Era um círculo vicioso. Pensava na novela, no título, na heroína, no editor — e amaldiçoava o editor — e voltava à novela. Era cansativo e não produzia resultados.

De repente, tocou o telefone. Carlos resmungou:

— Que diabo! Nem deixam a gente trabalhar em paz!

O telefone continuava a tocar. Carlos resolveu atender para que não o importunasse. Já tivera dois telefonemas naquela noite e ambos lhe tinham trazido notícias desagradáveis. Um deles era convite para um jantar, muito cacetete e o outro era um aviso do editor que precisava dos originais no dia seguinte ao mais tardar. Fora, aliás, este aviso que fizera o escritor resolver-se, finalmente, a escrever a história do segundo pepino. Que pepino? Por que segundo? Não sei, nem ele próprio sabe. A única coisa que podia precisar era o fato de que a heroína era Dolores qualquer coisa, uma espanhola, de tez clara, negros olhos, etc, etc.

E, enquanto Carlos refletia, o telefone tocava, insistente.

— Alô? Quem fala?

— E' você?

— Parece, não é?

Carlos estava furioso. Tratava-se de um troço, com certeza.

— Quem está falando? — repetiu.

— Sou eu, Dolores.

Dolores! O nome da sua heroína!

— Que há? Quem é a senhora?

— Meu Deus, Conrado, não tenho tempo para brincadeiras. Venha imediatamente! Eles querem me pegar. Já hoje de manhã eles tentaram matar-me! Você sabe onde estou?

— Não tenho a mínima ideia.

— Tunbridge Road, 40. Venha logo!

— Mas escute, senhorita!...

— Meu Deus! Por que perde tempo discutindo? Não há tempo a perder, diga-lhe. Venha imediatamente. Há uma senha. Você deve dizer à velha: o segundo pepino está amargo.

— O que?!

— Não me faça repetir! Pódem ouvi-la e terei que mudar: O segundo pepino está amargo. Compreendeu bem?

— Sim!

Ela desligou.

Que extraordinária aventura! Justamente o nome da sua heroína. Exa-

Belo Horizonte, a

**NOTÁVEL O PROGRESSO DA METRÓPOLE
PARADA PARA O TURISMO — O ACERTO
RES, ESCOLHENDO PARA PREFEITO O SR.**

há cerca de quatro anos, pelo ilustre governador Benedito Valadares. E' o sonho que um administrador inteligente e esteta soube transformar em realidade. Falar sobre Belo Horizonte sem citar a Pampulha é impossível. E não é possível também separar o nome do prefeito Juscelino Kubitschek do que hoje há na capital mineira.

Administrador moderno e culto, não se descuidou de um único problema da cidade. Cada um a seu tempo, todos eles foram atacados, com visão, inteligência, e sobretudo, bom gosto, o que é uma característica inconfundível da obra do atual dirigente de Belo Horizonte. Não há um setor da administração pública que não conte com invejável soma de serviços realizados e em realização. Pode-se dizer que o prefeito Juscelino Kubitschek não pára, porque sua preocupação é servir a cidade com o mesmo carinho com que ela o "recebeu, quando, em busca do saber e do trabalho, trocou a tradicional Diamantina pela capital".

Profundo conhecedor dos desejos da população, com a qual conviveu, iniciou sua administração realizando obras públicas, tarefa que executou com entusiasmo e brilho, pois que alcançou os maiores índices da história da cidade. Surgiram, então, as extensas obras de calçamento e de canalização de cursos d'água. Bairros novos enriqueceram o patrimônio da cidade, com as modernas pontes e avenidas e ruas rasgadas, de ponta a ponta, ora em profundos cortes e aterros, ora através da rocha viva. As avenidas Pampulha, Amazonas, Teresa Cristina, Francisco Sá e o prolongamento de outras, totalizando 42 quilômetros de extensão, são afirmações eloquentes dessa atividade. Os serviços públicos, que se expressam no quadro abaixo, mostram o quanto a administração confiada ao sr. Juscelino Kubitschek trabalhou:

AREA CALÇADA:

Da fundação (1897) até 1939.....	3.499.378,00	ms2.
Total de 1940 a 1943.....	1.051.912,64	ms2.

SERVIÇOS DE TERRAPLENAGEM:

Da fundação (1897) até 1939.....	6.665.411,293	ms3.
Total de 1940 a 1942 (3 anos).....	3.028.161,030	ms3. (45%)

CANALIZAÇÃO DE CORREGOS:

Da fundação (1897) até 1939.....	18.359,47	mts.
Total de 1940 a 1942 (3 anos).....	9.640,95	mts. (52%)

ESGOTOS SANITÁRIOS:

Da fundação (1897) até 1939.....	105.921,00	mts.
Total de 1940 a 1942 (3 anos).....	23.922,00	mts. (20%)

ESGOTOS PLUVIAIS:

Da fundação (1897) até 1939.....	65.724,00	mts.
Total de 1940 a 1942 (3 anos).....	20.896,07	mts. (30%)

HIDROMETROS:

Da fundação (1897) até 1939.....	17.075	
Total de 1940 a 1942 (3 anos).....	5.879	(30%)

Mas tudo isso é apenas uma parte da ação renovadora do prefeito Juscelino Kubitschek.

A Pampulha, com seus encantos, com seus edifícios do mais puro estilo moderno, com sua paisagem festiva, é um convite per-

VISTA DA REPRESA DA PAMPULHA, NOTANDO-SE, AO FUNDO, O CASINO.

BELO HORIZONTE, mais que nunca, é hoje, um motivo de orgulho para os mineiros e uma agradável surpresa para os que a visitam pela primeira vez.

Cidade nova, nascida nos últimos anos do século passado, seu desenvolvimento, entretanto, alcançou ritmo acelerado. Em poucos anos, tornou-se uma grande metrópole, afirmação esplêndida do gênio creador dos mineiros, atestado irrevogável do acerto com que agiram aqueles que deram a Minas uma nova capital. Hoje, vale a pena ver Belo Horizonte, porque a cidade tem tudo de que necessita para agradar o visitante. Si há algum tempo era famosa pela sua simetria, pois nasceu e cresceu dentro de um plano geométrico, hoje tem muito mais belezas e novidades que a tornam encantadora. A capital mineira tem vida, tem alegria, tem cultura.

Tem a Pampulha que por si só merece ser vista, para poder ser admirada. E a Pampulha nada mais é que a criação do prefeito Juscelino Kubitschek, a quem Belo Horizonte foi confiada

IATE GOLFE. — PITORESCA SÉDE DO GRANDE CLUBE DA PAMPULHA, PIONEIRO DO REMO EM MINAS.

A IGREJA DE SÃO FRANCISCO DA PAMPULHA, O MAIS MODERNO TEMPLO DO MUNDO, QUE CONTA COM PINTURAS DE PORTINARI EM AZULEJOS.

cidade surpresa

MINEIRA NESTES ÚLTIMOS ANOS — PRE-DO GOVERNADOR BENEDITO VALADA-JUSCELINO KUBITSCHKEK.

manente aos que, desejosos de coisas novas, fazem do turismo a sua alegria íntima. Em volta de um lago artificial, com quase vinte quilômetros de circunferência e repleto de enseadas pitorescas, surge o maior conjunto de arquitetura moderna do mundo. Todos os edifícios obedecem ao mesmo estilo, numa harmonia que não encontra similar em nenhuma outra parte. O Casino, o Iate, o Baile, a Igreja, o Golfe e agora o Hotel, são construções que marcam uma época na evolução da cidade e consagram a administração Juscelino Kubitschek.

Mas, além da Pampulha, há uma outra obra monumental do prefeito da capital mineira. É o Teatro Municipal, projetado para ser o que há de mais completo no gênero. Obedecendo às linhas da arquitetura moderna, está sendo construído no Parque, em meio a luxuriante vegetação. Com capacidade para 3.500 lugares e dotado de tudo quanto há de mais moderno e perfeito, quer quanto ao conforto ou quanto à técnica, sua estrutura de concreto armado se faz rapidamente, esperando-se para este ano ainda a conclusão da parte de concreto armado, excessão apenas da abóboda, cuja construção reclama ferragem especial, já em laminação. Como obra de estilo moderno, será a maior do mundo.

Com profundo sentido de previsão, desde já está o prefeito preparando a música para este magestoso teatro. Para isso, colocou sob a proteção direta da municipalidade a Sinfônica de Belo Horizonte, reorganizando-a nos moldes de uma grande orquestra. E os concertos mensais, ao mesmo tempo que constituem poderoso fator de cultura artística, representam notável progresso, prenúncio de que Belo Horizonte, em curto prazo, contará com perfeito conjunto sinfônico. Criando o Instituto de Belas Artes, que reúne dois cursos superiores de instrução, a arquitetura e as belas artes, o prefeito completou sua obra artística iniciada com a Pampulha e a criação do Museu de Belo Horizonte.

A obra do sr. Juscelino Kubitschek pode ser dividida em quatro partes. A das obras públicas, a da reforma interna dos serviços burocráticos, a artística e cultural e a de assistência social. A primeira, como acentuamos, oferece resultados surpreendentes, enquanto que a segunda, que permitiu a racionalização dos serviços internos, pôs em evidência um perfeito sentido de organização, do qual a Prefeitura tem obtido os melhores resultados. Por ela, verifica-se que a administração contou com uma reforma das mais úteis e práticas. A artística e cultural, começada com a Pampulha e ainda em pleno prosseguimento, transformou a capital mineira num grande centro, onde se cultiva as coisas do espírito com invulgar interesse e proveito, fazendo com que Belo Horizonte se torne mais conhecida ainda em todo o Brasil.

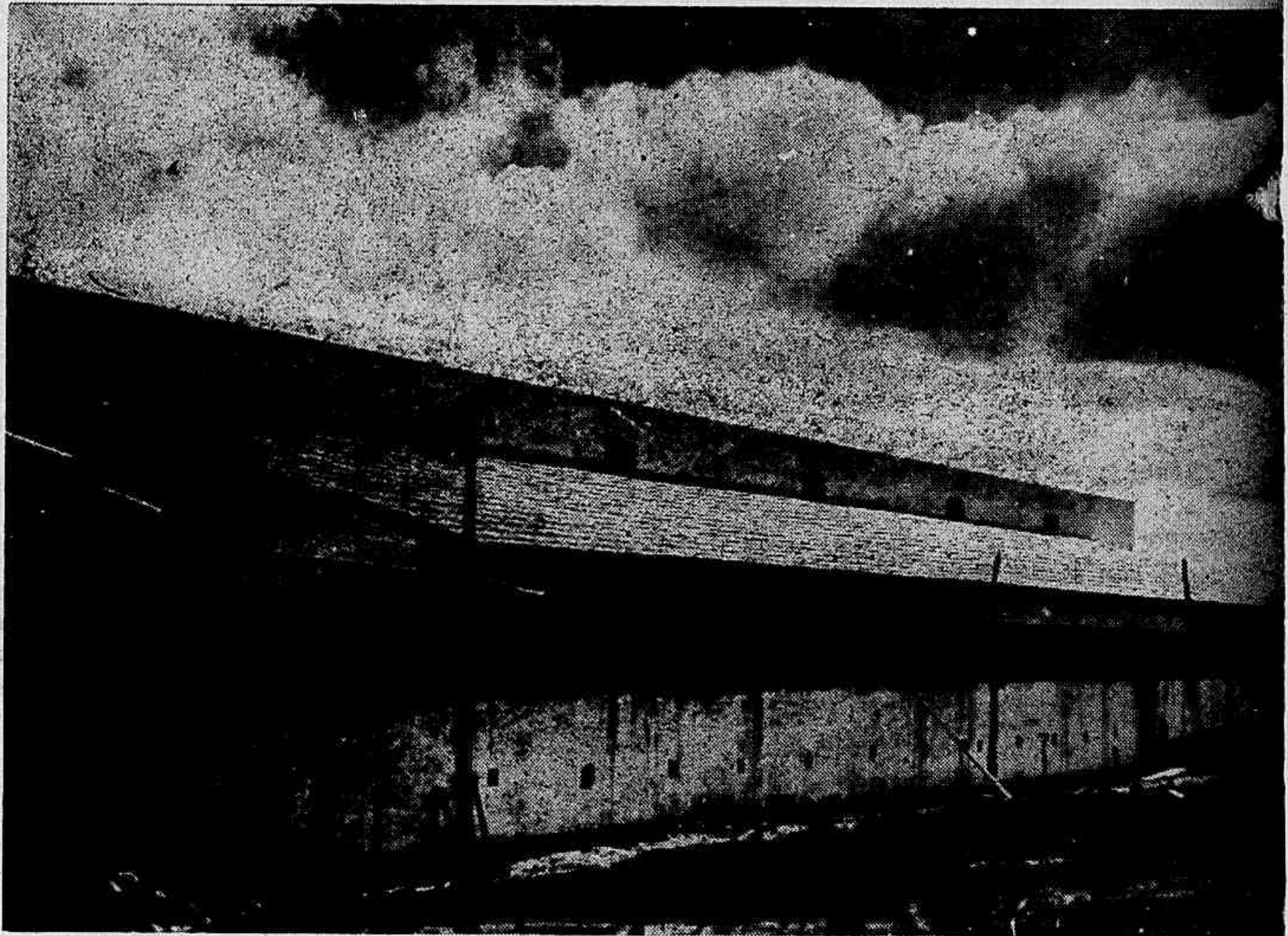
Completando a série admirável de realizações, o sr. Juscelino Kubitschek voltou sua atenção para a assistência social, de que resultaram numerosas iniciativas como o Hospital Municipal, com uma parte já construída e capacidade para 305 leitos, a maioria dos quais para indigentes e dotado ainda de ambulatórios para todas as doenças, afim de atender aos necessitados. Esses ambulatórios já estão atendendo a mais de quatrocentas pessoas diariamente.

O "Restaurante da Cidade", criado para fornecer alimentação ao trabalhador belorizontino tem tido frequência invulgar. Mais de 1.300 almoços são servidos por dia, pelo preço mínimo de Cr\$ 1,40 constante de sadia e farta refeição. De todas, é esta a mais

OBRAS DO TEATRO MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE QUE ESTÁ SENDO CONSTRUÍDO EM MEIO À LUXURIANTE VEGETAÇÃO DO PARQUE. TEM CAPACIDADE PARA 3.500 ESPECTADORES E É UM VERDADEIRO MONUMENTO DE ARQUITETURA MODERNA.



HOSPITAL MUNICIPAL, COM CAPACIDADE PARA 305 LEITOS, É UMA DAS OBRAS MAIS IMPORTANTES DO PREFEITO JUSCELINO KUBITSCHKEK.



UM DOS VINTE PAVILHÕES DO "LAR DOS MENINOS", INSTITUIÇÃO QUE ABRIGARÁ OS MENORES ABANDONADOS DA CAPITAL MINEIRA. ESTÁ SENDO CONSTRUÍDO NUMA ÁREA DE DOZE ALQUEIRES GEOMÉTRICOS.

humana realização do prefeito Juscelino Kubitschek. Agora, a Assistência Popular Municipal, um conjunto de lactário, ambulatório, consultórios médico e dentário, biblioteca, sopa e uma praça de diversões para a infância, destinado a cada bairro da cidade, aumentará o plano de assistência social no município. Além destas, todavia, uma outra, de alcance extraordinário, está em andamento. É o "Lar dos Meninos", cuja finalidade é abrigar os menores abandonados, os pequenos párias que crescem na escola do vício e clamam por uma instituição que os proteja e guie. Constituído de 20 pavilhões, com capacidade para 20 menores cada um, será o lar desses pequenos maltrapilhos que existem em toda a cidade, grande ou pequena. E graças a ação dinâmica desse brilhante auxiliar do governo do sr. Benedito Valadares, Belo Horizonte terá um de seus grandes problemas resolvidos.

Tudo isso contribui para que a cidade ofereça hoje um aspecto novo ao visitante.

O RESTAURANTE DA CIDADE, À HORA DO ALMOÇO. MAIS DE 1.300 PESSOAS SÃO DIARIAMENTE ATENDIDAS. ARROZ, FEIJÃO, CARNE, VERDURA, LEITE, PÃO, BANANA E CAFÉ CONSTITUEM O "MENU" DO RESTAURANTE. E TUDO POR CR\$ 1,40 APENAS.



ESCRAGNOLLE DORIA

MACIEL MONTEIRO DIPLOMATA

Antonio Peregrino Maciel Monteiro, de primeiros estudos em Pernambuco, terra natal, cursou humanidades e medicina em França.

Doutorado pela Faculdade de Paris, clinicou no Recife, ali fundando e inaugurando sociedade medica. Sobresaindo, dirigio a Academia Juridica de Olinda e, deputado eleito e reeleito por sua provincia, foi orador dos mais ouvidos na Camara que presidiria duas vezes.

Araujo Lima, seu comprovinciano, ao assumir regencia do Imperio, chamou-o a Ministro dos Estrangeiros em 1837. De Maciel Monteiro, nesta epoca, deu o barão Rouen, ministro da França no Brasil, a seguinte informação ao seu governo: "Ami de la France ou il fait d'assez bonnes études".

Continuando notoriedade, Maciel Monteiro, jornalista conservador, opôz-se no Recife aos excessos jacobinos da Praia liberal. Desiludido por fim de lutas politicas, amargurado por desgostos intimos, em 1853 desejou Maciel Monteiro deixar o Brasil.

Acudio-lhe Limpo de Abreu, no momento ministro dos Estrangeiros. Colocou-o de salto na diplomacia, Maciel Monteiro mandado a representar-nos em Portugal, ali enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

Vagava nossa legação em Lisboa pela retirada de Vasconcelos de Drummond desavindo com o governo português ao protestar contra a exportação de carnes falsificadas para o Brasil. Maciel Monteiro desembarcou em Lisboa apenas persona grata para efeitos de chancelaria.

Maneiroso, diplomata antes de o ser efetivamente, Maciel Monteiro mostrou-se o homem talhado para amenisar situação delicada. Conseguiu-o aos poucos, por sedução pessoal, com auxilio do tempo, o grande arranjador silente de muito caso intrincado ou irritante.

Afeito á vida social, ás suas manhas e manchas, Maciel Monteiro insinuou-se na sociedade lisboeta, captando-lhe simpatia, obtendo dela bom acolhimento, após incipiente amuo.

Tudo indispensavel ao desempenho de missão no paiz outrora vinculado ao Brasil e então governado por D. Maria II, soberana nascida no Rio de Janeiro.

Em Novembro de 1853, pouco após a chegada de Maciel Monteiro, a rainha morria, aos trinta e sete anos de idade e vinte e sete de corôa, oito em minoridade.

Convencionalmente pesados ou aliviados os lutos passam depressa. A tristeza de ostentação num ano se liquida. O luto eterno, a saudade de cada dia são cousas que entendem com o coração, e nada têm a ver com os fingimentos de dôr e uso de traje negro.

Transcorrido o luto da pragmatica, e tambem o popular, por D. Maria II, dada pelo povo homenagem á memoria da rainha, mulher de bem, a vida mundana em Lisboa recomeçou intensa.

Exaltado ao trono D. Pedro V ainda menor, mal de maioridade foi ele a desposorio com a princeza de Hohenzollern - Sigmaringen, D. Estefania. A noiva era moça, bonita, simpatica, prediado que realça qualquer senhora quanto mais rainha.

O casamento de D. Pedro achou-se bem visto por sua nação. Celebrou-o a massa unida ao escôl. E' raro. Quatorze mezes depois de casada, D. Estefania morria e de perto D. Pedro V a seguia no tumulo.

Coube o trôno a D. Luis, irmão de D. Pedro V, dedicado á vida do mar, em frequentes cruzadas de armada e tido pelo Principe Marinheiro.

Em alta posição diplomatica participaria Maciel Monteiro das cenas de varia especie de tres reinados da mesma dinastia. No trato com pessoas de estirpe régia, o representante digno de um Brasil digno encontraria duas Senhoras que tinham vivido em nossa terra. Uma era D. Amelia, imperatriz viuva, segunda conjuge de D. Pedro I; a outra a infanta Ana de Jesus Maria, irmã de D. Pedro I, esposa do duque de Loulé. O marido contava-se entre os homens bonitos da Europa, a mulher no rôl das formosuras do continente. Isto para desconto da fealdade sempre atribuida ao pai, D. João VI, como se a humanidade só tivesse Adonis e mais Adonis.

Maciel Monteiro não estava somente em Lisboa para admirar damas. Presenciou tudo quanto politica e socialmente agitou Portugal de 1853 em diante. Assim a Maria da Fonte, o Cabralismo, antecedendo as Saldanhadas e mais, até o inicio do rotativismo governamental de progressistas e regeneradores cujos chefes, Anselmo Braamcamp e Fontes Pereira de Mello, tanto representariam até serem respetivamente sucedidos por José Luciano e Hintze Ribeiro.

Ao arquivo da Secretaria dos Estrangeiros encaminharia Maciel Monteiro, ministro da pasta em 1837, a sua correspondencia diplomatica ordinaria ou reservada e se mister em cifra.

Ministro na regencia Araujo Lima, Maciel Monteiro em questão de ordem elevada pugnára por direitos nossos no litigio com a Guiana Francêsa. Em Lisboa teve de ocupar-se com negocio aborrecido, o da repressão de fabricantes de moeda falsa, a exportar-a para o Brasil, exportação infalivelmente de socapa.

O mundanismo pôe a esquecer contrariedades e o mundanismo de Maciel Monteiro teve largas na sociedade lisboeta, mercê de carreira diplomatica decorativa. Cerimonias da côrte, ao compasso do protocolo medindo hierarquias, bailes palacianos mais suntuosos que divertidos, récitas de gala, banquetes, jantares, nada disto deve ter sido alheio ao ministro Maciel Monteiro.

Os portugueses gostam muito de musica, levando-o a extremos de dolencia por vózes e instrumentos. Lisboa primou no culto á arte dos sons, o seu teatro São Carlos figurando entre as melhores casas de espetaculos da Europa.

Tudo quanto foi celebridade artistica no seculo XIX passou pelo palco do São Carlos, frequentado por Maciel Monteiro. Ali ouviu ele a Alboni, a Charton, tão querida no Rio de Janeiro, Mongini, Stagno; ouviu Thalberg ao piano, a Ristori tragediando. E, para variar, no São Carlos, o prestidigitador Hermann se mostraria rei dos prestimanos.

Era de bom tom, no São Carlos, conservar de assinatura a mesma frisa ou o mesmo camarôte. Disse Fialho D'Almeida que a um velho dilettante do São Carlos pedira esboço da primitiva fisionomia da sala do teatro era vê-lo fechar os olhos lentamente e ir repetindo de cór a lista dos antigos frequentadores do santuario.

Entre as frisas inalienaveis do lado direito, o dilettante apontaria no São Carlos o frisado Ministro do



LUIS I (1838-1889), REI DE PORTUGAL EM 1865, EM CUJO REINADO MACIEL MONTEIRO MORREU REPRESENTANDO O BRASIL NA CÔRTE DE LISBOA

Brasil. Sucessivamente logo após esta vinham as frisas do visconde de Valle da Gama, de D. Maria Emilia de Saldanha e por ultimo a do Snr. d'Useroff, ministro da Russia e pai de uma das mais formosas senhoras do corpo diplomatico. Maciel Monteiro lhe deve ter levado a imagem ao campo do binoculo.

No Rio de Janeiro fôra Maciel Monteiro figura obrigada de bailes selôtos, assim os do então visconde de Abrantes no seu palacete de Botafogo de angulo ao Caminho Novo.

A obra poetica de Maciel Monteiro é resumida, mas conta um soneto de citação antologica perene. Naquela obra prima o verso dizendo amor. A um desengano de paixão a eterna impenitencia do diz diz atribuido ao poeta versos improvisados em salão de baile, ao não encontrar a que esperava.

Em Lisboa entremeiava Maciel Monteiro o baile com o teatro. Então o palco português ufanava-se de atores excelentes: Tasso trazendo a pranto plateias sentimentais; Teodorico ou Sargêdas trazendo-as a riso do qual participava D. Maria II, preferindo ela a farça ao drama, que lagrimas não faltam a mulheres sobretudo se rainhas.

No teatro, no baile, na sociedade, o ministro do Brasil viveu na Lisboa do Romantismo, a invadir politica, letras, palcos e modas.

O Romantismo foi idade de ternura para a alma humana, epoca na qual o prazer de viver se manifestou intenso.

Na Lisboa do Romantismo folgou-se á grande, dansando-se com frequencia em magnificos solares, tal aquele em que aos Castello Melhor sucederiam os marquês da Fóz. E no solar que sala de baile! Copiava a Sala dos Espelhos do palacio de Queluz, esta por sua vez imagem da mirabolante Galeria dos Espelhos de Versalhes.

Maciel Monteiro não poetava mais e sem duvida se contentava em vêr a Poesia nas senhoras que valsavam aos som de orquestra mais de pianissimos que de rinforzandos.

As que dansavam na casa dos Castello Melhor e em outros solares tambem cantavam nas igrejas mais frequentadas por sociedade alta. Nesses templos Maciel Monteiro lhes ouvia vózes acompanhadas por orquestras de mais de cem artistas de profissão, interpretando missa de frei Marques da Silva, Te Deum de Marcos Portugal, Tantum Ergo de José Antonio Leite.

Enumerar os nomes das senhoras e cavalheiros que cantavam no côro das igrejas do Lumiar, dos Martires e outras seria recorrer ao que de mais fidalgo possuia Lisboa do Romantismo.

Quanto foi dito, e muito, muito mais, foi vida de Maciel Monteiro. Em fins de 1867 enfermara ele, a 5 de Janeiro de 1868 morria. Acompanharam-lhe a doença e o expirar os seus auxiliares na legação do Brasil, o secretario Pereira de Andrade, os adidos Dias Berquó e Velasques Sarmiento, e amigos portugueses.

Dado como nascido em 1804, Maciel Monteiro ia completar sessenta e quatro anos. No sonegar idade haviam lhe atribuido a faceirice de se não candidatar á senatoria do Imperio para não confessar quarenta anos. A baléla muitos vitima.

Tenta o mundo corrigir quanto póde a missão igualitaria da morte, ora com o enterro espaventoso, ora com o tumulo portentoso. A terra não distingue ninguém, abrindo-se a todos pela mesma enxada e para o mesmo pulverisar.

O saimento de Maciel Monteiro teve pompa oficial. Por volta de 1870 seus restos mortaes de embalsamado foram a sepultura no cemiterio publico de Santo Amaro no Recife. Cinco anos antes, no Rio de Janeiro, morrera o velho e intimo amigo de Maciel Monteiro, o marquês de Abrantes.

A amizade de ambos, cedo contraida, ainda era de laço apertado na velhice, de perto ou de longe resistindo ás toaias da vida, ao variar dos homens. Amizade assim enternece. Só enternece? Não; tambem assombra.



Benvinda Fragoso tornara-se amplamente conhecida pelas suas queixas constantes. Quem a ouvisse na relação dos fatos comuns afirmaria, sem hesitar, que a infeliz arrematara todos os desgostos do mundo.

Orfã de pai e mãe, vivia a custa de salário modesto, na fábrica de toalhas, onde fôra admitida por obsequio de amigos devotados. Todavia, se a existência era laboriosa, não faltavam recursos por torna-la melhor. Não se casara, mas dois sobrinhos inteligentes e generosos faziam-lhe companhia no ambiente doméstico. Os progenitores não lhe deixaram haveres em espécie, mas sempre legaram á filha o patrimonio do lar, edificado a preço de sublimes sacrifícios.

Benvinda rodeava-se de oportunidades benditas, mas não sabia aproveitá-las. Cristalizara-se nas queixas dolorosas, aniquilando as próprias energias. A mente enfermeira desfigurava as sugestões mais belas da vida diária.

— Sou profundamente infeliz — dizia a uma colega de trabalho — vivo isolada, à maneira de animal sem dono, ao léu da sorte. Morrer seria para mim uma felicidade. Diz-se que o fim é sempre doloroso. Não será, porém, mais agradável alcançar o termo do caminho no seio de tantas sombras e surpresas angustiosas?

— Não diga isso, Benvinda — observava a companheira com intimidade — teros saúde, não nos falta trabalho, teus sobrinhos gostam de ti. Não nos sintamos desditosas, quando a oportunidade de serviço continua em nossas mãos.

Mal humorada — explodia a queixosa, exasperada

— Que diz? a existencia esmagou-me e desde a infancia ha sido para mim pesada carga de sofrimentos. Referes-te aos sobrinhos e que significam eles em meu caminho senão agravo de preocupações? O mundo é carcere tenebroso, inferno terrível, onde somos convocados a ranger dentes.

Calava-se a colega, ante o transbordamento da revolta insensata.

Na estação do frio, aferrava-se Benvinda em lamentações amargosas; no verão, acusava a natureza, declarava-se incapaz de tolerar o calor; e se chovia, amaldiçoava as nuvens generosas.

Dispondo de muitas horas no ambiente doméstico, a infeliz nunca soube valorizar o santo aconchego das paredes acolhedoras, onde os pais carinhosos lhe haviam dado o beijo da vida.

A QUEIXOSA

Conto de
HUMBERTO DE CAMPOS

Ilustração de
ARCINDO MADEIRA

Enquanto os sobrinhos, quasi crianças, permaneciam no trabalho, Benvinda recorria às vizinhas e, mãos cruzadas em sinal de preguiça, continuava incorrigível

— Ah! dona Guilhermina, a vida vai-se tornando insuportável. Este mundo resume-se em miséria e desengano. Até quando serei humilhada e perseguida pela má sorte?

— Oh! minha filha — respondia a interpelada fixando gestos de mãe compadecida, por ocultar a verdadeira expressão da personalidade habituada á maledicência — Deus é bom Pai. Não desanime. Tenhamos confiança na Providencia. Tudo passa neste mundo. A fé pode transformar nossas dificuldades em motivos de vitória e alegria.

— Fé? — replicava Benvinda exaltada — estou descrente das orações. Deus nunca me atende. Quando sonhava, ha dez anos, a organização de um lar que fesse somente meu, rezei pedindo a proteção do céu e meu noivo desapareceu para desposar outra joven,

mais tarde, longe de mim. Quando meu pai se decidiu á operação, supliquei á Providencia que me poupasse a vida atendendo a que eu era orfã de mãe, desde os mais tenros anos, e sobreveiu a infecção que o levou á sepultura. Quando minha unica irmã adoeceu, recorri de novo á confiança no poder celestial e Priscila morreu deixando-me os filhos por criar, através de obstáculos numerosos. Como vê a senhora, minha crença não poderia resistir a choques tamanhos. Estou sózinha, abandonada, sou o cão anonimo, desprezado em desvios do caminho.

Mas, como a assistência espiritual da esfera superior vale-se de todos os meios por socorrer ignorantes e infelizes, a vizinha, não obstante a má fé, constituiu-se em instrumento de consolação ao bafejo de amigos desvelados do plano superior e replicava:

— Entretanto, quem sabe todas as desilusões não resultaram em beneficio? O noivo que a enchia de esperança, talvez a envenenasse de desesperação, mais tarde; o progenitor teria evitado a operação cirurgica, mas possivelmente se tornaria dementado, percorrendo hospícios ou convertendo-se em palhaço da via publica; a irmã ter-se-ia curado da pneumonia, mas, viuva muito joven, talvez lhe amargurasse o coração fraterno, cedendo a sugestões inferiores no caminho da vida.

Em vez de ponderar as observações amigas, Benvinda retrucava:

— Não me conformo: para mim a vida se resume no drama pungente que aniquila o espirito, ou na comédia que revolta o coração.

A palestra continuava, pontilhada de lamentos e acusações gratuitas ao mundo, até que os rapazinhos chamavam á porta. A tia, que perdera tempo com larmuria improduttiva, aproximava-se do fogão apressada.

— Esta vida não me serve! — dizia em voz alta, amedrontando os jovens — até quando serei escrava dos outros, capacho do destino?! Maldita a hora em que nasci para ser tão desgraçada.

Os sobrinhos miravam-na entristecidos. — Quando conseguirmos melhor remuneração, tia — exclamava um deles, bondosamente — havemos de auxiliá-la, retirando-a da fábrica. Não é a senhora nossa verdadeira mãe pelo espirito?

Benvinda, no entanto, longe de comover-se com a observação carinhosa, multiplicava as impertinencias.

N. DA R. — NA ÚNICA EXA A EM QUE A "LI ERA ÚNICA DE ALÉM-ÚNULO" SE ENCONTRA EM FRANCA A LALIDADE, POMO DE DISCORDIAS E OPINIÕES CONTRADITÓRIAS, DAMOS, NES A PÁGINA, — A TÍTULO DE CURIOSIDADE — UM CONTO PUBLICADO NO LIVRO "REFORMAGENS DE ALÉM-ÚNULO" POR FRANCISCO CANDIDO XAVIER, ATRIBUÍDO AO ESPÍRITO DE HUMBERTO DE CAMPOS.

(Continua na página 48)

à elegância da atmosfera, e "Rosas e vaso de cristal", não menos credor do nosso apreço. São tres excelentes trabalhos, pelos quais fácil será traduzir a soma de emoções que a exposição, em conjunto, nos proporciona. A artista patricia está de parabens com a sua nova mostra de quadros; mas esses parabens estendem-se ainda aos colecionadores e apreciadores da arte que imortalizou Vitor Meireles, Pedro Americo, Batista da Costa e tantos outros. Queremos aproveitar o ensejo para agradecer a Lucilia Fraga a visita que teve a gentileza de fazer-nos, por motivo da inauguração desse legitimo acontecimento de arte, em dia da semana passada. E não erramos considerando que sua exposição regista, nesta temporada, um marco de inegável êxito quando milhares de admiradores dos seus magníficos trabalhos acorrem ao local em que são oferecidos ao público e onde permanecerão no transcurso desta segunda quinzena de Agosto.

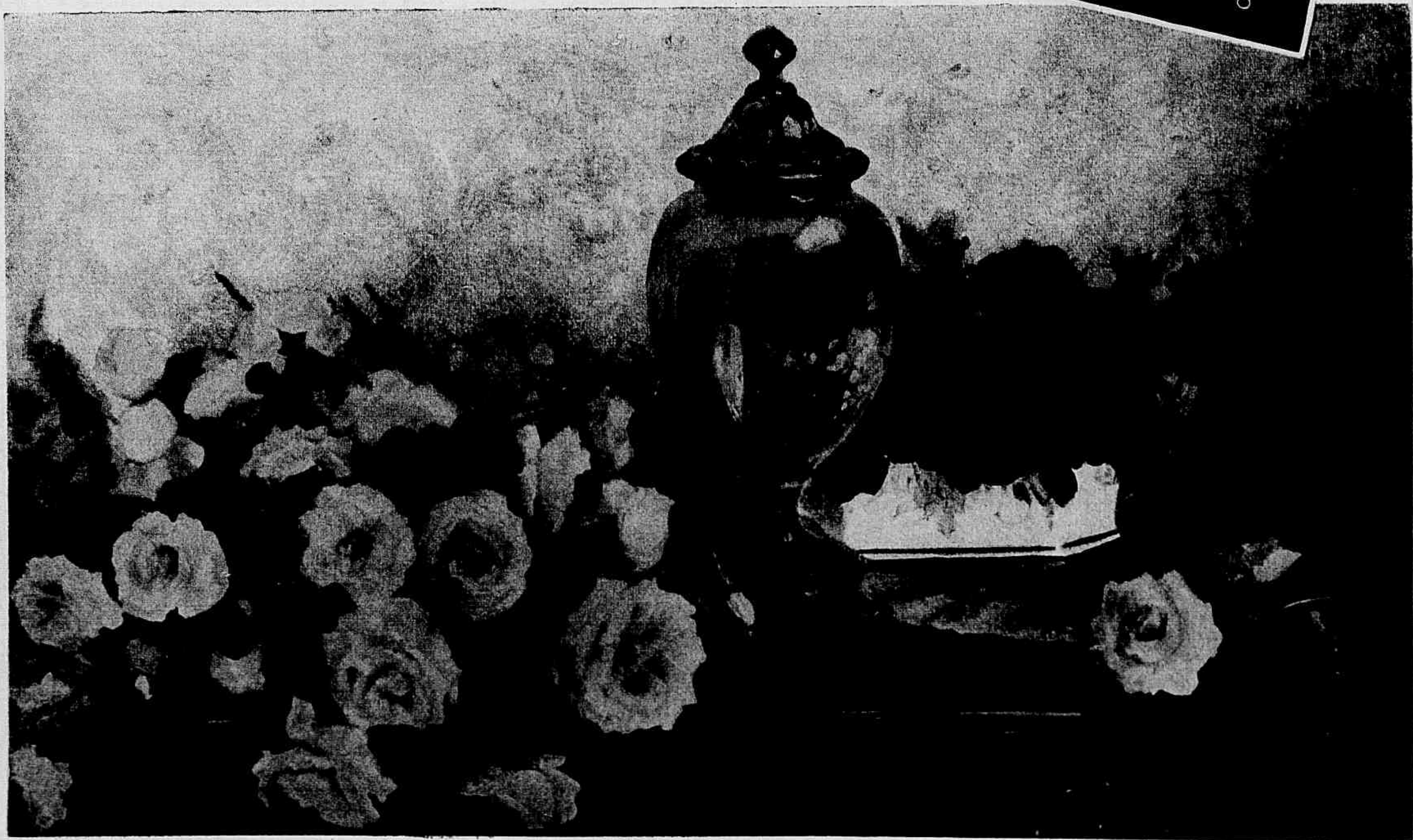
FLORES DOS CAMPOS

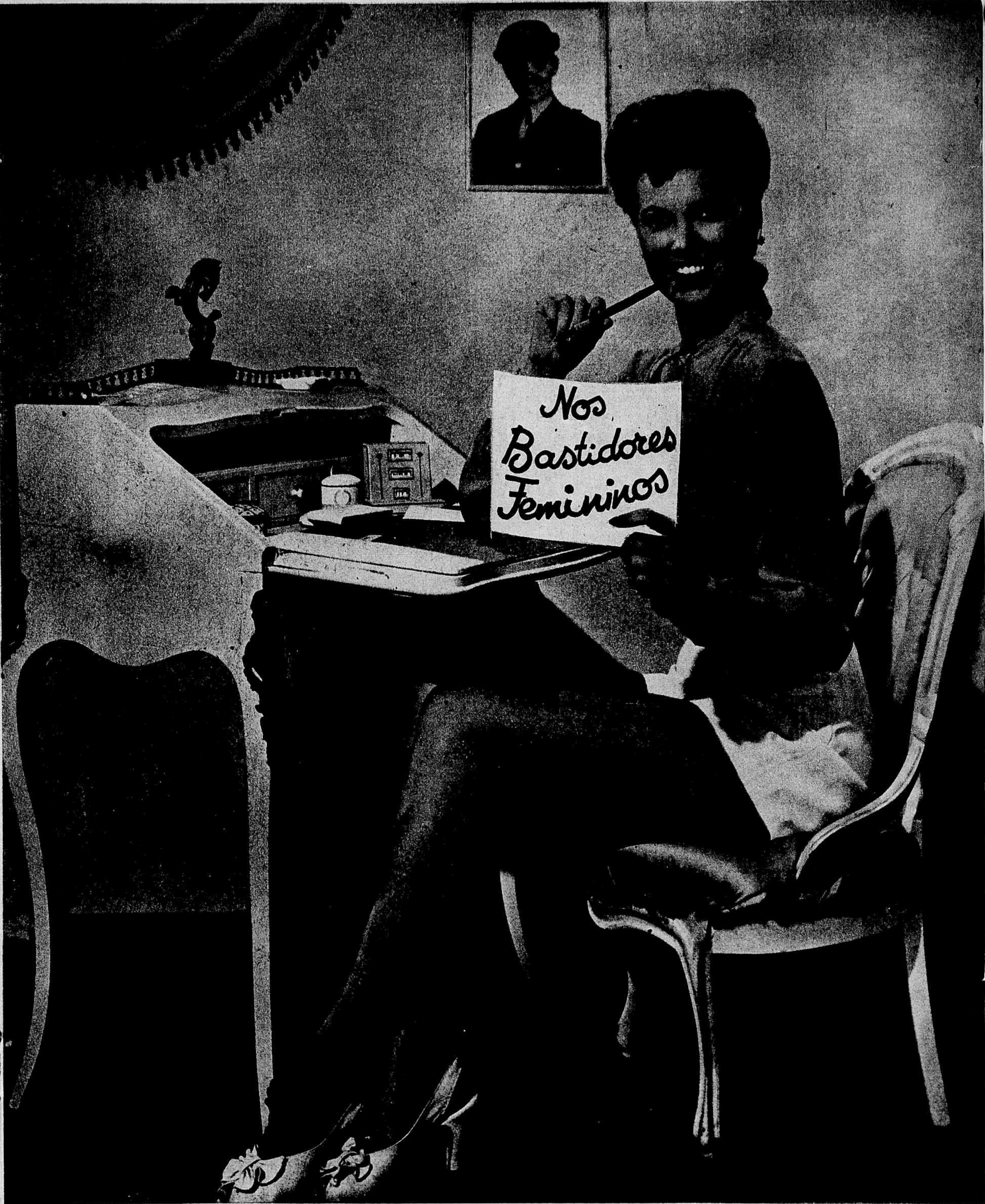
MIMOSAS E DAMÁSICO ANTIGO

ARTES PLASTICAS

LUCILIA FRAGA, considerada muito justamente a nossa maior pintora de flores, nome que se impoz pelos seus meritos reais e indiscutíveis, recebeu, quando de sua visita a Buenos Aires, do grande matutino LA NACION, o honroso titulo de "embajadora de la arte brasileña". É agora a festejada pintora paulista, que tanto sucesso alcançou com suas exposições anteriores, apresenta sua nova mostra de arte, no salão de honra do Palace Hotel da qual consta um numero avultado de telas, todas impregnadas daquêle sentimento e colorido que tanto conhecemos e admiramos. Nesta página, oferecemos aos leitores, certamente também apreciadores da arte de Lucilia Fraga, tres desses quadros, cada qual mais perfeito: "Mimósas e damasco antigo", obra de grande colorido, impregnado naquêle tóque sumamente artistico da sua autora; "Flores dos Campos", onde o matizado das flores se associa de maneira admiravel

ROSAS E VASO DE CRISTAL





ALMA FRAGIL DE MULHER

BUNNY WATERS, DA METRO.

Porque tudo é permitido á poesia, também se lhe permitirá essa suave expressão, que em verdade nada tem de consistente. Alma forte, alma heroica de mulher, essa é a verdade e é nessa verdade que se apoia a grandeza espiritual da humanidade.

Na sua fragilidade exterior, no seu feminino feitio, ela marcha dentro da vida como uma força incoercível que distribue e constrói o bem, ou distribue e constrói o mal. Façamos da bondade, pois a maldade é uma degenerescência, como uma doença qualquer do organismo humano.

A bondade, que é oferenda da alma feminina, nem sempre é julgada pelos seres no seu exato valor intrínseco; nós a condicionamos quase sempre a uma série de pequenos detalhes mundanos. A' dama ilustre, que sob o baldaquino de seu prestígio social, ou áquela cuja fortuna lhe permite todos os caprichos, louvores são dados pelo bem que espalha, ou pelas obras que cria, obras que, quantas vezes, outra cousa não são mais do que um sináculo de vã glória, um pedestal de vaidade.

Contudo, existem na vida modestas criaturas, excepcionalmente constituídas em sua estrutura moral, almas lavadas de luz, que sacrificando comodidades já bem poucas,

e vencendo galhardamente obstáculos e até mesmo humilhações, constroem, para refugio alheio, obras de misericórdia, amparo e consolação, como por exemplo um abrigo para a velhice desamparada, ou então uma escola para orfãos e abandonados, salvando desse modo da delinquência e do analfabetismo milhares de brasileiros, para entrega-los aptos ao serviço da Pátria; é esta a maior obra de civismo, o civismo pacífico e construtor.

Pois, minhas leitoras, uma patricinha nossa, modesta suburbana, sem dinheiro e sem prestígio de nome, simples e fechada em sua bondade, como uma estrela entre nuvens, fundou com a força de sua persistência, de seu sacrifício e de sua caridade essas duas obras aqui citadas. Dois milagres de um grande coração feminino, ofertados á glória divina, única que ela aspira, e ao amor do próximo tal como o ensinou Jesus. Essa brasileira digna de nossa maior admiração é uma velhinha simpática e suave que na pia batismal, num dia abençoado por Deus, por ser o dia do batismo de uma eleita sua, recebeu o nome de SATURNINA. Muitos velhinhos e muitos orfãos, amparados pela sua obra incognita, por ela rezam por d. Saturnina de Carvalho; e nós, deste pedaço de página, a louvamos e nos orgulhamos de ser sua patricinha.

WALLY.



Ela chama-se Ann Sheridan. Tem nome: aquele imenso "cartaz" que só o cinema americano sabe conceder a qualquer indivíduo, de qualquer dos sexos, que até então passava inteiramente despercebido para todos os efeitos e em todos os meios. Foi modelo, simples *girl*, desfilou diante dos figurinistas de Nova-York e impôs-se pela beleza com que foi dotada e pelos seus inegáveis predicados de comediante. Mas, principalmente, pela primeira. A mulher de Hollywood continua sendo o protótipo da beleza e da elegância e, mesmo quando nos oferece vestidos que aparentemente se mostram por demais espetaculares, está ditando a moda. Paris ainda não tem suficientemente as luzes acesas para pensar nessas pequeninas futilidades que tão poderosamente influem no espírito da Humanidade. E será caso para pensar si, mesmo depois da guerra, Hollywood estará disposto a perder o centro que a guerra lhe pôs nas mãos. Em relação a Ann Sheridan, que nos aparece nesta página em quatro maravilhosas expressões, é certo que dificilmente deixará de ser modelo-vivo. Mesmo quando está desempenhando um papel intensamente dramático, numa história romanesca com George Brent ou James Cagney, ela está lançando modelos para as *lens* de toda parte do mundo onde chegam seus filmes. Sem dúvida, não passam de simples fantasmas os que aqui reunimos. Mas vale divulgá-los pelo realce

dos predicados físicos da "estrela", pela sua maneira perturbadora e eloquente de olhar, pelo sorriso disfarçado sempre, nunca pronunciado, que nos oferece... Um detalhe a observar: Ann Sheridan gosta de enfrentar a objetiva. Nestas quatro poses, só em uma desvia o olhar, e assim mesmo o faz para nos dar a impressão de quem está, realmente, pensando em alguém ou em alguma coisa de muito preciosa... Nas tres outras, encara o leitor, parece desafiá-lo, prometendo ou negando o que lhe suplicamos de longe, mesmo por intermédio da fotografia...

E' assim Ann Sheridan: não dando grande importância ao seu "cartaz" de intérprete cinematográfica, mas dando muito mais às suas tradições de beleza e de elegância. A "estrela" da Warner vai aparecer nesses e em muitos outros modelos em um de seus próximos filmes. Estes são, de fato, os primeiros *clips* de *Shine on harvest moon*, ainda sem título para o nosso idioma.



Ann Sheridan — a que prefere de frontar-se com a objetiva, posando sempre com o pensamento voltado para os "lens". Nestes modelos, todos em estilo, há entretanto um *incanável* e flexível da moda atual. Porque as mulheres não habituam-se a buscar nos vestidos já usados pelas suas mães a inspiração para os modelos que devem usar...



"SLACKS" PARA TODAS AS HORAS, MAS SEMPRE COMO TOILETTE DOMESTICA

O americano tem, para nós, qualquer coisa de infantil, alegre e caprichoso. Inova e lança suas modas com uma ousadia que nós apenas temos coragem para imitar... Mas o certo é que as imitações acabam sendo tão bonitas e bem feitas quanto os modelos, e aquilo que, ao primeiro golpe de vista, se afigura sumamente espetacular, espalhafatoso e absurdo converte-se, pouco mais adiante, em moda quasi passadista... Vejam o que acontece com o *slack*. Quem poderia admitir que nossas patricias o usassem, desde que seus primeiros tipos surgiram nas telas cinematográficas? E no entanto, hoje, êle tomou conta de todas as elegantes, aí aparecendo, a casa passo, numa fertilidade de copias maravilhosa... O *slack* é um traje esportivo usado nas serras, campos, praias,

em veraneio, mas nunca como indumentaria para andar pelas ruas. Ao menos, por enquanto, é bom frisar... Para não romper a praxe e sendo êle uma roupa muito pratica e elegante (para as esbeltas, de corpo bem proporcionado), a americana transformou o *slack* em *toilette* elegante... mas para casa, já se vê. E aí temos tres lindos modelos proprios para o seu *cocktail* ou para um chá intimo. Peggy Ryan, Gail Patrick e Ann Miller incumbem-se de ostentar os figurinos que a REVISTA oferece às suas leitoras. E não tardará muito que todos tres estejam sendo reproduzidos, às centenas, em campos e praias, em serras e veraneios... Quem sabe si até mesmo pelas ruas... As ruas das praias, pelo menos...

32

PEGG RYAN, DA UNIVERSAL, COM LUXUOSO "SLACK" DE SEDA AZUL-DANUBIO, COM UM BOLÉRO E FAIXA ESTAMPADOS DE CORAL VERDE-AMARELO. VIÉSES DA MESMA SEDA LISA, COM BOTÕES DE FANTASIA. AS MANGAS, BEM AMPLAS, COM PUNHO E GOLA ESPORTE. ENFEITES NO BOLÉRO, OS PUNHOS APERTADOS COM DOIS BOTÕES E A CINTA EM COMBINAÇÃO COM O DESENHO DO BOLÉRO. ESSE É UM GRACIOSO MODELO DE UM TRAJE TÃO EM MODA NOS DIAS QUE PASSAM.

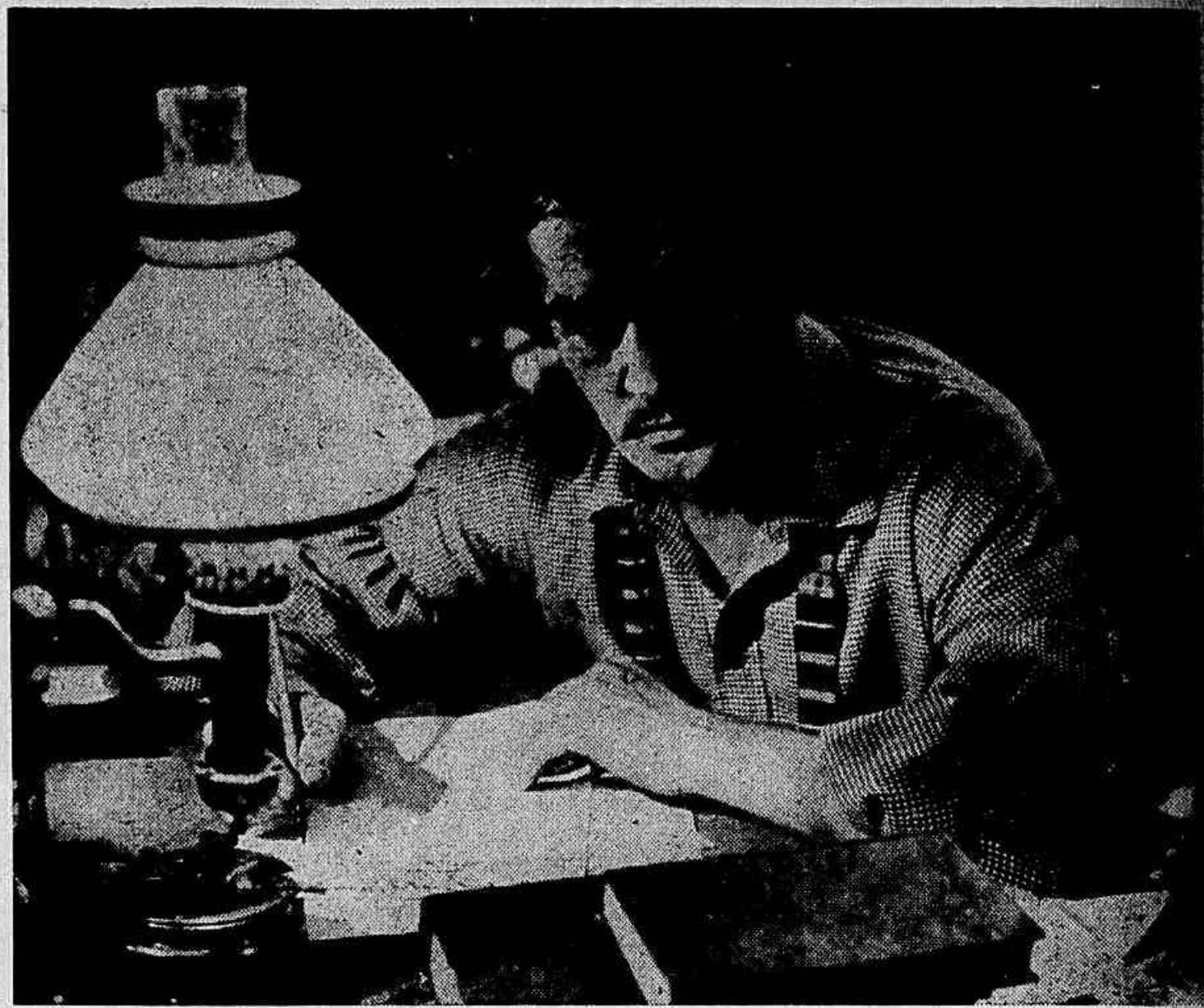
GAIL PATRICK, DA UNITED, EM SEU ORIGINAL INTERIOR, EXIBINDO ELEGANTE ROUPA DE CASA, PARA RECEBER AS AMIGAS NOS SEUS DIAS DE REUNIÃO. A SAIA, DE REAL EFEITO, EM RAYON VERDE-ESCURO. BLUSA CRUZADA INTERNA, EM VERDE JADE, E UM CASACO CURTO EM FEITIO DE COLETE NA PARTE DA FRENTE, COM DOIS BOTÕES DE GALALITE. O XADREZ NO "SLACK" OFERECE UM ENCANTADOR EFEITO. A SAIA, RELATIVAMENTE RODADA NA PARTE INFERIOR.







MARK TWAIN VAI REVIVER NO CINEMA



O PÚBLICO já se habituou a ver transposta para a tela a vida acidentada dos grandes vultos da humanidade, que pelo seu gênio se destacaram, legando para a posteridade seus nomes e sua obra.

E no gênero biográfico que a sétima arte pode atingir o seu maior valor, contando ao mundo a vida dos grandes escritores, artistas, cientistas.

Algumas interpretações magistrais de figuras famosas na história da humanidade já foram vividas no cinema por artistas, cujos nomes ficaram ligados ao do biografado. Assim é que vimos Pasteur, Zola, Rembrandt, ressuscitados nas maravilhosas e fortes interpretações de Paul Muni e Charles Laughton.

Para o público, principalmente para as gerações novas, que podem aprender em duas horas, vendo um filme, o que os antigos aprendiam em alguns meses, lendo livros e consultando documentos, é sempre um prazer ver como herói o criador das personagens que conhecemos através dos romances.

Essas vidas ajudam a compreender as obras e as ideias, a penetrar na psicologia dos personagens, nos quais muitas vezes vamos encontrar o reflexo da vida do autor.

Vamos ter agora a vida acidentada e pitoresca deste grande escritor americano, que tem deliciado

tantas gerações com as suas novelas cheias de "humour": Mark Twain. Seu verdadeiro nome é Langhorne Clemens. O pseudônimo começou a aparecer somente no periódico "Virginia City Enterprise", publicado em Virginia e do qual foi diretor. "Mark Twain" (marcadois) foi inspirado no brado do homem que, nas embarcações de pequeno calado, fazem o serviço no rio Mississipi, dizendo essas palavras ao lançar a sonda assim que esta atinge duas braças de profundidade.

Isto se explica, pois o novelista, entre os muitos ofícios que teve, foi também, na sua mocidade, piloto dos navios que sulcam o Mississipi.

Tendo começado a estudar na escola Hannibal, foi obrigado a se empregar como aprendiz de imprensa, tendo, nesta profissão, percorrido sucessivamente St. Louis, Cincinnati, Filadélfia e New York. Abandonando este lugar, tornou-se então piloto.

As letras exerceriam entretanto sobre a sua inteligência viva uma irresistível fascinação de que não mais se livraria, apesar de todas as aventuras em que se viu envolvido daí para diante.

A guerra civil veio impedir que continuasse a exercer a sua profissão de piloto.

No meio de tantas lutas e adversidades, a sorte afinal parecia olhar para ele: seu irmão mais velho, elei-

to Presidente de Nevada, levou-o como seu secretário particular.

Chegou então a ser diretor de um jornal.

Em breve, porém, a aventura exerceu mais uma vez a sua atração sobre o espírito irrequieto de Mark Twain. Deixou a sua posição para ser mineiro em Nevada. Fracassando nos seus ambiciosos sonhos, voltou à imprensa, trabalhando no "Morning Call".

E desde então, por um longo período, a sua vida parecia oscilar entre a atração do ouro, das riquezas e a das letras.

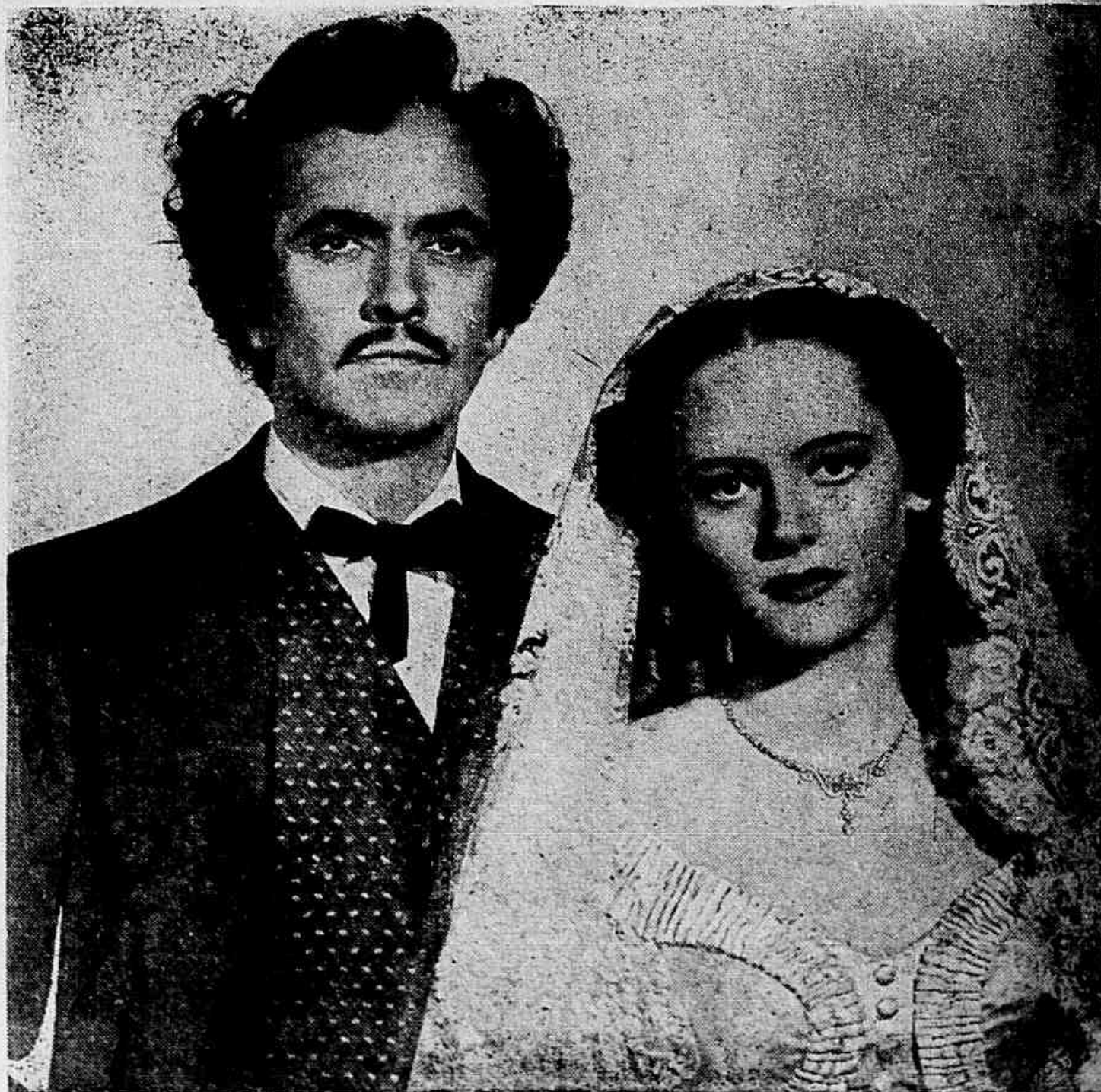
Novamente foi tentar fortuna nas minas de ouro de Calaveras. Mais um fracasso, e outro retorno à imprensa, desta vez em São Francisco.

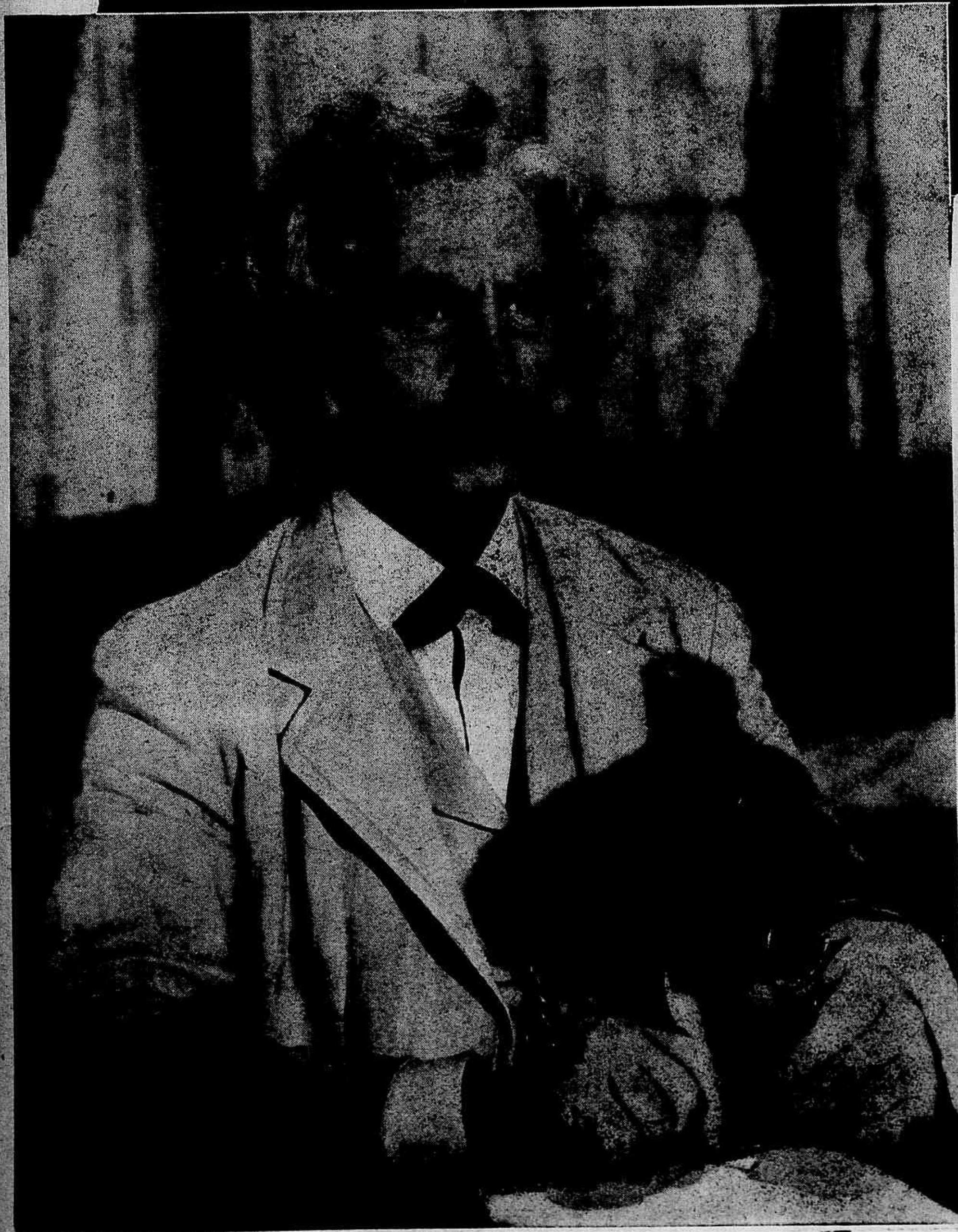
O grande mundo o tentava, com os seus aspectos pitorescos e em 1866, apresentando-se ocasião, visita o arquipélago de Hawaí onde permanece seis meses.

Regressando à América começa a ficar famoso e conhecido através de uma série de conferencias onde revela o seu espírito extraordinário.

Pouco depois publica o seu famoso conto "A Corrida de Rãs".

No mesmo ano, junta-se a uma caravana de turistas e visita o Mediterraneo, o Egito e a Palestina, publicando na volta, um diário daquela excursão, em que ressaltam o seu engenho e a sua inconfundível graça,





ao qual intitulou "The Innocents Abroad". Em três anos vendiam-se mais de 150.00 exemplares dessa obra.

No ano seguinte era diretor do "Express" de Buffalo. Encontra então Olivia Langdon, com quem se casa, vivendo os dois em constante idílio, até a morte desta em Florence.

Para Mark Twain, Olivia foi uma companheira e inspiradora dos seus maiores sucessos, acompanhando-o nos momentos de glória e suavizando os instantes de amargura.

Depois de casado transfere sua residência para Hartford. Vai mais tarde a Londres, onde faz numerosas conferencias. Pouco depois aparece um livro seu estudando os costumes dos Pele Vermelhas.

Twain iria tornar-se entretanto mais conhecido por seus livros sobre aventuras de rapazes americanos, alguns dos quais aproveitados pelo cinema, como "Adventures of Tom Sawyer" e "The Adventures of Huckleberry Finn", esta ultima, considerada pelos criticos como a sua obra prima.

Estabelece-se depois como editor. Viaja durante dois anos por toda a Europa, fazendo conferencias e publicando sempre novas obras, que lhe permitiram pagar suas dividas e organizar definitivamente a vida.

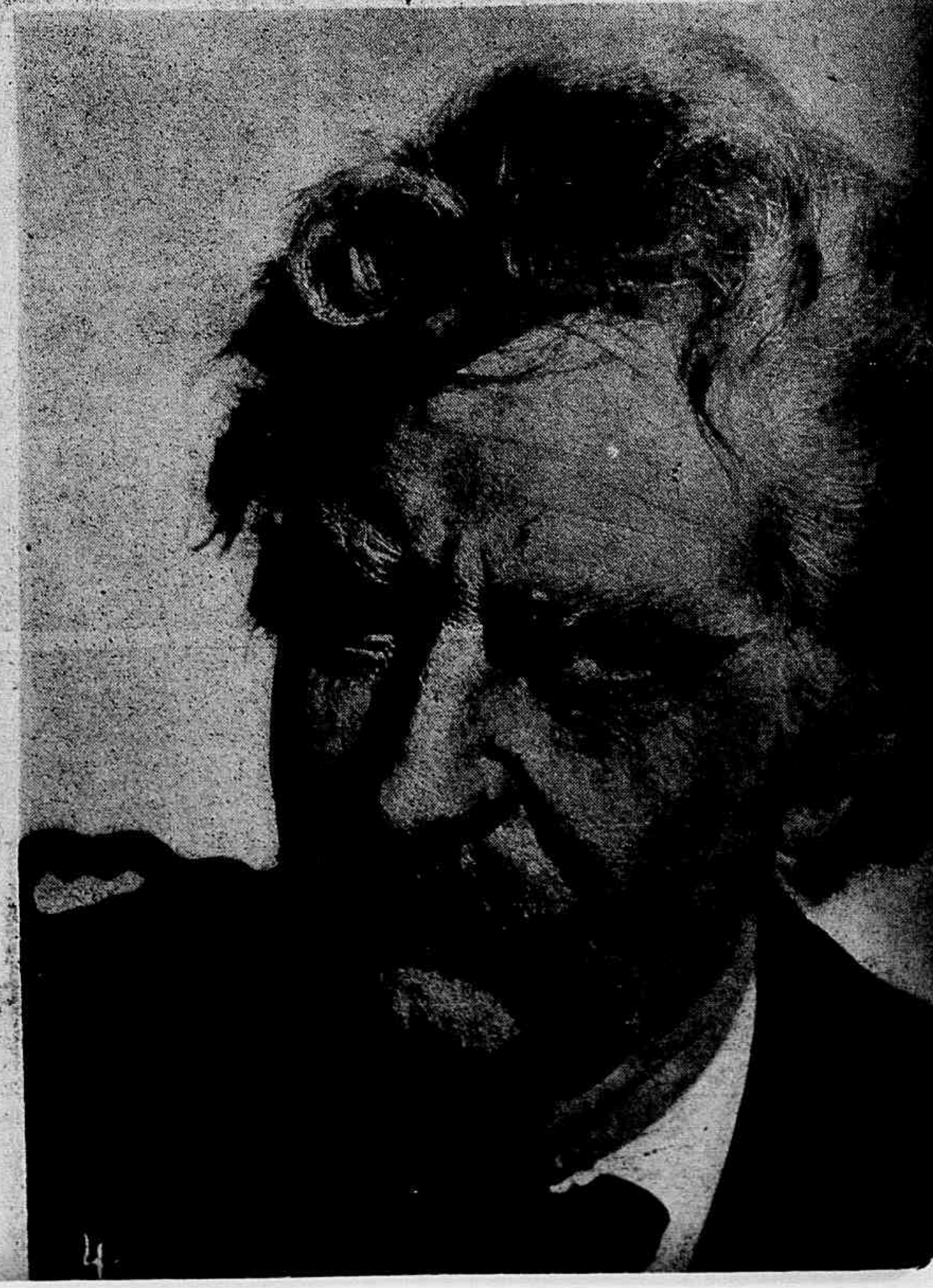
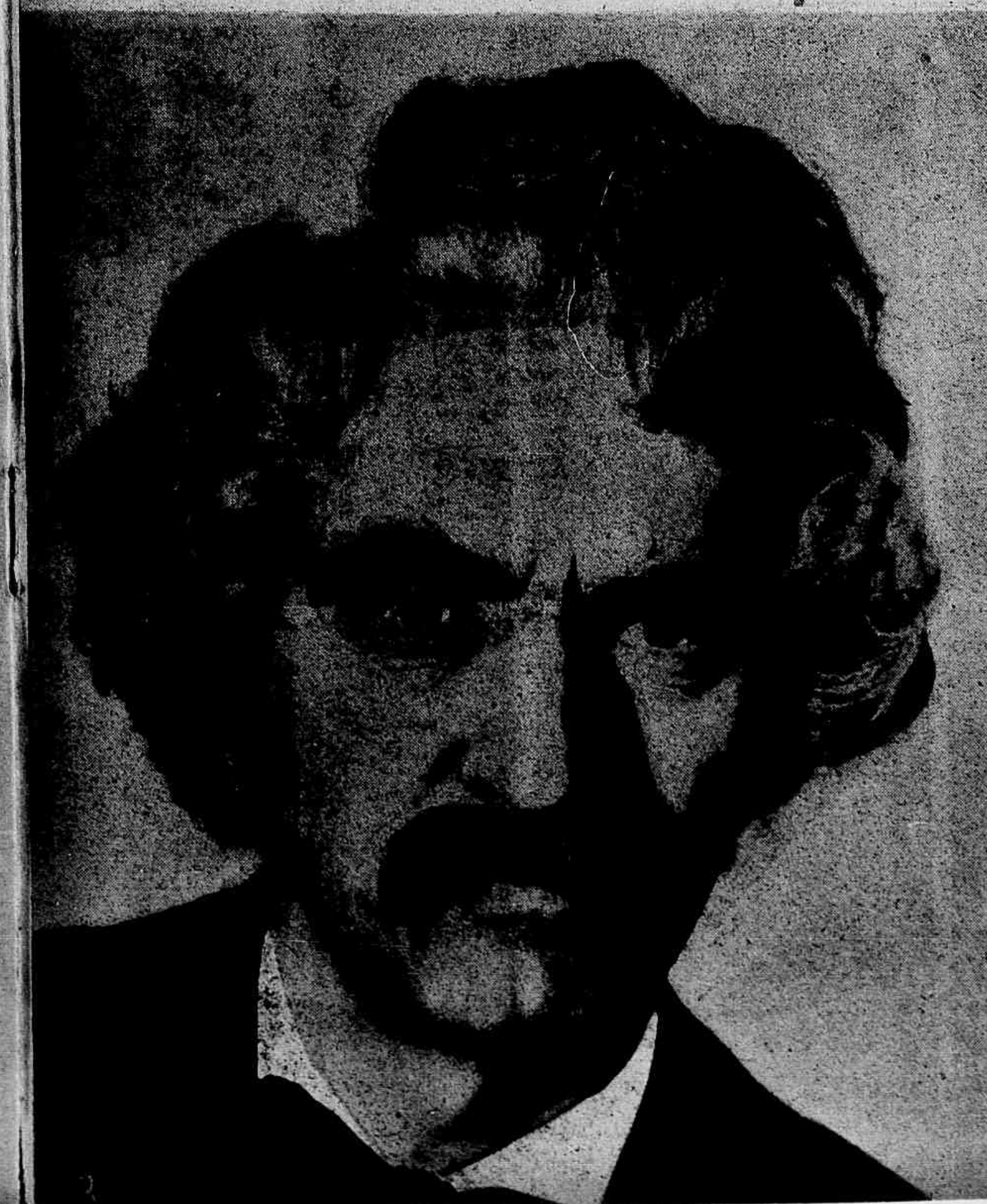
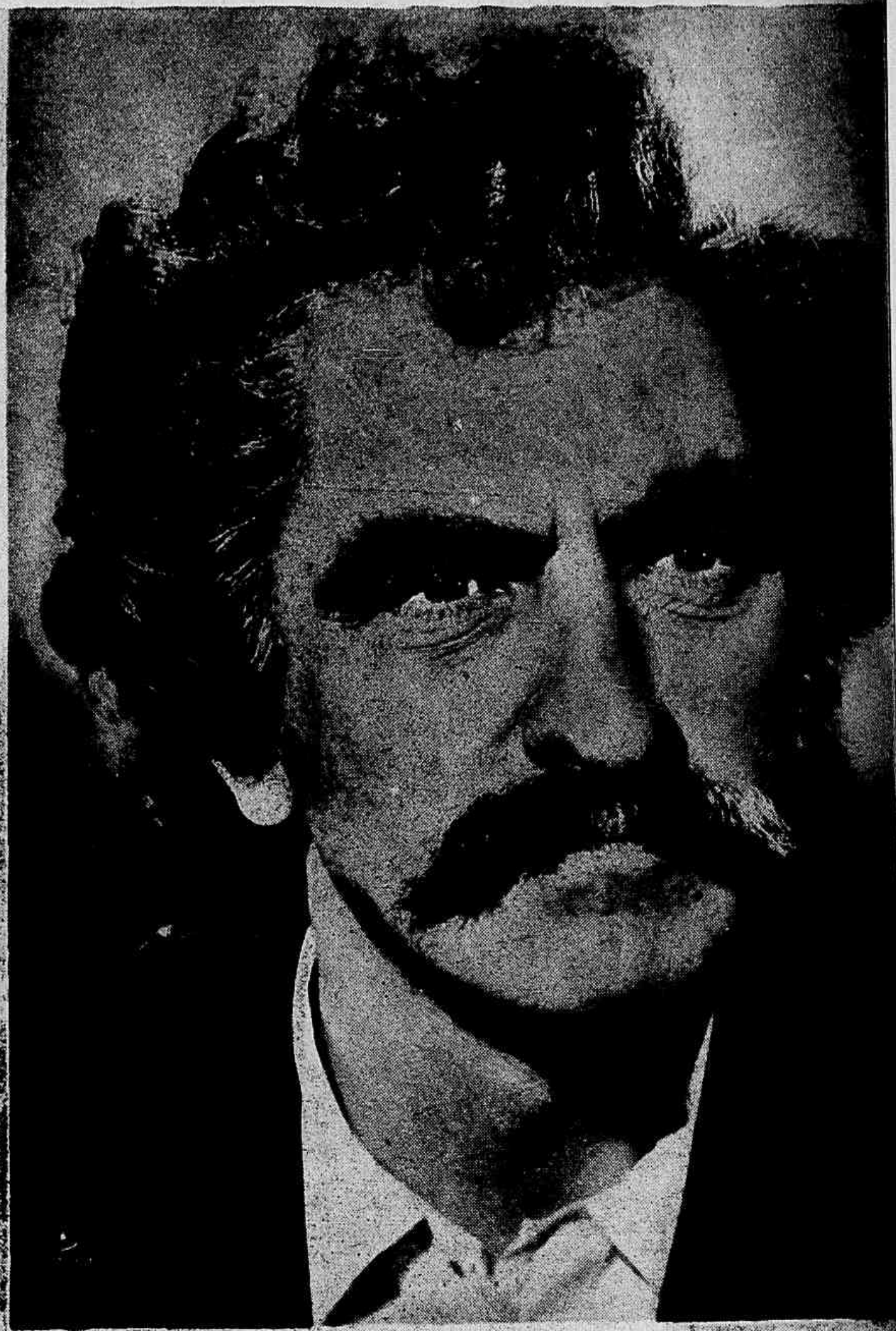
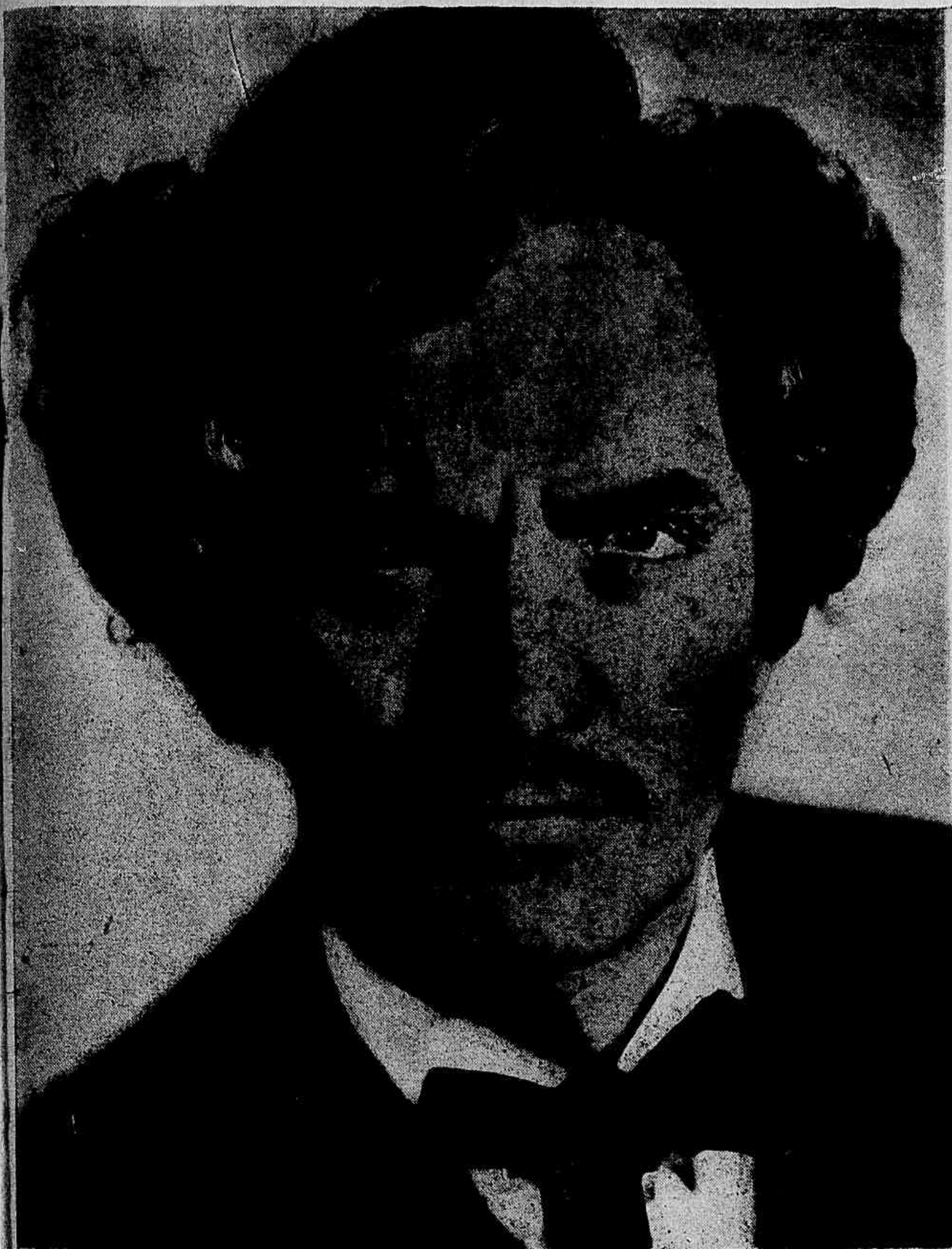
Sua fama começa então a espalhar-se, tendo sido recebido pelo rei da Inglaterra no Palacio. A Universidade de Oxford concede-lhe o titulo de "doutor honoris causa".

São inumeras as suas obras, que foram publicadas numa edição completa em 22 volumes.

Seus heróis infantis, "Huckleberry Finn" e "Tom Swyer", são conhecidos no mundo inteiro.

Vida agitada, cheia de aventuras, em que o esforço, a tenacidade e a inteligencia acabam finalmente vencendo todas as dificuldades, não poderia ter sido escolhido melhor motivo para o cinema, numa caracterização magistral de Frederic March.

AQUI VEMOS FREDERIC MARCH, EM QUATRO FASES DA SUA ADMIRAVEL CARACTERISAÇÃO, NO PAPEL DE MARK TWAIN, QUE INTERPRETA NO FILM DA WARNER BROS, JUNTAMENTE COM A GRACIOSA ALEXIS SMITH. PELAS FOTOGRAFIAS PODEMOS ACOMPANHAR A PERFEIÇÃO DO TRABALHO DE FREDERIC MARCH, NAS DIVERSAS FASES DA VIDA DO GRANDE HUMORISTA AMERICANO.



UM MODELO FAMOSO DE RENOIR



JEAN RENOIR, NA RESIDENCIA DE MR. SLADE, EXAMINA ALGUMAS REPRODUÇÕES DE QUADROS FAMOSOS DE SEU PAI, EM COMPANHIA DESTA E DE MRS. SLADE, O MAIS FAMOSO MODELO DE RENOIR, FIGURANDO EM INUMEROS QUADROS JUNTAMENTE COM JEAN, QUE ATUALMENTE É UM FAMOSO DIRETOR DE FILMES EM HOLLYWOOD.

Perto de Hollywood, numa casa modesta, mora um interessante casal. Uma senhora, com perto de 60 anos, falando exclusivamente francês, e seu marido, um velhinho de ar tranquilo e grandes barbas brancas, bem cuidadas, que foi discípulo do grande artista francês Auguste Renoir, e que se parece impressionantemente com ele. Poucas pessoas da vizinhança sabem que aquela senhora é Gabrielle, um dos modelos mais famosos do mundo, que posou para os melhores quadros de Renoir, agora em todos os grandes museus do mundo.

Perto desta casa humilde mora o conhecido diretor de cinema Jean Renoir, segundo filho do pintor. Frequentemente essas três pessoas se encontram para lembrar os velhos tempos, que podem ser vistos na série de quadros abaixo. Gabrielle entrou a serviço de Renoir, ha cinquenta anos. Então os Renoir passavam suas férias na pequena cidade de Essoyes, na França, e Gabrielle — nessa época uma encantadora camponesa de 15 anos — empregou-se como ama de Jean. Entretanto, para ser empregada em casa de Renoir era preciso preencher certas condições, a mais importante das quais era poder ser um bom modelo. Esta condição foi plenamente preenchida pela camponesa, e a prova está na quantidade enorme de quadros em que serviu de modelo, carregando Jean ao colo, alimentando-o, ensinando-o a lêr. Oito desses quadros podem ser vistos abaixo. Em 1920 Gabrielle desposou Conrad Slade, um artista americano, que estava na França para aprender a pintar com Renoir. Jean Renoir herdou de seu pai a vocação para a arte. Transferindo-se para Hollywood, tornou-se um famoso diretor de cinema. Ha dois anos a senhora e o Sr. Slade seguiram-no.

38



GABRIELLE, O MAIS FAMOSO MODELO DO GRANDE IMPRESSIONISTA FRANCÊS AUGUSTE RENOIR, APARECE EM INÚMEROS QUADROS SEUS, NOVE DOS QUAIS PODEMOS VER NESTA PÁGINA. GABRIELLE, ATUALMENTE MRS. SLADE, CASADA COM UM PINTOR AMERICANO DISCÍPULO DE RENOIR, FOI AMA DO PEQUENO JEAN, SEGUNDO FILHO DO PINTOR E ATUALMENTE CONHECIDO ATOR E DIRETOR CINEMATOGRAFICO EM HOLLYWOOD.



Como arranjar um marido, segundo o método ultra-moderno de Laura Lecercle.

O livro estava ali na vitrine, convidativo. Não custava muito. A razão que a fazia hesitar era o amor próprio, a suspeita de que o empregado da livraria riria dela, ao ouvir o nome do livro que desejava. Se pudesse retirar o livro, sem que ninguém visse, depois entregar o dinheiro e fugir, depressa... Porém o jovem vendedor olhava-a, atencioso, esperando que ela decidisse qual dos romances de capas coloridas ela iria comprar. Mal suspeitava ele que não era nenhum dos romances de amor que a interessava, mas um livro, meio escondido a um canto, e que tinha um título um tanto longo: COMO ARRANJAR UM MARIDO. METODO ULTRA-MODERNO — E, mais em baixo, o nome da autora: Laura Lecercle.

Ela disfarçava a sua emoção, brincando com a bolsa preta. Era, como já tiveram ocasião de ver, uma moça tímida. Tímida e educada à antiga. Creio que moça moderna alguma quereria comprar aquele manual da perfeita caçadora de maridos. Ao que parece, as moças de hoje já nascem sabendo as regras desse difficilimo esporte. Ou, pelo menos, aparentam sabê-las. Se é que há regras nesse jogo em que tudo vale, inclusive mistificações a respeito da aparência com uso e abuso de produtos de beleza e quejandos que deixam o marido pasmado quando, depois do casamento, procura encontrar

na mulher que vê todos os dias, às nove horas da manhã, a mesma dama atraente e bela com que sai, muito frequentemente, às nove horas da noite.

Mas voltemos à moça de quem falávamos. Chama-se Odete, por sinal lindo nome, não acham? Pois bem esse longo intervalo que tomámos para uma digressão sobre casamento, ela passou-o exatamente na mesma posição esperando que o olhar do caixeiro se desviasse. Já tinha o plano feito. Tiraria a pequena etiqueta com o preço do livro, entregaria a importância e fugiria antes de ouvir as gargalhadas. O rapaz voltou as costas para ela, para atender um outro freguez. Odete tomou o livro apressadamente, porém, nesse instante notou que dois olhos negros e maliciosos fitavam-na, e uma boca de dentes muito brancos sorria ironicamente. Largou o volume atabalhoadamente, e saiu às pressas. Porém breve sentiu que ele a seguia. Era um rapaz alto e elegante que estivera a examiná-la enquanto ela hesitava. Odete apressou o passo. Mas ele, da mesma forma, estugou o seu. Ela olhou em torno, como que procurando alguém que a socorresse. Sabia que se ele falasse com ela, se comentasse a compra, ou melhor a intenção de comprar aquele livro, ela morreria de vergonha. Pobre Odete! Mais do que tímida: era positivamente boba. Tudo a intimidava. Dá-se porém um caso, com certas pessoas tímidas. Não sei se repararam. Quando uma coisa qualquer as intimida demais, não se sabe como, criam cora-

CAÇANDO MARIDO...

Conto de
JEANETTE DUBOIS

gem e enfrentam-na, elas que tremariam em casos menos graves. Assim fez Odete. Numa resolução desesperada virou-se para o rapaz que a seguia e disse:

— Por que me segue?

Ele sorriu.

— Não a siga. Acontece que vamos para o mesmo lado.

A segurança com que ele pronunciou essas palavras fez desvanecer como que por milagre a coragem de Odete. Ela corou até à raiz dos cabelos e não disse mais nada. Virou-se novamente e continuou a andar.

Grossas lágrimas de humilhação caíam-lhe dos olhos. Queria chegar em casa quanto antes e trancar-se no seu quarto. Que vergonha! O rapaz olhava com espanto para aquela moça. Como? Seria possível que no século vinte ainda existisse alguma moça desse jeito? Ora vejamos só. Eis-nos, de chofre, em pleno 1830. Ela cora; ele sorri. O pai protesta: a mãe protege. Um bimbalar de sinos. Casamento, muitos filhos. E, o final clássico: entrou por uma perna de pato e saiu por... uma de pinto. Típico conto de fadas contado nos serões pela vovósinha de cabelos brancos. Não havia dúvida. Ela era encantadora. Por que não aproxi-

mar-se. Não teria coragem para repeli-lo; disso estava certo.

— Senhorita! Por que está chorando? Não há motivo para isso? Afinal de contas, por que perturbar-se assim? Nada mais natural do que a senhorita desejar casar-se. E' moça e bonita. Mas não precisa de livros como aquele para conseguí-lo. Basta vencer a sua timidez.

Ela continuava a andar como se ele não estivesse ali falando. Não acharia resposta conveniente. Suas faces estavam mais vermelhas do que um pimentão — não há pimentões verdes. Vermelha como uma rosa vermelha. Não é lá muito feliz a comparação, mas não deixa de encerrar seu grau de poesia. Mais do que a comparação vegetal do pimentão, a comparação vegetal da rosa caberia aqui. E demos por encerrado o assunto. Mais uma vez voltemos ao ponto de partida esperando não tornar a fazer comentários insólitos.

Ela, como já nos dizendo, seguia, muito séria e muito vermelhinha, rua abaixo. Ele atrás... Agora já notara que ele, se bem não quisesse confessar, estava interessado nela, pois lançara um olhar furtivo para a sua banda, e não a deixava mais.

— Quer que lhe compre o livro? propoz afinal.

O tom era tão benévolo que ela parou e, voltando-se para ele, agradeceu:

— Muito obrigada. O senhor foi muito gentil. Mas, por favor, não me siga. Já estou suficientemente envergonhada!

Ele sorriu. Mas foi só. Ficou de pé, a sorrir enquanto ela se afastava.

— Hom'essa! disse por fim, dando conta de si, com ar apatetado. Será que isso pega? Eu dei agora para ficar desse jeito? Mal sabia ele, pobre vítima, que era este um prenúncio de amor nascente. O *coup de foudre* tão falado agira proficientemente. E eis que o nosso herói pôs-se a sorrir, novamente, enternecido. Um caso perdido. Mais dia menos dia: Casamento.

II

E, de fato, as nossas suposições não eram, de todo, infundadas. Depois de muito procurar, e muito rondar pelo local do encontro, ele, certo dia, deu com ela. Foi no bonde. E convenhamos que este local é dos mais propícios. E com o encontro veio uma série de revelações apalermantes. Imaginem que eram parentes! Sim, primos. Inevitavelmente. Primos em segundo grau, para que a igreja não proteste, mas primos. O caso típico. Puro Jorge Ohnet se preferirem.

Mas como chegaram a falar? Ela não se recusou. A timidez não foi assim tão grande que não lhe permitisse uma conversa com ele. Palestraram. Trocaram seus respectivos nomes. E aí, veio a revelação a que já nos referimos.

— Vejam que coincidência, disse ele. E, se tivessem ouvido o tom com que ele pronunciou essas palavras, amigos leitores, teriam, como eu, abanado a cabeça e abandonado as esperanças: não havia mais escapatória. O nosso herói estava mais do que fígado, estava manietado e amordaçado.

E assim foi que se encontram pela segunda vez. Esse encontro repetiu-se frequentemente, pois, desde aquele dia, não se sabia por que, ele sempre estava no bonde àquela hora. E, de cada vez, era a mesma exclamação:

— Mas que surpresa!

Fingimento e do bom. Em todo o caso, no amor e na guerra, etc., etc., como já sabem. Dai não dar-mos muita importância à mentirinha... Chegou o dia, aliás, em que não podiam mais, com a maior boa vontade, sustentar que fora coincidência e, nesse dia, com a intuição acomodada cia dos namorados, resolveram não falar mais no assunto.

— Olá! dizia ele.

— Alô! dizia ela.

(Continúa na página 55)



Um para mim, outro para você...

de
MARIA LUIZA

QUEM TERIA ACENDIDO O CIGARRO
DE JANE WYMAN, A NOVA ESTRE-
LINHA DA FKO, PARA MERECE-
R ESTE OLHAR... ?



... E A FELICIDADES PARA NÓS. DOIS.

Tenho uma amiga que aprendeu a fumar exclusivamente porque seu noivo adorava os cigarros que haviam sido acesos entre os "deliciosos lábios da amada"; e de tanto acendê-los ela acostumou-se também com o sabor agradável do fumo, não mais podendo dispensá-lo. Hoje ela acende os cigarros dele e ele acende os dela, pois ambos fumam a mesma marca e são muito felizes...

Com Paul Heinreid, em seu formidável trabalho ao lado de Bette Davis em "A Estranha Passageira", aconteceu uma coisa semelhante. Bette Davis, que até então só havia fumado escondida, apavorada pela severidade exagerada de sua mãe, manifestou a libertação de seus complexos, entre outras coisas, pela serenidade de fumar em público, principalmente diante da velha. E seu grande amor por Paul Heinreid despertou no momento em que este acendeu pela primeira vez dois cigarros, um para ela e outro para ele. Aliás, são esses dois cigarros acendidos ao mesmo tempo que marcam a emoção maior das cenas culminantes do film maravilhoso.



FIGURAS E FATOS

ANIVERSARIOS DA SEMANA

Dia 26 — Senhora D. Irene da Silva Melo Carvalho, assistente da Faculdade Nacional de Filosofia, e senhorinha Sarah Laura Galo.

Senhores: desembargador Odilio Costa e Ademar Gonzaga, diretor da Cinédia.

Dia 27 — Senhora D. Cecilia Maria Cordeiro Bitencourt. Senhores: comandante Thiers Fleming e o nosso confrade Carlos Alves da Fonseca.

Dia 28 — Senhoras: Octavia de Mendonça Vieira Souto e Ermelinda Brasil de Almeida.

Senhores: general Tasso Fragoso, ministro aposentado do Supremo Tribunal Militar; capitão de corveta Mario Rebelo de Mendonça, oficial de gabinete do ministro da Marinha, e o prof. Arnaldo de Moraes.

Dia 29 — Senhora Alayde da Silva e Souza e senhorinha Julia Pedroso Lima.

Senhores dr. Isaias Alves; dr. Candido de Moraes Mello e dr. Paulo Manzo, consultor jurídico da Associação dos Empregados no Comércio.

Dia 30 — Senhorita Clotilde Mattos.

Senhores: tenente-coronel Carlos Pfatzgraff Brasil; dr. Ubaldino do Amaral Neto e dr. Henrique Carlos Meyer.

Dia 31 — Senhor: ministro Hermenegildo de Barros.

Setembro:

Dia 1.º — Senhores: dr. Valentim Bouças e Octavio Pacheco.



A SENHORITA CAROLINA GOMES DE OLIVEIRA NO DIA DO SEU ENLACE MATRIMONIAL A 8 DE JULHO ULTIMO. COM O SR. UBIRAJARA ANTUNES.

DR. JOSÉ AURELIANO BOFF, JOVEM CAUSIDICO E UMA DAS FORTES MENTALIDADES DA ATUAL GERAÇÃO, MUITO CONCEITUADO NAS RODAS INTELECTUAIS E JURIDICAS, CUJA DATA NATALICIA TRANSCORREU NO DIA 22 DO CORRENTE MÊS.

HOMENAGEM PRESTADA NA C. A. P. DOS FERROVIARIOS DA CENTRAL DO BRASIL, Á ASSISTENTE DO DIRETOR MÉDICO, D. CHRISIDE DE LUNA FREIRE, POR OCASIÃO DA SUA DESPEDIDA DAQUELE CARGO QUE OCUPOU DURANTE CINCO ANOS, PRESTANDO OS MAIS RELEVANTES SERVIÇOS. NO CLICHÉ, A HOMENAGEADA ENTRE DIRETORES, MÉDICOS E FUNCIONARIOS DA CAP.



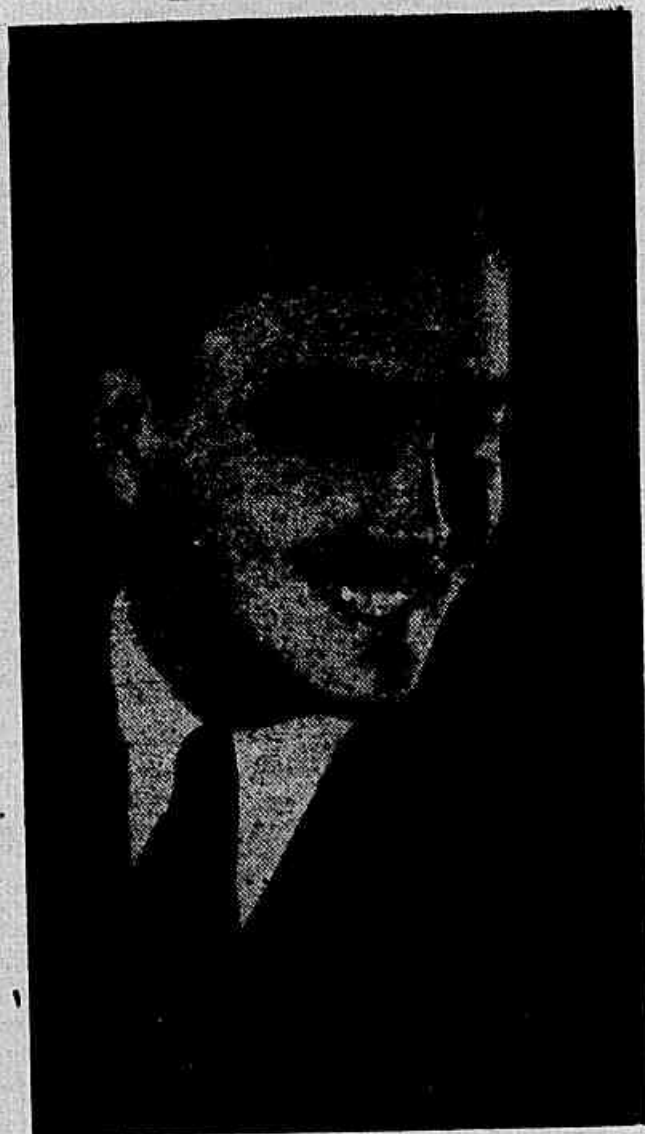
de Radio

SINAL DOS TEMPOS

DJALMA MACIEL

HOUVESSE, ainda, alguma dúvida sobre o desprestígio dos grandes "astros" da musica popular e o movimento renovador, que ora se processa em certas emissoras, ofereceria elementos bastantes para convencer os descrentes dessa verdade. Passou — e não parece que volte mais — o tempo do Orlando Silva, do Chico Alves, do Carlos Galhardo, figurões que se tornaram celebres à sombra dos microfones, emergindo, de um dia para outro, do mais completo anonimato. Cloróticas *midinettes* suburbanas perderam o encanto pelas coleções de lenços e mechas de cal e los, obtidas por violência em românticos entreveros às portas dos estúdios! E os carteiros que servem às estações descansaram, afinal, do pesadíssimo fardo quotidiano das misérrimas sentimentais!...

Há dois anos, qualquer posto transmissor que mudasse de dono para sofrer



Celso Guimarães" é um autentico gentleman a serviço da radiofonia brasileira. Ao microfone da Nacional, onde atua, em situação do maior destaque, comandando varias transmissões, seu programa vespertino às terças, quintas e sábados, vale como uma lição de bom gosto e de discrição.

uma reforma tomaria, logo de inicio, como estrutura do seu programa de realizações, a caçada aos medalhões. Trefegos e espertíssimos agentes de publicidade, atiravam-se em campo articulando misteriosas *demarches*. Havia controvérsia de ofertas. Os cronistas farejavam assunto sensacional, abrindo largos títulos nas respectivas colunas especializadas, e os felizes "estrelas", alvos de tantas atenções, primavam, então, em fazer *chiqué* de beldades requetadas: — "Ainda não sei se vou..." "Tenho outras propostas mais vantajosas..." "Ando cansado, meu caro. Talvez mesmo abandone o radio, definitivamente..." A essa voz de afastamento irremediavel, um tufão de espanto e de terror varia os corredores dos estúdios. Entravam em cena os proprios proprietarios dos balcões radiofonicos, manejando o argumento irresponsivel das cifras e dos contratos. Um, dois meses depois, o *divo* renuncia-se às suplicas de seus futuros chefes, interpretes da vontade cate-

gorica da massa dos ouvintes. E tudo caía, depois, na mesma pasmaceira.

Triste, melancolico despreso a que estão votados os ídolos de ontem! Correm semanas e mais semanas e nas revistas cariocas não aparece uma só reportagem de pagina dupla sobre o genial Orlando Silva, genio da raça, expressão mais bonita da moderna geração de sambiquáras... A Educadora e a Guanabara, remodelando-se de alto a baixo, não se lembram, sequer, de anunciar que em seus novos programas brilharão acima de tudo e de todos os srs. Silvio Caldas e Francisco Alves.

Muda a Transmissora de direção, gizando empreendimentos de notavel repercussão nos meios radiofonicos, mas, inexplicavelmente, não vai buscar, não quer buscar o concurso luminoso do sr. Carlos Galhardo.

Os espiritas e os teosofistas chamam essas coisas assim de "sinal dos tempos..."

Alô... Alô...

Mais alguns dias e a Radio Transmissora dará a conhecer, em linhas gerais, o plano de suas novas realizações. Podemos informar, desde agora, que a estação do vespertino O GLOBO, extinguindo velhas e detestaveis tradições existentes no meio quebrará os tabús do speaker-chefe e do diretor artistico onipotente. Sem duvida um passo adiante na mentalidade dos estúdios.

Uma noticia auspiciosa para os baianos residentes fora da terra natal: — a PRA-4, fechada pelo governo por deficiência técnica vai reabrir utilizando modernissimo e muito potente aparelho transmissor. Será uma das estações estaduais de maior alcance de voz.

Quem deseja a colaboração preciosa do sr. Moreira da Silva, afamado cantor de chulices favelescas? Ninguém dá nada? Ninguém dá.

Voltará ao eter, possivelmente ainda este mês, o Programa Memórias do Rio, de Ari dos Reis e Souza, que durante muitos anos esteve nas ondas da Educadora e Ipanema. Voltará refundido e melhorado, fazendo bôa e constante propaganda das coisas cariocas.



— complete suas refeições com

Malzbier da Brahma

Pode um dia faltar ovos... pode faltar carne... Mas o uso diário de Malzbier da Brahma às refeições vem completá-las, porque a sua riqueza em malte da melhor qualidade e de alto valor energético, faz dessa admirável cerveja um verdadeiro alimento. Um copo de Malzbier da Brahma tem o valor energético de um belo ovo de granja ou de um bom bife. Complete as suas refeições com Malzbier da Brahma, que, pelo valor nutritivo e pelo baixo teor de alcool, é a cerveja do lar.



PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA



- Com um simples toque reconheço - é Sabonete **LEVER!**

AMIGA: - Acertou! É Sabonete Lever. Como descobriu?
ELA: - Foi muito fácil! Reconheci o Sabonete Lever pela sua deliciosa suavidade.

AMIGA: - Você sabe porque Lever é feito assim?

ELA: - Sim. É para que possa produzir espuma num instante. Veja: bastam cinco ligeiras fricções, para surgir logo rica e abundante espuma. E com a mesma rapidez com que surge, a espuma se espalha sobre a pele, absorvendo e removendo as impurezas e os resíduos da "maquillage".

AMIGA: - Cinco fricções apenas? Explêndido! Então gasta pouquíssimo!

ELA: - Naturalmente. Por não ser preciso esfregar bastante, Lever gasta muito pouco. Porisso é econômico e durável, qualidades que se podem constatar, marcando-se o dia em que entra em uso. E não é só: Lever é o delicioso sabonete recomendado por 9 entre 10 estrelas do cinema, às pessoas que desejam uma cutis macia e juvenil.

LEVER - o sabonete das estrelas!

O mistério do segundo pepino

(Continuação da pag. 23)

— Sim.

— O outro pepino é amargo, não, é verdade?

A velha olhou em torno; depois aproximou-se dele e murmurou:

— Suba por aquela escada ao fundo. Segunda porta à direita. Ela está esperando. Está muito impaciente.

Carlos agradeceu e subiu.

A porta que a velha indicara estava aberta. Uma linda moça esperava, impaciente, sentada numa poltrona. Carlos parou à porta, interdito. Era o tipo da Dolores que imaginara! Como era linda!

— Conrado! Até que enfim!

Carlos quis falar.

— Entre e feche a porta, antes de mais nada, disse ela, em voz baixa.

Ele fez conforme ela lhe pediu.

— Conrado! Até que enfim! Você é muito mais simpático do que eu esperava! Eu nunca o reconheceria pelo retrato que me deram!

Carlos refletiu: Pudera! Eu não sou o Conrado! Ora essa!

— Você é admirável, Conrado!

Carlos seguiu o fio de seus pensamentos: será que ela me chamou aqui para elogiar-me unicamente? Pôde continuar.

— Conrado, meu amor, posso beijá-lo?

Carlos refletiu: Mantem tua calma, meu velho. Isso está ficando cada vez melhor. Aproveita enquanto puderes e explora o equívoco o mais possível. Em voz alta disse:

— Sirva-se.

Ela riu e rodeou o pescoço dele com os braços. Beijou-o na boca. O perfu-

me que se desprendia da moça era entontecedor.

Houve uma pausa.

— Quem serei eu, no rol das coisas? pensava Carlos. Ou melhor, quem será Conrado? Eu imagino que história complicada não vai ser essa! Quando essa moça souber que eu não sou o Conrado que ela mal conhece e que vai beijando assim sem mais nem menos... Imaginem só como ela vai ficar furiosa!

Disfarçando sua inquietude, Carlos deixou-se beijar. Dolores, finalmente, afastou-se dele e perguntou:

— Você tem a certeza de que não o seguiram?

— Claro que não.

— Reparou bem?

— Ora essa! Está claro que reparei. Não gosto de ser seguido nas ruas...

A pergunta irritara-o. Afinal de contas, não era ele um escritor policial que conhecia seu ofício? Haveria de deixar-se seguir, como um amator qualquer? Tinha experiência dessas coisas!

— Tem certeza de que Boris não o viu entrar?

— Boris?

— Sim. Não há tempo para brincadeiras, Conrado. Não finja que não sabe quem é Boris. Ora, você conhece essa intriga muito melhor do que eu...

Melhor do que você? refletiu Carlos. Ah, se você soubesse minha querida menina!

— Ele tinha uma faca...

— Quem?

— Boris. Queria matar-me!

— Canalha!

— Proteja-me, Conrado!

E Conrado amparou-a. A moça estava tão assustada que tremia toda. De repente, deu um grito abafado:

— São eles!

— Eles quem? Que tolice! Não ouço nada!

— São eles, estou dizendo!

— Eles quem?

— Os guardas! A polícia!

Carlos ficara surpreendido com a telefonada; aceitara com agrado a situação que prometia; porém, ouvindo falar em polícia, bruscamente pensou que talvez a moça que queria que a protegesse não estivesse fugindo de um bandido, porém da própria polícia! Olhou para ela, espantado.

— Meu Deus! Que faremos? disse ela.

— Esperaremos a polícia, muito tranquilamente, ora essa!

— Mas você não compreende...

— Você quer dizer que está fugindo da polícia?

— Está claro...

— Mas que fez você?

— Não há tempo para explicações... Eu ia fechar o negócio porém verifiquei que era necessário eliminá-lo... Matei Boris!

A palavra usada pelos assassinos para justificar seus crimes soou fria nos lábios da linda jovem. Eliminá-lo! Então aquelas lindas mãos já tinham... Era quase impossível! Mas se ela própria confessava!

— Você está armado? perguntou a moça.

— Armado?

— Sim. Pelo amor de Deus não fique assim parado, olhando para mim. Apanhe uma faca. Qualquer coisa. Não tem um revólver?

— Mas para que?

— É necessário lutar. Talvez tenhamos que matá-los!

— Matar a quem?

— Meu Deus! E eu que julguei que você fosse inteligente! Aos policiais, está claro!

— Você enluqueceu, Dolores? Matar os policiais?

— Sim. E não venha me dizer que é a primeira vez que você o faz!

Carlos engoliu em seco. Soavam passadas, cada vez mais próximas, no corredor. Antes que ele pudesse responder, a porta abriu-se e entraram dois homens envergando uniforme da força policial.

Um deles adiantou-se, e disse:

— Em nome da lei, prendo-o, Conrado Fleckman, pela morte de Ana Rosenberg. Acompanhe-me.

A moça abafou um grito. Carlos adiantou-se.

— Há um engano aqui. Meu nome é Carlos Eastwood.

— Sinto muito, porém essa farça de nada adiantará. Carlos Eastwood pôde bem ser um dos seus nomes...

— Mas eu posso provar...

— Mais tarde trataremos disso. Queira seguir-nos.

Carlos tomou uma decisão rápida.

— Pois bem. Irei em paz.

Otimo.

Porém Carlos tinha ainda uma coisa a fazer.

— Permitem que me despeça dessa senhora?

Os dois policiais entreolharam-se.

— Pois bem.

Afastaram-se, e Carlos, virando-se para a moça, disse em voz baixa:

— Escute. Meu nome não é Conrado Fleckman. Quando você ligou o telefone para ele, houve um engano no número e você falou comigo. Vim em seu auxílio porque você parecia desesperada.

— E, de fato, estava.

— Pois bem. Eu não tinha a mínima ideia de quem você era. Não sabia que era uma ladra, ou o que quer que você seja...

— Não sou uma ladra...

— Não interessa, afinal, o que você é...

— Mas...

— Vou dar-lhe uma oportunidade...

O rosto dela abriu-se num sorriso,

— Qual é a chance?

— Vou deixá-la fugir. Irei com os guardas. Eles verificarão o seu engano e quando voltarem para procurar você será tarde demais...

— Mas por que você faz tudo isso por mim?

— Por dois motivos...

— Quais?

— Em primeiro lugar você me deu uma senha igual ao título da história policial que eu estava escrevendo. Em segundo lugar, você é uma linda moça...

— Obrigada.

— Não há de que.

— Talvez um dia nos tornemos a encontrar...

Ele sorriu.

— Quem sabe...

Ela disse:

— Saberei, nesse próximo encontro, demonstrar a minha gratidão pelo que você fez por mim...

Carlos ficou satisfeito com isso.

— Assim que eu sair com os guardas você sai atrás e foge, para lugar seguro.

— Muito bem... Adeus, galante cavalheiro... Até breve, aliás...

— Até muito breve...

Carlos virou-se para os policiais e disse:

— Estou pronto. Vamos. Não quererei, sem dúvida, importunar essa senhora?

— Não será necessário. Nossa ordem é de prendê-lo somente.

— Dizendo isso, um dos policiais lançou um olhar cobiçoso para a linda moça, que ficara de pé, no fundo da sala.

Sairam os três.

— Senkor Fleckman, tenha a bondade de seguir na frente.

— Já lhe disse que não sou Fleckman...

— Veremos, veremos...

Tomaram um carro e o inspetor deu o endereço de Scotland Yard.

Ainda continuaram a discutir no carro.

— Se o senhor consentir em passar no meu apartamento... disse Carlos.

— O senhor terá oportunidade de provar que não é Conrado Fleckman, em Scotland Yard.

— Porém o trabalho seria mais

(Continúa na página 49)

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 2-2022 — S. PAULO

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

VARIZES EM SENHORAS

Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, no dose de três colheres de chá ao dia, em água açucarada, restitui as pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorroidários internos e externos, inclusive os que sangram. Não encontrando nas farmácias ou drogarias, peça diretamente ao depositário CX. POSTAL 1874 (um o to-sete quatro) São Paulo.

HEM-J-VIATUS (Líquido)

DE Música

TEMPORADA LIRICA

ODALE'A

Nós, brasileiros, temos uma tendência singular para exaltar os nossos vultos do passado e depreciar os vivos de valor. Assim, fazendo a crítica da ópera Odale'a, muitos se acharam na obrigação de evitar toda e qualquer restrição e, ao mesmo tempo, julgaram aconselhável demonstrar desusada severidade na apreciação do des-



LEONARD WARREN

empenho dado à figura principal por Maria Helena Martins.

Odale'a é uma ópera fraca. Tem trechos dignos de louvor, é verdade; mas, em conjunto, não apresenta grandes qualidades. Uma bela ária, no segundo ato, cantada pelo contralto; alguns trechos do terceiro ato, e pouca coisa mais tem de realmente digno de atenção e louvor. Digamos isso com serenidade e conscientes de não estar cometendo crime de lesa-majestade. Não elevemos Carlos Gomes ao posto incômodo e tão cheio de responsabilidade de um ídolo inatingível. Era humano, e suas óperas obra de um homem.

Falou-se muito na falta de desembaraço de Maria Helena Martins. Tudo isso está muito bem e não deixa de ser justo; porém por que motivo, então, frequentemente, deixamos de aludir ao péssimo jogo de cena de cantoras estrangeiras que nos visitam e que tem grande experiência do palco? Maria Helena

estudou no ano passado. Sua voz ainda não atingiu a plenitude, que se anuncia promissora. Por que perder tempo com restrições bem intencionadas, é lógico, carinhosas mesmo, compreendo, porém severas demais? Não façamos como o pai que, temendo ser demasiadamente indulgente para com o filho, cái no exagero oposto.

Maria Helena tem um grande futuro na cena lírica. Sua voz é de timbre agradabilíssimo e, com um pouco mais de estudo, adquirirá maior extensão. As qualidades que pudemos observar já constituem prova disso e os senões que ainda há desaparecerão, com o tempo e experiência. Desde já, porém, podemos nos orgulhar dessa jovem figura que começou onde muitos acabam.

Maria Augusta Costa tem uma voz pequena porém belíssima, de uma pureza e limpidez admiráveis. Muito graciosa, deu-nos um pagem excelente, tanto cênica como vocalmente.

O tenor Carlos Merino, que já nos visitou, há alguns anos, tem boa voz e canta razoavelmente. Não sendo uma figura de grande relevo, é entretanto um cantor seguro, embora na noite da estreia tivesse com a voz um tanto velada.

Sara Cesar é uma cantora de recursos. Aproveita todos os efeitos possíveis, dando o máximo com a sua voz um tanto cansada, mas forte. Abusa um pouco das notas de peito.

Os dois baixos De Lucchi e Perrota cantaram com muito desembaraço os seus pequenos papéis.



MARIA HELENA MARTINS

O maestro Eleazar de Carvalho regeu com segurança.

CARMEN

Na linda ópera de Bizet, Carmen, estreou Jenie Tourel, cantora francesa, que já interpretou esse mesmo papel no Opéra Comique e no Metropolitan de Nova York. Sua voz é pequena, porém, inegavelmente, Jenie Tourel sabe tirar o máximo proveito possível dela; com voz muito educada e atriz excelente, Jenie Tourel deu-nos uma Carmen um tanto ofuscada pela recordação da interpretação vigorosa do mesmo papel por Gabriela Benazoni.

O grande triunfo da noite, a cantora que mereceu uma ovação entusiástica e pedidos insistentes de um bis sensatamente recusado foi Alice Ribeiro. Se é verdade que, no primeiro ato, vocalmente admirável ela sacrificara um pouco da seriedade ingênua de Micaela, dando mais graça ao papel, durante o terceiro

ato, cantando a linda ária *Je dis que rien ne m'épouvante*, ela esteve arrebatadora. Todo o temor da moça inocente no acampamento tenebroso dos ciganos foi extorrido com uma pureza de voz, uma limpidez e uma segurança notáveis.

Charles Kullman, cantor de boa escola, voz agradável, esforçou-se bastante para dar ao seu papel uma interpretação digna de louvor. Cantou bem a ária da flor e portou-se em cena com muita compostura e desembaraço.

Mencionarei, ainda, Guilherme Damiano e Roberto Galeno, que deram relevo a seus papéis secundários, e especialmente as duas cantoras Guita Taghi e Lena M. de Barros, muito graciosas nos papéis de Frasquita e Mercedes.

Duno no Escamilo, esteve fraco. Com a batuta, o maestro Melich.

FALSTAFF

Já disse um crítico americano, cuja opinião, faz pouco tempo, transcrevi nessa seção, que Falstaff não é apreciada como devia porque vai depressa demais para que o ouvido não educado possa distinguir a beleza da partitura. De fato, creio ser essa a razão do insucesso de Falstaff, entre nós. Há quem diga que Falstaff é uma ópera fraca. Dê-lo quem é incapaz de admirar o bom humor amplo e generoso. Dê-lo quem não pode apreciar a segurança dos recursos e a unidade da ópera, a inspiração de sua partitura. Talvez o fato do nosso público ainda não ter compreendido quanto

vale Falstaff possa ser atribuído a uma razão muito simples: nunca o ouvimos com Leonard Warren. Nunca um cantor de tanto prestígio cantara esse papel no Rio. E prova cabal da ascendência de Warren sobre o público foram os aplausos entusiásticos deste, durante a representação da ópera.

Warren esteve admirável. Duma comichidade irresistível porém sem exageros, realçando a justeza e o brilho de seu jogo de cena com sua voz privilegiada, ele conquistou, desde logo, os mais vivos aplausos.

À lado de Warren tivemos alguns artistas patricios como Maria de Sá Earp, Julita Fonseca e Alice Ribeiro, que cantaram muito bem e demonstraram uma qualidade rara entre cantores de ópera: harmonia de conjunto. Nenhuma tentou sobressair. Mantiveram-se sempre muito afinadas. Ainda entre os brasileiros, tivemos a interpretação do baritone Sílvia Vieira, que arrostou a responsabilidade de uma cena magnífica com Warren e cantou muito bem a ária *E' segno o realtà?*

Roberto Miranda esteve muito fraco. Bruno Magnavita, cenicamente impagável. Vaghi muito seguro. Tivemos, ainda, em papel de responsabilidade, Sara Cesar, que se desincumbiu a contento.

Guarnieri, na regência, um pouco exagerado nos fortíssimos, quase abafando a voz dos cantores.

ROBERTO LIRA FILHO

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

SOU PELA MAIS GOSTOSA



Não! Dentifício não é tempero culinário. Não se limite ao gosto. Exija que ele venha acompanhado do poder de proteger seus dentes. Obtenha ambos com Lever SR.

SOU PELA MAIS BARATA



Não! Isso é economia de palitos. Pois sai caríssimo perder os dentes, com doenças nas gengivas. Torne-as saudáveis com Lever SR, para economizar de verdade.

SOU POR QUALQUER UMA

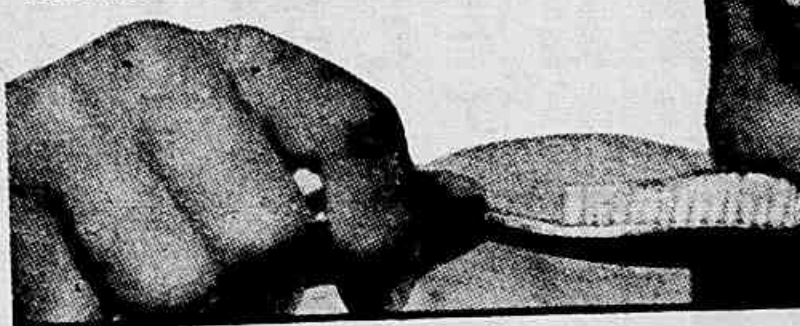


Não! Pela culatra pode sair o tiro. Não é por acaso que você terá um sorriso lindo e sadio, mas sim com o super-dentifício Lever SR.

-Eu uso Lever S.R.

Que Escolha Formidável!

Sim! Pois você exige que seu dentifício seja gostoso, refrescante, econômico. Tudo isto, de forma insuperada, está em Lever SR. Há ainda mais, neste super-dentifício: há Sódio-Ricinoleato, o famoso elemento que, protegendo as gengivas, assegura a vida dos seus dentes. Por isso é que Lever SR mantém dentes brancos... mantém os dentes!



MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

LINTAS SR 112-0100



ALICE RIBEIRO



O PROGRAMA DOS NOVOS

apresenta:

CONCURSO DAS FRASES NOTÁVEIS

Se você conhece alguma frase notável, de qualquer natureza, envie-a ao

"PROGRAMA DOS NOVOS"

Rua 13 de Maio, 33/35 — 5.º andar

Além dessa frase, você deve nos remeter uma outra, referente à ECONOMIA, que você conheça ou que você mesmo queira escrever.

O que acha você da economia. O que representa a economia para você. O que pensam os grandes homens sobre a economia. Enfim, um pensamento, seu ou de outrem, uma frase qualquer sobre a ECONOMIA.

PREENCHA ESTE CUPÃO:

1.ª FRASE (de qualquer natureza):

.....

2.ª FRASE (sobre a ECONOMIA):

.....

NOME:

RESIDÊNCIA:

EXEMPLOS DE FRASES NOTÁVEIS:

"O menos comum de todos os sentidos é o senso comum". (Rui Barbosa).
"Não esmorecer para não desmerecer". (Oswaldo Cruz).

EXEMPLOS DE FRASES SOBRE ECONOMIA:

"A extensão da economia traz a extinção da pobreza".
"A economia é a virtude que possibilita o milagre de, com o mínimo, se conseguir o máximo".

As melhores frases serão premiadas e o resultado anunciado através do "PROGRAMA DOS NOVOS" irradiado todas as quintas-feiras, às 18 horas, pela P. R. A.-2, do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.

ATAQUES EPILÉPTICOS E NERVOSOS INTRANQUILIDADE, INSÔNIA



NOVO TRATAMENTO!

Não sofra mais! Há agora um tratamento moderno para combater os ataques nervosos ou epiléticos e a falta de sono MARAVAL (solução), calmante poderoso, providencial combinação de elementos opoterápicos e vegetais, que restitui a alegria e o sossego. Inicie hoje mesmo este tratamento verdadeiramente científico. Não encontrando nas farmácias e drogarias, escreva ao Depositário. Caixa 1874-S. Paulo.

MARAVALL

BELZEMA

para Erupções da Eczema

O Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



Livros

A CAPA DE ARMINHO, romance de Myris de Melo — São Paulo, 1944.

É uma história luso-brasileira. A exceção de dois capítulos situados em França, a ação, com intervalo de vinte anos, decorre parte em Portugal e parte neste país. A autora pode conciliar os dois meios porque conhece topograficamente, do lado de cá, pelo menos Coimbra e Figueira da Foz, e do lado de lá São Paulo e Santos. O agasalho de luxo, que dá o título à obra, pertenceu a duas mulheres, mãe e filha, ambas de índole ardente e impulsiva, ambas arremessadas pela paixão, se bem que a segunda não chegasse a dar o passo irreparável. E todos os leitores devem respirar com alívio ao verificar, nas últimas páginas, que a segunda heroína se salvou, escapando ao sopro de fatalidade que parecia reinar e prevalecer na obra inteira.

A Sra. Myris de Melo vai já no terceiro romance e a respeito dos anteriores nos cita, nas "abas" do presente volume, honrosos conceitos da crítica paulista. Não lhe faltam, com efeito, qualidades de observação nem recursos de narrativa. Parece, às vezes, que o trabalho lhe sai um tanto precipitadamente e da certas impropriedades de fatura que a reflexão serena ou mais demorado cuidado evitará. Por distração da escritora ou falta da revisão se encontram não raro defeitos de expressão, tais como "tendo já se iniciado o baile... Senhor, não lhe dê espinhos na vida! Oh, Jesus, jazei-a feliz... O artista agradeceu o público... Celia, completamente dominada dos vibrantes aplausos... ao chegar os convidados... devido a ausência de Clara... devido ao seu estado... Estás triste disso?" São porém, repetidos, senões facilmente corrigíveis e que a Sra. Myris de Melo poderá não só evitar nas suas obras futuras como até suprimir na segunda edição deste romance.

FASCINAÇÃO, poemas de Correia Pinto — Rio de Janeiro, 1944.

Em momento de excepcional abundância, Emilio de Menezes mandou gravar alguns dos seus sonetos pela casa Luiz de Rezende, em Minas de ouro. Note-se: não havia nisso qualquer propósito de exibição, mas uma vaidade toda íntima, que se satisfazia a si mesma, sem precisar de galeria nem do olhar de mais ninguém. O poeta da *Marcha fúnebre* abstinha-se de mostrar as peças de ourivesaria onde se traduziam, em caracteres impecáveis, os labores e requintes da sua arte extremada de rimador. Conser-vava-as numa gaveta, para seu gozo exclusivo, para rever de vez em quando aqueles fragmentos duma edição singularmente rica e radiosa, em que de certo desejaria ver fixada toda a sua obra.

O sr. Correia Pinto não vai tão longe. Limita-se a uma edição de luxo. Como Pierre Louys, a quem as produções vulgares de livraria afligiam deveras — e só a elas, disse uma vez, se sujeitava pelas exigências da profissão e do mercado — o autor de *Fascinação* teria sério desgosto em entregar os seus trabalhos a qualquer casa editora, para uma impressão comum. O presente livro constitui, ao mesmo tempo um objeto de arte e de opulência; o papel deve ter saído por um preço, como dizem os franceses, astronômico; e as ilustrações do sr. J. Carlos correspondem bem a realizações dum joalheiro enlevado no seu trabalho. Assim o leitor de gosto alia ao regalo do espírito o encanto dos olhos e a espécie de ventura com que as mãos vão voltando, como se as acariciassem, estas folhas, quase todas de louvor ou prece. Impetuoso de imaginação e de sentimento, com a paixão das imagens magníficas e das grandes sonoridades, o sr. Correia Pinto compõe louvores arrebatados sobre os temas a Amazonia, o Mar, os Sinos, a Arvore, Christo, o Idioma. Em outras páginas, como as de *Bailado*, *Fantasia* ou *Sugestões do poente à beira-mar*, modera os surtos do seu temperamento para contemplar com relativa serenidade ou exprimir em linguagem relativamente singela as suas emoções. Mas a nota geral, a feição dominante do livro é a grandiloquência. A sua prosa poética — ou os seus versos, como outros lhe chamarão — arrebatam, gindem-se numa ânsia contínua de sublimidade. E a primeira composição, *Ole à Amazonia*, de que, pela angústia do espaço só podemos transcrever reduzido trecho, dá bem a idéia e a sensação de todo o livro:

Amazonia! Amazonia!
Ouço o clamor do teu renascimento
confundindo com a voragem rugidora das tuas águas,
a fluírem em catadupas gigantes, a se despenharem como hordas de bárbaros,
tragando ribanceiras, ilhas e florestas,
redemoinhando, fervendo redor dos troncos flutuantes,
sob a sinfonia colossal dos ventos que uivam,
desgrenham as árvores e afundam as embarcações...
Que ansiedade
que energia gloriosa te eleva
do recondito das tuas lendas de ouro,
do seio das tuas paisagens
engrinaldadas de calléias,
entre rios turvos
e lagoas invioladas,
onde pom, eiam as vitórias-régias
e se remiram, como noivas, as garças vaidosas!



COLHEITA, crônicas e comentários de Fabio Barros — Porto Alegre, 1944.

O sr. Fabio Barros, que já no volume *Palavras de* nos afirmara a individualidade dum comentarista de rara espontaneidade de inspiração, de segurança de conceitos e clareza de expressão igualmente fora do comum, ofereceu este mez ao público amante das boas letras a primeira série dos seus trabalhos recentemente publicados na imprensa riograndense com o pseudônimo "Vitoriano Serra". O escritor faz agora a alta crônica, reflectida e erudita, sem prejuízo da singeleza que sempre à sua prosa imprimiu a feição mais cativante. Por estas páginas se desenvolve uma espécie de curso de história contemporânea. De vez em quando, surgem as digressões pelo passado, como no precioso capítulo *Francesca da Rimini*, em que se encontra uma interpretação e, a bem dizer, uma visão nova do episódio tão citado e tantas vezes desrespeitado da *Divina Comedia*. Depois de reler essa passagem, Fábio Barros fecha o livro e dá largas

Novos

à fantasia. E, sem que o embarace a possível condenação dalgum moralista rabujento, expende as considerações que lhe vão acudindo sobre a falta e o castigo dos dois primos amantíssimos. Outra vez se desvia para o descobrimento da América, reconstituindo a figura de Colombo na sua época e acompanhando os tempos aquém a realização e a sublimação do seu sonho. Ainda em outra crônica se coloca entre Platão e Aristóteles, mas agora para ponto de partida duma viagem do espírito que vem ter ao Brasil da atualidade e se torna uma lição de patriotismo e civismo, para ser, se não aceita de modo incondicional, sem dúvida por toda a gente respeitada.



A cada momento o cronista recorre familiarmente à História, à Filosofia, à Poesia, à Lenda — sem falar da Ciência Médica, na qual, não apenas oficialmente mas em todos os sentidos, é mestre. Graças à diversidade e também escolha dos conhecimentos que lhe formam uma cultura tanto quanto possível harmoniosa e pronta a servi-lo, pode abordar todos os assuntos, atacar todas as questões. Os acontecimentos da Guerra atual, desde a origem, desde os primeiros arrebancos e felonias de Hitler, lhe proporcionam constantes ensejos para nos dizer de si próprio, doutrinariamente, alguma coisa. E, de repente, deparam-se-nos as páginas sobre Heitor Malaguti — um dos últimos boêmios na pura e encantadora acepção do termo que o Rio de Janeiro veio a conhecer — páginas de recordação e enternecimento, de poesia e saudade, como só um verdadeiro artista poderia realizar.

Pela elevação, a sinceridade e a forma espirituosa, a *Colheita* constitui um dos mais ricos e belos livros de crônicas que se tem publicado no Brasil.

CIRANO DE BERGERAC, comédia heroica em verso, de Edmond Rostand, tradução de Carlos Porto Carreiro, 5.ª edição — Rio de Janeiro, 1944.

A primeira impressão que se tem duma tradução de *Cyrano* é a de "se tratar duma tarefa inexecutável, dum empreendimento por muitos motivos absurdo. Sem já falar das dificuldades da transposição, para outro idioma e outros versos, de tão nobre inspiração e forma tão caprichosa, ali se encontram, em jogos de idéias e de frases, em maneiras de dizer exclusivamente dum povo e duma época, fantasias dum rimador capaz de todas as audácias e todos os bons êxitos, facécias, segundas intenções, calembures — toda a sorte de embaraços desanimadores. No entanto, duas traduções, pelo menos, em português teve a obra magnífica de Rostand: em Portugal a de Júlio Dantas e Manoel Penteado e no Brasil a de Carlos Porto Carreiro. Da primeira, levada à cena pela Companhia Lucinda Simões — Christiano de Souza, não nos consta que tenha sido publicada; a segunda não encontrou ainda um conjunto bastante temerário e de bastante confiança para a representar; em compensação, atinge agora a quinta edição. Eis um triunfo bem honroso e bem excepcional no seu gênero. O trabalho do sr. Porto Carreiro é daqueles que não impressionam apenas por um momento, mas dos que se estendem pelo tempo fóra, conquistando a glória mais rara que é a de perdurar. Muitas vezes tem sido transcritos, como modelares de propriedade e de apuro, os alexandrinos do Beijo na cena do Balcão. Por que nos furtáramos ao desejo de os copiar nestas colunas revelando-as aos leitores da REVISTA que ainda os não conheçam?

CIRANO

Beijo; o nome é doce. E, pois,
Para o lábio hesitar, motivo é que não vejo.
Se ao nome ele se inflama, o que faria ao beijo?
Não vos deixeis tomar de repentino susto;
Deixastes o gracejo, aos poucos e sem custo;
Deslizastes, após, sem comover-vos tanto
Do sorriso ao suspiro e do suspiro ao pranto;
Basta-vos deslizar dos olhos para a boca:
Das lágrimas ao beijo a diferença é pouca.

ROXANA

Calai-vos!

CIRANO

Mas... um beijo? O que é que se não peça?
Um voto que se faz mais perto; uma promessa
Mais firme; uma expressão que o fato corrobora;
Um ponto róseo no i do lábio que se adora;
Segredo que se diz... na boca; uma centelha
Do infinito, e que faz leve rumor de abelha;
Comunhão que nos dá de pétalas o gosto;
Modo de se aspirar o coração no rosto.
E de provar-se, um pouco, a flor dos lábios, a alma...

J. L.

ARQUIVOS — Prefeitura Municipal. — Recife. — Pernambuco — 1943.

Recebemos os números 1.º e 2.º de *Arquivos*, interessantíssima publicação que aparece duas vezes por ano sob os auspícios da Prefeitura da Cidade de Recife.

O volume a que nos referimos, contendo perto de 400 páginas, algumas ilustradas, mostra perfeitamente a grande utilidade da publicação que, realmente, não tem o aspecto e o fundo dos anuários oficiais comuns, quase sempre pesados, retardados e orientados num sentido pessoal.

Arquivos é uma publicação histórica no sentido mais amplo possível em relação não somente à capital pernambucana como ao Estado inteiro. Mas a disposição das matérias é feita de modo que toda gente se interessa por sua leitura.

"Anaes da Imprensa Pernambucana", "Contribuição ao Estudo do Mobiliário Pernambucano", "Médicos e Medicina no Brasil Holandês" são artigos, assinados por gente de responsabilidade, que, ao lado de biografias, transcrição, legislação, estatística, documentário fotográfico, demonstram o inestimável valor da iniciativa do Governo de Pernambuco.

Os elementos para uma monografia histórico-corográfica de Recife, constituídos de perguntas e respostas, valem por um livro *sui-generis* a respeito da tradicional e prospera capital.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E UROLÓGICAS

(Endoscopia, Operações, Eletroterapia, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367.



Deixa na boca
...O FRESCOR
DA BRISA DO MAR!

HÁ algo de tão refrescante e estimulante no Creme Dental Squibb que o simples fato de escovar os dentes com ele constitui um verdadeiro prazer. Não só tem um sabor delicioso, como também lhe inunda a boca com uma sensação admirável de frescor! Depois, deixa uma sensação de fragrante limpeza de que toda

mulher gosta! Há ainda maiores vantagens que o Creme Dental Squibb oferece. É absolutamente seguro para ser usado na boca mais delicada. Não contém nenhuma substância raspante ou adstringente que possa prejudicar gengivas rosadas ou o esmalte de dentes bonitos. Experimente um tubo hoje mesmo.



CREME DENTAL
SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA



O Marido Adora-a...

★ A beleza dessa dentadura resplendente... e o encanto desse sorriso gracioso... cativaram o coração dêle! Qual o segredo?! O uso diário de Kolynos Concentrado de Triple Ação. Kolynos, o Crème Dental que limpa, refresca e embeleza.

Use-o com Confiança



A QUEIXOSA

(Conclusão da página 27)

— Não creio em ninguém — bradava de cenho carregado — quando vocês puderem me deixarão na primeira esquina. Não pensam senão em diversões e más companhias. Crêem que resolverão meus problemas com promessas?

Observando-lhe a feição neurastênica, os rapazes esperavam a refeição sisudamente calados. Terminada esta, regressavam naturalmente à rua. O ambiente doméstico pesava. A lamentação viciosa é força destrutiva.

Benvinda não reparava que as amigas mais íntimas a deixavam sózinha no círculo das queixas injustificadas. Ninguém estava disposto a ouvir-lhe blasfêmias e críticas impiedosas. As colegas de serviço evi-

tavam-lhe a palestra desanimadora. As vizinhas refugiavam-se em casa ao vê-la em disponibilidade no quintal invadido de ervas rústicas. Os sobrinhos toleravam-na, desenvolvendo imenso esforço. Nesse isolamento a infeliz piorava sempre. Começou a queixar-se amargamente do serviço e a acusar a administração da fábrica. Enquanto sua atitude se limitava a círculo reduzido, nada aconteceu de extraordinário; todavia, quando resolveu dirigir-se ao gerente para reclamações descabidas, recebeu a ordem inflexível de demissão.

Enclausurada no desespero, não tinha percepção das oportunidades que se desdobram no caminho de todas as criaturas, nem compreendia que não era a única pessoa a lutar no mundo. Crendo-se mártir, agravou a ociosidade mental e foi relegada a plano de absoluto isolamento. Nem amigos, nem trabalho, nem colegas, nem sobrinhos. Tudo fugiu, evitando-lhe a atmosfera de padecimento voluntário.

Depois de perder a casa, em venda desvantajosa, por obter recurso à manutenção própria, passou ao terreno da mendicância sórdida.

Foi nessa situação escabrosa que a morte do corpo a compeliu a novos testemunhos.

Desencantada e abatida, acordou na vida real em solidão mais dolorosa. Ninguém a esperava no pórtico de revelações do Além-túmulo. Estava só, sem mão amiga. E os sofrimentos de que se julgara vítima na Terra? Não esperava convertê-los em títulos de ventura celestial? Descrera da Providência no mundo e no entanto, no íntimo, sempre acreditara que haveria glorioso lugar para os desventurados e famintos da experiência humana. Depois de longo tempo, em que se multiplicavam provas ásperas, rogou ao Espírito de sua mãe que a esclarecesse na paisagem nova. Tinha sede de explicações, ansias de paz e fome de entendimento.

Depois da suplica formulada com lágrimas angustiosas, sentiu a aproximação da desvelada progenitora.

— Benvinda — murmurou a terna mensageira, carinhosamente — não te dirijas a Nosso Pai lamentando o aprendizado em que te encontras. Toda queixa viciosa, minha filha, converte-se em crítica injusta à Providência. Estás convicta de que sofreste na Terra; entretanto, a verdade é que envenenaste os poços da Divina Misericórdia. Fugiste às ocasiões do trabalho, desfiguraste o quadro sublime de realizações que te aguardavam a boa vontade nas estradas da luta humana. Hoje aprendes que a lamentação é energia que dissolve o caráter e opera o isolamento da criatura. Não conseguiste afeições em ninguém, não soubeste conquistar a gratidão das criaturas, nem mesmo das cousas mais íntimas do caminho. Sofre, minha filha! A dor de agora é tua criação exclusiva. Não imputes a Deus falhas que se verificaram por ti mesma.

— Oh! minha mãe! — suplicou a infeliz — não poderei, porém, voltar e aprender novamente no mundo?

— Mais tarde. Por agora, para que alcances alguma tranquilidade, incorporar-te-ás à extensa falange espiritual que auxilia os rebeldes e inconformados da luta humana. Reduziste a existência a montão de queixas angustiosas, sem razão de ser. Trabalharás agora, em espírito, ao lado daqueles que se fecham na teimosia quasi impenetrável, afim de compreenderes o trabalho perdido...

E a queixosa trabalha até agora, por abrir consciências endurecidas à compreensão das benções divinas.

E' por isso que muitos homens, em momentos de repouso, são por vezes assaltados de idéias subitas de trabalhos inesperados. Criaturas e cousas enchem-lhe a visão interna, requisitando atividade mais intensa. E' que por aí, ao redor da mente em descanso, começam a operar os irmãos de Benvinda, afim de que a preguiça não lhes aniquile a oportunidade, qual aconteceu a eles mesmos.



DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA DOS CRATERS
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1671 Av. Brig. Luís Antônio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUIA

Para servir-se prospectos:
SOLICITE
GRATIS

O misterio do segundo pepino

(Conclusão da página 44)

simples e pouparia aos senhores a humilhação de ter prendido um homem inocente!

Afinal, a muito custo, ele conseguiu que lhe dessem a oportunidade de provar o que dissera. O policial mandou o carro parar no apartamento de Carlos. Entraram os três.

O porteiro estava á porta. Carlos aproveitou logo a oportunidade para confirmar sua identidade.

— Boa noite, Carlton.
— Boa noite, Sr. Eastwood.
— Escute, Carlton...
— Senhor?

— Eu estava querendo dizer a estes senhores aqui há quanto tempo moro no edifício, mas não me lembrava com certeza.

O porteiro lançou um olhar desconfiado para os uniformes dos dois policiais e disse:

— Há quasi dez anos, Sr. Eastwood.
— Obrigado, Carlton...

O porteiro ainda não se tranquilizara.

— Se o senhor precisar de alguma coisa, chame.

— Está bem. Boa noite.
Subiram. No elevador, Carlos disse:

— Estão convencidos?

Porém um dos guardas protestou:

— Não.

— Nesse caso vamos lá em cima. Poderá examinar os meus documentos.

— E' isso que vamos fazer.

— Ótimo.

Carlos abriu a porta com a chave que tinha em seu poder e salientou a importância da chave estar com ele. Porém ainda não conseguira convencê-los.

Chegados ao apartamento, um dos policiais disse:

— Vamos examinar tudo. O senhor pôde retirar-se para o quarto dos fundos.

Carlos estranhou o pedido.

— Como? Os senhores não querem que eu veja o que vão examinar?

O policial sorriu.

— Não tenho a menor intenção de deixá-lo ver os métodos da polícia nem quero que tenha a oportunidade de arranjar qualquer meio fraudulento com o fito de convencer-nos de que é o dono da casa.

Carlos suspirou.

— Oh, gente desconfiada. Vão me deixar trancado lá dentro?

— Não, senhor. Meu colega far-lhe-á companhia.

O guarda acentuou "companhia", como para frizar que era inútil qual quer plano de fuga.

Carlos encolheu os ombros e seguiu o outro policial.

— Muito bem. Vamos até lá dentro. Oferecer-lhe-ei um uisque.

O outro agradeceu.

Sentados na cadeira da sala dos

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e re-resscar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

fundos, estavam, dentro em breve, palestrando.

— Que crime é esse de que sou acusado?

O outro protestou:

— Não posso dar nenhuma informação.

Porém Carlos soube ser persuasivo.

— Bem, disse afinal o guarda. Foi o assassinato da proprietária de uma loja de roupas de segunda mão.

— E que tem ela a ver com Conrado Flec man?

— Conrado Fleckman é um negociante. Visitou, hoje, pela manhã, a mulher. Ao sair, diz a criada que ela estava tão assustada que ela mal podia falar...

— Será um caso de chantagem?

— E' obvio que sim, para quem conhece os antecedentes do caso.

— Podia contar-m'os?

— Bem... Já que lhe contei tudo isso... E o senhor terá que saber de qual-quer maneira...

— Conte.

— Pois bem. Há mais de vinte an-

chegaram a Londres dois espanhóis.

Fernando e Sabina Lara, condes de San Cristobal. Acontece que o fidalgo inadvertidamente perdiera toda a sua fortuna e estavam pobres. O marido foi obrigado a arranjar um emprego numa fábrica para viver e a mulher trabalhava em casa. Costurava para fora. Tinha uma filha, Dolores, que era a alegria dos pais. Faziam tudo pela filha. Assim, quando a menina adoeceu e eles não tinham dinheiro para dar-lhe o tratamento que merecia, Fernando tentou roubar dinheiro na fábrica onde trabalhava, mas foi preso e sentenciado. Mais tarde, morreu na prisão. A mãe, sem saber como cuidar da filha que estava atacada de tifo, resolveu vender o seu ultimo tesouro, do qual jurara nunca separar-se. Era um chale lindissimo, um chale espanhol. Tinha grande valor. A pobre mulher foi á loja de Ana Rosenberg e vendeu o chale. Mais tarde, a filha ficou boa e partiu com a mãe para a Espanha. Nunca mais se ouviu falar nas duas. Ana Rosenberg guardou o chale que tinha, ao que parece, um grande valor.

Certo dia, Ana recebeu a visita de um cavalheiro russo: Boris Match off, que lhe ofereceu comprar o chale. Ela recusou. Desde então ele pôs-se a intimidá-la para que ela vendesse o chale. Acontece, porém, que Ana tinha um amigo e protetor: Conrado Flec man, negociante, a quem recorreu no seu desespero. Parece, todavia, que fez mal. Pois Flec man, se de fato a protegeu, começou a tirar dela grandes somas em dinheiro, o que tornava evidente a chantagem a respeito do chale? Qual seria o valor desse chale que tanto mistério envolve? Nada se sabe. Conhece-se apenas os fatos.

Faz dois meses, chegou a Londres. Dolores Lara, marquesa de San Crstobal, filha dos primitivos donos do chale. Immediatamente, escreveu a Flec man com quem, parece, mantivera correspondência, da Espanha. Marcaram um encontro, porém, á ultima hora, Boris, interveio, tentando raptar a moça. Esta fugiu e escondeu-se numa casa de pensão, num bairro pobre, esperando uma oportunidade para fugir para o estrangeiro. Nem o próprio Flec man sabia onde ela estava.

Procurou-a em vão. Hoje, pela manhã, foi visitar a velha Rosenberg. Ao que parece, assustou-a mais do que de costume, pois, ao sair, ela deu ordens para que não mais a deixassem.

A's sete horas da noite a criada chamou a polcia. Ana Rosenberg jazia numa poça de sangue. A seu lado, estava o chale espanhol...

Carlos ficara tão interessado que nem notara que o outro policial chamara o que contava a história.

— E o chale...



O Sabonete PEARS voltará com a Paz!

Empenhado, agora, em colaborar com o esforço de guerra das Nações Unidas, com alguns de seus ingredientes vitais, o Sabonete Pears, que há mais de um século e meio se colocou ao serviço da Beleza, deixou de ser temporariamente confeccionado. Porém, assim que a guerra terminar, o Sabonete Pears voltará aos tocadores de bom gosto, afim-de proporcionar aos seus consumidores as mesmas altas qualidades que o tornaram famoso em todo mundo!

SABONETE



LINTAS PWB 5-0367

— Um momento. O chefe está me chamando...

O rapaz saiu. Carlos ficou pensando. Que história magnífica! Um chale misterioso... Immediatamente começou a construir o conto na sua imaginação.

Já estava há muito tempo pensando assim, quando reparou que o Inspetor de polícia estava demorando. Saiu do quarto. O apartamento estava quasi vazio. Até parte da mobília desaparecera. Suas joias, seu aparelho de prata, seus pratos de porcelana; tudo, tudo desaparecera.

Carlos correu para o telefone.
— Policial Depressa!

Contou o que lhe acontecera. O inspetor que atendeu disse:

— Deve ser o bando Mac'enzie. São dois homens e uma mulher. Engenheiros... Vamos tomar providências... Mas é difícil pegá-los...

Carlos deu nome e endereço e largou telefone. Já passara o ódio do primeiro momento. Agora, podia até admirar a naturalidade da moça e dos dois

cumplices, como o tinham enganado bem!

Seu olhar pousou na máquina de escrever... Um conto! Sim. Só faltava o fim. Só faltava descobrir quem era o assassino de Ana Rosenberg que existia, unicamente, na imaginação dos ladrões habilíssimos. Que história interessante!

Mudou o título. O conto seria:

O CHALE ESPANHOL.

— Lindo título! Sugestivo! E que história! Que escritor policial não daria o bandido que me roubou a prataria! Que imaginação!

E pôs-se a escrever, rapidamente.

E' escusado dizer que ele nunca mais ouviu falar do bando. Os objetos roubados desapareceram como que por milagre, na cidade de Londres. Porém houve uma compensação. A história valeu-lhe uma fortuna. Publicada, primeiramente, numa revista, em seguida, apareceu em volume, donde foi tirada uma peça, mais tarde, um filme. Se todos os roubos dessem tanto lucro, os ladrões seriam bem-vindos.



NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL.

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22 2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSÉ DE BARROS 323 -- TELEFONE 4-7866

Penteados

PARECE mentira que a moda do penteado tenha adquirido uma preponderância culminante no atabalhoado período do reinado da bela e leviana Maria Antonieta, chegando a provocar quase um conflito entre o embaixador da Austria e a austera e culta Maria Tereza, que não podia admitir a extravagância de sua real filha, a escandalizar todo um século pouco escandalizável, com os monumentais penteados onde se plantavam fitas, plumas, borlas, flores e até navios.



Ao alto: — JINX FALKENBURG.
A' direita: — LESLIE BROOKS
(da Columbia)



como o que exibiu em uma festa a ilustre esposa de um almirante inglês... Esses penteados tinham nomes também estranhos como *la belle poule*, *la mousquetière*, etc...

A moda de hoje, não obstante o espírito prático da época, também tem seus exotismos para todos os gostos... A moda em linhas gerais é conservadora, introduzindo como novidade apenas alguns detalhes.

O penteado, como a moda, conserva suas linhas características. E' o pagem, o cabelo *à la diable*, a *trunfa*, etc.; porem ele agora se nos apresenta, através as belas mulheres do cinema, com uma nota de exagero marcante, como a tentar um retrocesso á época da revolução franceza.

As estrelas da Columbia *Cover Girls* aí estão atirando a luva ás suas irmãs de outros continentes, a vêr quem se atreve a imita-las.

Mas, francamente, só mesmo muita beleza e muito *chic* para ousar extravagancias que naturalmente atraem olhares e comentarios...



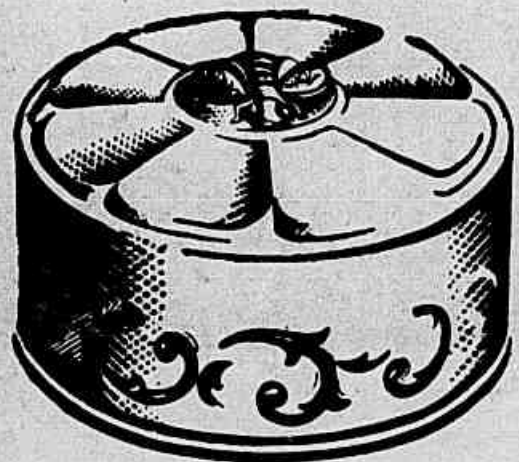
Ao alto: — JINK FALKENBURG.
A' esquerda — LINN MERRICK
(da Columbia)



Como está mais bonita!...



Descubra uma nova beleza com o pó de arroz Bond Street, de Yardley, tão macio, tão fiel à tonalidade da sua cutia, tão maravilhosamente fino. Goze a lisonja motivada pela beleza natural, a espontaneidade sutil que é arte especial do fabricante — o presente de Yardley ao encanto e a você!



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Taleo Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão!

88 OLD BOND STREET - LONDON - ENGLAND

Para a "soirée"

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Elegante vestido de setim macau negro, drapeado e aberto na frente; no corpo ajustando uma facha recortada; ao redor do decote uma renda em veludinho. Completa-o uma capinha *godet* com pontas atrás rematadas por uma borla.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

1844-1944

S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. OF BRAZIL

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIA

USAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE É SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

**Copa e
cosinha**

Mme. RISOLETA

**MENU:****CREME DE MILHO VERDE**

Prepara-se com $\frac{1}{2}$ quilo de carne, tomate, cheiros, cebola um bom caldo. Ralam-se umas 6 espigas de milho, bem novas; lavam-se as espigas depois de raladas com o proprio caldo, junta-se tudo e põe-se a ferver novamente. Cõa-se o caldo, junta-se uma colher de manteiga e 3 gemas. Não se deixa ferver a gema com o caldo porque talha. Antes de ferver retire e sirva.

SILVEIRA DE CAMARÕES

Bata 6 claras em neve, junte as 6 gemas, sal, pimenta e salsa picadinha. Leve ao fogo uma frigideira com 3 colheres de azeite e cebola bem picada; doure ligeiramente; deite os ovos por cima; mexa com um garfo e, uma vez cozidos os ovos, junte 250 gr. de camarões já refogados á parte. Cozinhe em agua e sal uns molhos de celga, escorra a agua, bata com uma faca e refogue em azeite e alho. Arrume uma camada de ovos com camarões, outra de celga, novamente ovos... Enfeite com ovos cozidos, rodela de tomates e azeitonas.

QUEIJADINHA

Faça uma massa com 100 gr. de farinha, 1 colher de manteiga, 1 gema, amasse bem e junte leite até dar consistencia (não muito mole). Abra com o rôlo, corte rodela e recheie com a seguinte cocada. Faça uma calda com 200 gr. de açúcar em ponto de bala. Junte a esta calda um côco pequeno ralado. Adicione 4 gemas e vá mexendo até cozinhar muito bem. Recheie as forminhas de massa, que já devem estar prontas, e leve ao forno quente para assar.

—CONSELHOS UTEIS—

Toda massa de forno deve levar mais manteiga do que agua. A agua endurece a massa.

A massa para fritar, ao contrario, deve levar mais agua, para ficar melhor.

Massas de empada torta etc. requerem fogo bem forte nos 5 primeiros minutos, passando depois a regular, para que as massas cozinhem bem sob o recheio.

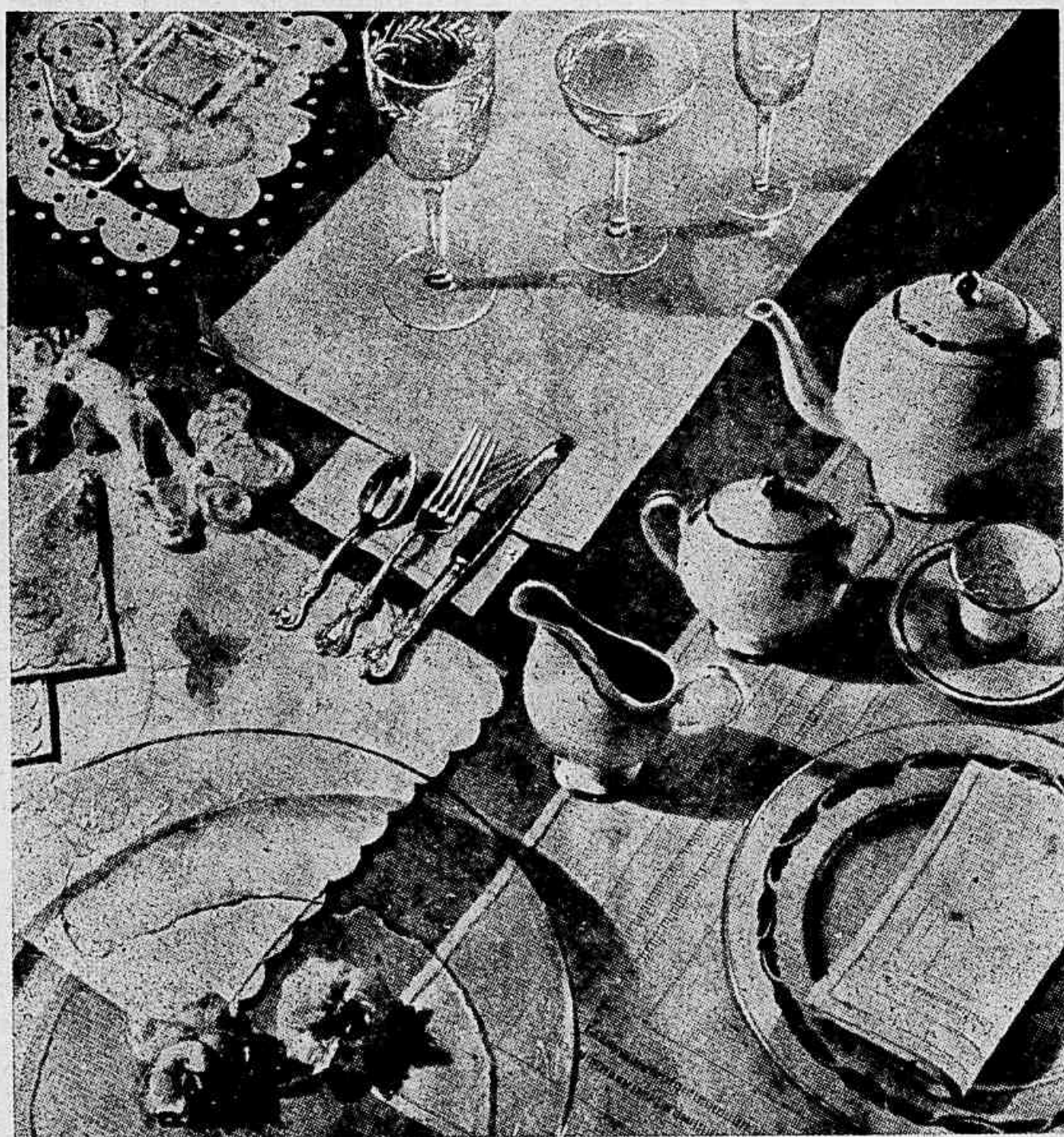
Sempre que deseje um bom caldo, ponha a carne a cozinhar em agua fria.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero á que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

UTILIDADES

LAVAGEM DE FLANELA—Quando a flanela fica endurecida, o melhor processo é submergi-la em agua com amoníaco em pequena proporção, deixando-a umas



duas horas, depois lava-se bem com agua fresca até tirar bem o cheiro. Põe-se a secar em lugar ventilado sem sol.

◆ ◆ ◆

LAVAGEM DE PORTAS ENVERNIZADAS—Para lavar portas envernizadas utiliza-se uma solução de cloruro amônico, esfregando com um pano de algodão.

◆ ◆ ◆

PARA SOLDAR CELULOIDE—Canfora—2 gramas; goma laca—12 gramas; alocol—60 gramas; mistura-se estes ingredientes. Pode-se soldar também humedecendo as partes a unir com acido acético e deixa-las bem apertadas algum tempo.

**As atribuições de um reporter
com o alem túmulo**

(Continuação da pág. 5)

gos voltam a assediá-los com suas advertências:

—Mas você viu mesmo a senhora pintar "aquilo" em cinco minutos? Não seria ela — em lugar do "espírito"? Olhe o perigo... Você já "viu" escrever... Já "viu" pintar... Você acabará convertido, não tenha dúvida... E o sentido da reportagem será deturpado desde que a REVISTA passe a tomar partido...

Enfim, as coisas passaram-se tal como foram relatadas. Só não acertámos com os motivos que levariam um distinta senhora, sem qualquer interesse material, a submeter-se a qualquer trabalho de mistificação...

Salvo melhor opinião, é claro.

◆

De qualquer maneira, as atribuições da reportagem continuam. E todos esperamos, apenas, que não surja, de inesperado, um "médium" escultor... ou compositor...

Ainda a Temporada Lírica

MADAME BUTTERFLY

NEM todos conhecem o lindo romance de amor que, na vida de Puccini, ficou ligado à sua ópera *Madame Butterfly*. No *Corriere de la Sera*, de 10 de Dezembro de 1934, certo crítico, que estudara a vida do grande compositor, relata o episódio. Estava Puccini em sua casa, dias após a estreia da ópera, quando chegou a sua volumosa correspondência. Entre ela, havia uma carta que o interessou especialmente. Era de um estudante pobre que se dizia seu admirador e, alegando a falta de meios para comprar entradas para a repetição que, dentro de poucos dias se daria, da ópera de tanto sucesso, pedia ao maestro, não dinheiro, porém duas entradas para o espetáculo. Uma para ele e outra... para o *mio sole*. O sol do rapaz era uma linda moça, que o amava e esperava, um dia, quando as dificuldades financeiras fossem afastadas, casar-se com ele. Puccini resolveu conceder ao rapaz o que ele lhe pedia. Imediatamente mandou duas poltronas para o endereço indicado, tendo, porém, o cuidado de tomar nota do número

dos lugares e da fila. Na noite em que se cantou a ópera, lá estava Puccini. De longe, viu chegar o estudante e o "sol" e pensou, de si para si: De fato, é um sol radioso! Durante o primeiro intervalo, aproximando-se do jovem casal disse:

— Boa noite! Sou Giacomo Puccini.

E, enquanto os dois, embaraçados e intimidados na presença do seu ídolo, procuravam, em vão, uma frase apropriada para a ocasião, o autor da *Bohème* prosseguiu:

— Vim ver o sol de perto...

Havia, sem dúvida, muitos estudantes com os seus respectivos sóis, no Teatro Municipal, ouvindo Violeta Coelho Neto de Freitas. E estou certo de que não ficaram insensíveis à beleza da voz de Violeta, e ao encanto que ela emprestou ao papel de Cio Cio San. Nada resta a dizer sobre sua interpretação. Já não é a primeira vez que ela canta a *Butterfly*, e sempre com o mesmo sucesso. Obteve, este ano, mais um triunfo.

O tenor Charles Kullman, que tem voz pequena porém muito agradável, empenhou-se em dar brilho à sua interpretação. Cenicamente, muito desembracado.

Silvio Vieira esteve muito à vontade no papel de Sharpless, que também não é novo para ele. Como Suzuki,

Vera Eltzova contribuiu para o sucesso da récita. Os outros intérpretes, sem maior relevo, formaram, entretanto, um conjunto homogêneo, sendo notada a ausência de Bruno Magnavita, que fez de Goro uma criação cenicamente admirável.

O maestro Guarnieri regeu com segurança. Já vários críticos tiveram ocasião de observar que este ilustre maestro tem o hábito de exagerar nos fortísimos, prejudicando os cantores. Na *Butterfly*, o sr. Guarnieri repetiu o mesmo defeito.

TRAVIATA

Acho injustas a maioria das restrições que os críticos fizeram a Alice Ribeiro, na *Violeta*. São injustos alguns dos reparos feitos, mormente em vista da benevolência com que foram acolhidas as interpretações do mesmo papel por cantoras estrangeiras, interpretações fracas, ora vocal, ora cenicamente. Os mesmos que elogiaram outras Violetas de voz pequena porém de boa escola deploram, agora, que a Sra. Alice Ribeiro não tenha muito volume de voz.

Alice, de fato, não tem grande volume de voz, porém a pureza do timbre, a limpidez e, sobretudo, a boa escola suprem essa deficiência. Durante o primeiro ato, há alguns senões a assinalar, porém

como creio poder atribuí-los ao natural nervosismo que a responsabilidade do papel provocaria, não insistirei neles. Quero, por outro lado, salientar o desembracamento com que, desde o segundo ato, representou e cantou. A grande cena com Warren foi bem sustentada e a ária do quarto ato, o famoso *Addio Del Passato*, cantada com muita emoção. Dando os devidos descontos, podemos dar os nossos parabéns à distinta cantora pelo desempenho que apresentou.

Charles Kullman tem brilhado nesta temporada. Mais uma vez no papel de Alfredo demonstrou as suas qualidades de intérprete. Representando com muito desembracamento, cantou bem, a despeito de alguns agudos menos felizes, tirando todo o proveito possível da sua voz pequena porém agradável.

O maestro Guarnieri persiste em embaraçar os artistas com os seus fortísimos insólitos. Francamente, não compreendo porque esse maestro de tanto talento, dá-se ao capricho de perturbar os cantores dessa maneira.

Mais um reparo: o Municipal deve tomar providências a respeito do ponto que, verdadeiramente escandaloso, berrava os versos de árias que até o público sabe de cor. Será concebível que os artistas tenham necessidade da intervenção desse elemento que parece querer fazer-lhes concorrência, tomando parte no espetáculo? Se assim for, o que não creio, seria bom avisar o ponto para abaixar o diapasão da voz. Verdade é que, pobre coitado, ele tem que fazer-se ouvir pelos cantores apesar da direção excessivamente vigorosa que o maestro Guarnieri não dispensa...

R. L. F.

Pó de Arroz
RÊVE ROSE
de GALLY
Sonho
que se tornou realidade!...



Róseos sonhos de amor... desejos de aprimorar a sua beleza e sedução... este é o momento em que o pó de arroz Rêve Rose, de Gally pode transformar o seu sonho numa realidade, dando ao seu rosto o novo fascínio de um irresistível encanto! Finíssimo pó de arroz, com artística apresentação, em oito tonalidades e suave perfume, Rêve Rose, de Gally é um produto indispensável em seu toucador.

Nas côres: Branco - Rosa - Raquel - Ocre claro - Ocre escuro - Ocre rosée - Gitane e Péche



À VENDA EM TODO O BRASIL

Nossa Capa



Ann Sheridan não será, talvez, a mais formosa mulher americana do cinema, o que não impede que muitos assim a considerem. Ela possui o segredo de agradar sem largos exageros, sublinhando em um sorriso o que os lábios não precisam dizer, penetrando com o olhar, cheio de malícia e às vezes ternura, o seu interlocutor e sabendo vestir-se como poucas. Na gravura da sobre-capa deste número, a famosa "estrela" cinematográfica surge-nos em uma evocação de moda antiga, quando a elegância das mulheres predominava pela amplitude das abas de chapéus rendados, o excesso das pedrarias, as luvas de camurça e os corpetes ajustados ao extremo... Nestes tempos de reminiscências elegantes, o modelo fim-de-século dezoito, ressuscitado por Ann Sheridan, não deixa de constituir uma novidade, embora em outras páginas desta edição a mesma artista apareça em outros figurinos, estes então obedecendo aos dictames da elegância atual. Moderníssimos, aliás. E como sempre, damos ainda várias páginas de assuntos femininos, reportagens e curiosidades, inclusive a que nos facultou o renomado caricaturista J. Carlos; flagrantes da guerra, etc.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
REDENTOR PÉREZ — CONTRA AS RUJAS
À VENDA EM TODA A PARTE

Caçando marido...

(Continuação da página 40)

Já então se tratavam pelos primeiros nomes: ele, Paulo; ela, Odete. Não se poderia dizer que marcavam encontro. Ora, ele estava no bonde e que motivos haveria ou que regras existiriam que a impedissem de sentar-se ao seu lado? Que lei tirana iria dar importância a um furtivo aperto de mão? Nenhuma, está claro. E diga-se de passagem que aperto de mão era o máximo a que eles chegavam. Já não lhes disse que o amor desses dois prescindia das excessivas liberdades que caracterizam os namoros de nossos dias?

Cansaram-se da sua história? Por favor suportem mais um pouco o curso plácido desse idílio. Prometo-lhes uma surpresa no final. Mas uma verdadeira surpresa. Soceguem: não termina mal o conto. Eles se casarão. Mas em que circunstâncias... Despertada a curiosidade, não antecipemos.

Como eu ia dizendo, encontravam-se no bonde. A primeira vez que ele falou em ir à casa dela, a moça achou que era muito cedo. Mais tarde assentiu e marcou o dia. Já então informara a mãe do namoro e a digna progenitora aprovava o caso. Ei-los, pois, com um anjo da guarda.

O rapaz foi à casa da moça. Discutiu com o velho sobre finanças, lançou olhares açucarados para Odete, tratou bem a mãe desta e seu querido de todos.

E eis que chegamos ao pedido de casamento. Aqui vem a surpresa. Mas é, de fato, uma surpresa muito extraordinária! O nosso herói, por exemplo, cai sentado, em mui prosaica postura.

Eis o que sucedeu: viera ele à casa da namorada com firme intento de ped-la em casamento; já a avisara de seu projeto, quando ela tomou-lhe o braço e disse:

— Venha à varanda. Precisamos conversar...

Ele, mais do que depressa, acedeu.

— Que foi que houve?

— Paulo, você me ama?

— Mas, Odete, eu...

— Responda, por favor: sim ou não.

— Amo-a para toda a vida.

— Pois bem. Então vou confessar-lhe uma coisa. Espere um instante.

Odete afastou-se uns segundos, voltando logo após, com um livro.

— Que livro é esse?

— COMO ARRANJAR UM MARIDO!

— Você comprou-o, finalmente?

— Paulo... Naquela tarde, na livraria, eu já tinha o livro...

— Você o que?

— Pois é, meu amor, conquistei-o pelo método número um, páginas quatorze a vinte e três.

Foi nesse ponto que o nosso romântico herói caiu sentado.

— Você está zangado comigo, Paulinho?

Ele olhou-a. Era adorável.

— Não, meu amor. Mas estou mais do que pasmado: estou bestificado.

Ela riu, alegre.

— Quer dizer que você não vai me abandonar por isso?

— Eu? Nada disso. Vou recomendar esse livro a toda solteirona que encontrar...

— Espero que elas encontrem um como você...

Ela encheu o peito. Afinal de contas, amigos leitores, o nosso herói é hu-

mano, por mais Jorge Ohnet que tenha engulido no seu namoro, não perdeu

o traço característico da nossa *jeunesse dorée*: peito inchado.

SOLUÇÃO

Foi o seguinte o raciocínio de Hannibal Cobb:
1 — Diana e Iva tiveram uma forte discussão em casa desta última às 10 e 10 da manhã. O envelope da carta que Iva mandou a Diana foi encontrado por Sally em casa de Beck entre 3 e 3 30 da tarde. Uma vez que Diana foi diretamente ver Iva, a presença do envelope em casa de Beck prova que a deixara com vida.

2 — Como Diana foi assassinada entre 10 15 da manhã e uma hora da tarde, o envelope prova que Beck mentiu quando disse que não voltou à casa antes de uma e quarenta da tarde. Diana devia ter apanhado o envelope antes de uma hora, pois a este tempo já estava morta. Constatando, que o seu *alibi* era falso, Beck enforcou-se depois da prisão. Vendo Diana em bancarrota, Beck rompeu seu noivado com ela, assumindo um compromisso com Iva. Em situação desesperadora, Diana pediu a Beck que lhe devolvesse algum dinheiro quando foi visitá-lo. Mostrou-lhe também a carta de Iva, pedindo-lhe proteção. Beck resolveu matar Diana, certo de que o crime seria atribuído a Iva.

Você
tem
vocação
para
detective?

Malte
+
Lúpulo
+
Perfeição
Técnica
=
Malzbier
PROGRESSO
da **ANTARCTICA**

A. 405

Continental

MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Cabe-lhe o cabelo?
Está perdendo
o brilho?
Está
embranquecendo?
Uze o
TONICO ORIENTAL
Ele fortifica a raiz
do cabelo, faz
cessar a queda e
restitue-lhe o
brilho e a beleza.
Extingue a caspa.

L&K

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"



TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE



OLEO FIGADO BACALHAU "ESTRELLA"



RICO EM VITAMINAS JOHN WYMAN LONDRES

A venda nas principais Drogarias e Farmácias em

Litros e ½ litros

Repr.: W. G. WILLS
Rua México, 98 — RIO

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

PRISÃO do VENTRE?



Pilulas

ALOICAS

REGULAM O INTESTINO SEM TORTURA-LOS.

Uma tragédia



— Isso não é nada. Simples questão de regimen. Alimentos leves, pêra, maçã, uvas, morango, água mineral com açúcar, e, para variar as refeições, carne de vitela, pescadinha, ervas com vitamina X.P.T.O e laranja da China.



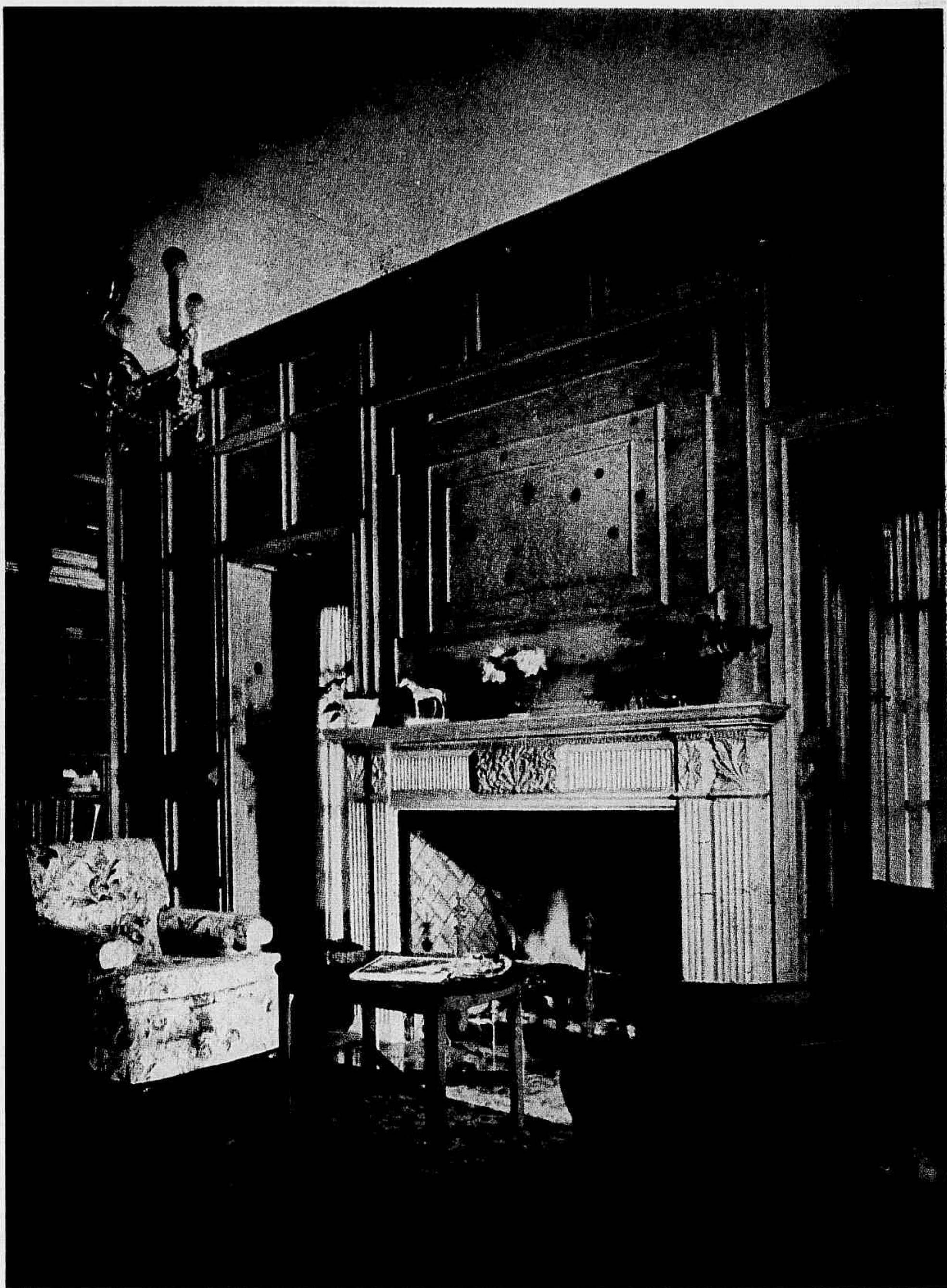
— Ora essa! Perdêu os sentidos ou será colapso?
— Não é nada, doutor. Ele perdeu o prímo e as esperanças por causa de tão simples dieta.

Uma Biblioteca Moderna

Este detalhe de uma moderna biblioteca nos mostra o quanto pode ser aproveitado o espaço exíguo de uma sala, sem prejuízo de sua estética e da disposição artística do mobiliário.

Afim de que pudessem ser acomodadas aqui as largas poltronas de veludo e couro, a mesa do centro e o grande tapete, foram feitas as estantes de modo a que se adaptassem perfeitamente às paredes, ocupando um lugar mínimo em todas as dimensões. A lareira foi embutida sob este grande movel, no intervalo existente entre as duas portas que dão acesso à biblioteca.

Fechada por portas de táboas lisas, a estante apresenta aspecto interessante de uma parede de madeira, dividida em vários painéis, o que empresta à sala um aspecto original e moderno.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

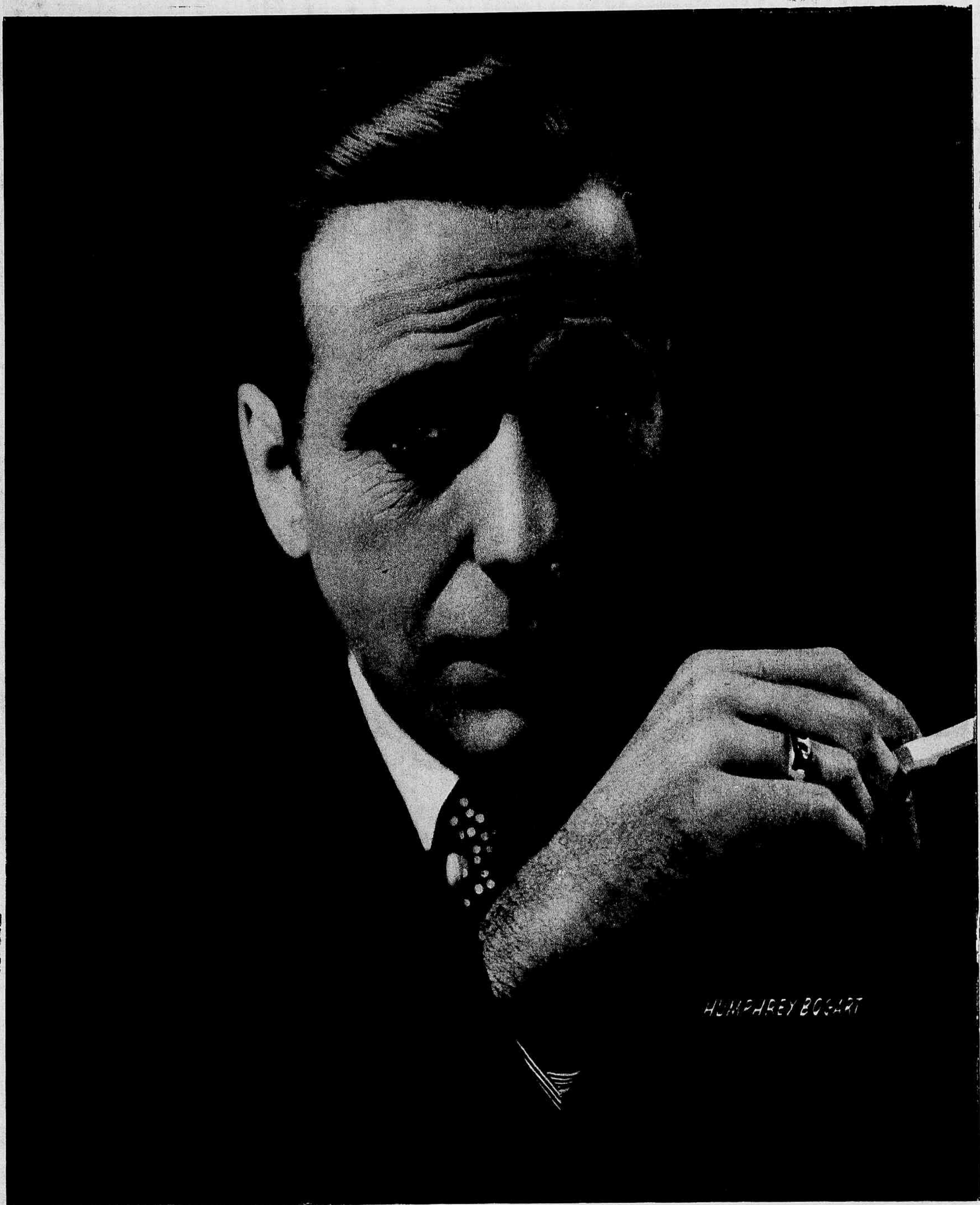
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



HUMPHREY BOGART

Oferta do ALMANAQUE EU SEI TUDO

Edição para 1945, cujos trabalhos de organização e confecção já se
—— acham iniciados. ——

Redação: RUA MARANGUAPE, 15 — RIO

IVES — Sim, meu general...

Contra-regra: passos que se afastam.

DENISE — O prefeito em nossa casa, meu pai? (pausa) Será, meu Deus, que já saiba alguma coisa sobre Alain?

KERGUEVEN (sereno e cansado) — Denise... suplico-te, minha filha... Não pronuncies mais em minha presença o nome desse desertor!

Contra-regra: passos que se aproximam.

IVES — Meu general!...

MAIRE — Minhas homenagens respeitadas, madame Westbury... General Kergueven, meus cumprimentos...

DENISE — Sente-se, sr. Maire...

KERGUEVEN — Bom dia, maire... A que devo tão honrosa visita?

MAIRE — Tenho a penosa missão, general Luiz de Kergueven, de transmitir-lhe um aviso da Prefeitura de Brest...

KERGUEVEN — Estou pronto para receber esse aviso, sr. prefeito.

MAIRE — General Kergueven, os primeiros elementos motorizados alemães entraram em Saint Malo, em Redon, em Nantes. Amanhã, meu general... (pausa).

KERGUEVEN — Complete, sr. prefeito...

MAIRE — Amanhã, general Luiz Kergueven, veremos uniformes feldgrau na região.

KERGUEVEN — Creio que a sua visita prende-se mais a alguma coisa além dessa informação, sr. Maire...

MAIRE — Recebi ordem de enviar um relato dos alojamentos a requisitar.

DENISE — Como? E o castelo de meu pai estará incluído nesse relatório?

MAIRE — Sinto muito, madame Westbury...

KERGUEVEN (enérgico mas cansado) — Sr. prefeito!... Está doido? Alojamento em nossa casa os nossos vencedores? Está doido varrido! Isso nunca!...

MAIRE — Sinto imensamente, sr. general... mas...

DENISE — Os invasores de nossa pátria debaixo de nosso teto? Oh!... Isso, nunca!...

MAIRE — Sinto muito, madame Denise... não sou quem decide... A Prefeitura já destinou o seu castelo para alojar um estado maior. O general tem grandes peças, quatorze quartos e... dependências cômodas...

KERGUEVEN — Jamais!... Jamais, sr. prefeito!...

MAIRE — Compreendo muito bem, general... e qualquer francês compreenderia essa terrível situação, mas...

KERGUEVEN — Mas o que?

MAIRE — Que se pode fazer? Se o senhor recusar a obedecer as ordens do prefeito não será ele quem o forçará... Serão... (pausa).

KERGUEVEN — Eles? Os boches, não é verdade?

MAIRE — Sim, general Kergueven... os boches...

KERGUEVEN (colérico) — Pois bem, que venham!... Forçarão uma porta!... Ouviu, sr. Maire!... Forçarão uma porta. Não lha abrirei!... Aliás, vou amanhã falar ao prefeito de Brest!...

MAIRE — Como quiser, meu general... Eu vim apenas avisar... Madame Westbury, meus respeitos... Meu general... sinto imensamente... Aceite os meus mais sentidos pezares... A França está de luto!... Passe bem, meu general!...

DENISE — Adeus, sr. Maire...

Contra-regra: passos que se afastam.

KERGUEVEN — Ives, acompanhe o sr. prefeito até o portão do castelo, e na volta participe ao meu filho que desejo falar-lhe...

IVES — Perfeitamente, meu general...

INTERLÚDIO

DENISE — Pai... os alemães invadiram a nossa pátria... E meu irmão? Aonde quer que ele vá? Deste-lhe o prazo de vinte e quatro horas!...

KERGUEVEN — Aonde ele quiser.

DENISE — Os alemães estão chegando, meu pai.. Ele não pode mais escapar. Será feito prisioneiro.

KERGUEVEN — Ele que escolha... ou cair prisioneiro ou ser passado pelas armas pelas autoridades francesas.

DENISE — E' espantoso, pai... Estás pensando... estás pensando em...

KERGUEVEN — Sim... na morte dele... que me importa que ele morra ou viva? Eu o renequei.

DENISE — Não!... Isso assim é demasiadamente cruel!... Um pai não pode dizer a sua filha que deve enviar o irmão à morte!... Meu irmão, teu filho, pai!

KERGUEVEN — Peço-te que não apadrinhes esse miserável!

Contra-regra: ruído de muletas.

KERGUEVEN — Eis que chega o desgosto que haveria de mortificar a minha velhice...

DENISE — Pelo amor de Deus, meu pai... Não te exaltes, rogo-te...

KERGUEVEN — Não te preocupes, minha querida... vou dizer-lhe apenas algumas palavras e serão as últimas de minha existência...

Contra-regra: passos de multes aproximando-se lentamente.

ALAIN — Chamou-me, meu pai?

KERGUEVEN — Não sou mais teu pai!... Não pronuncies mais isso!

ALAIN — Estou às suas ordens, meu general!

KERGUEVEN — Desertor Alain de Kergueven!... Já sabes da notícia?

ALAIN — Paris ocupada, meu general!...

KERGUEVEN — Amanhã o inimigo ocupará a região! Haverá tropas acantonadas na aldeia de Benoet. Talvez o estado maior no castelo, se eu não puder impedir. Eu tinha te ordenado partir sob pena de te fazer prender pelos nossos. Encontrei outro castigo. Ficarás no castelo. E' o teu lugar... Pois estás ferido... não é verdade?... Inválido para o serviço da pátria! Foi um estilhaço de obuz cento e cinco!... Ficarás entre os alemães. Quizeste fugir deles na frente de batalha. Encontrá-los-ás novamente aqui... em situações diferentes... E como queres salvar a tua pele, passarás os teus dias deitado como uma velha!... Nada mais!... Podes retirar-te!... E jamais hei de querer ver-te!... Sai!...

ALAIN — Sim, meu general!...

Contra-regra: passos que se afastam.

KERGUEVEN — De muletas... caminha com as muletas, desertor!...

ALAIN — Sim, meu general!... (soluços brandos de Denise).

Técnica: passos cadenciados que se aproximam.

VOZ (comando) — Companhia!... (pausa) Alto! (cessa passos) À direita! Eita!

Técnica: motor de automóvel que se vem aproximando.

VOZ (distante) — Apresentar!... (pausa) Armas!

Técnica: ruído de motor de automóvel em segundo plano.

SPFAKER — Um automóvel cinzento com a bandeira nazista subiu velozmente a aléia de Olmos, e parou diante do castelo... (freio de carro). E parou diante do terraço do castelo de Kergueven... O soldado que se achava ao lado do chauffeur, armado até os dentes, saltou lesto, saudou os dois ocupantes do carro e abriu a portinhola. Um capitão e um coronel saltaram do carro.

WEHRINGER — Karl!

KERGUEVEN — De que os acusas, então?

ALAIN — Eu acuso os homens que há sete anos nos deixaram desarmados, tolerando o rearmamento da Alemanha. Acuso esse parlamento apodrecido, cujo dever pelo menos, era o de assegurar a nossa proteção. Estamos vendo, general Luiz de Kergueven, os resultados desses sete anos de República Social Burguesa! Os alemães estão à porta de Paris. Os nossos exércitos de pobres diabos cheios de bravura estão sendo conduzidos ao massacre pelos seus colegas do Estado Maior!...

KERGUEVEN — Chega!... Nem mais uma palavra!... Proíbo-te de os caluniar!

ALAIN — Caluniar? Eu? Engana-se, general!... Eu não os calunio, o senhor é que os defende para servir ao seu espírito de casta!...

KERGUEVEN — Não tens o direito de os caluniar... de os insultar. Eles eram homens honestos, prisioneiros de ministros incompetentes.

ALAIN — Não!... É a eles justamente que acuso por esta derrocada, que se agrava dia para dia. Políticos egoístas, ignorantes e corruptos! Escolhemos, meu pai, para pastores de rebanho, bêbedos disfarçados em touros, negociatas disfarçados em homens de Estado, incapazes disfarçados em diplomatas e vendidos disfarçados em ideólogos... E sabe quem estava ao lado dessa súcia, desses vendilhões do templo da Pátria? O famoso Conselho Superior da Defesa!...

KERGUEVEN — És um infame, Alain!... Tu mereces que eu te esbofeteie!

ALAIN — As vias de fato não são argumentos, pai! Responda às minhas acusações, antes de me ameaçar... Se o nosso alto comando não fosse composto, em grande parte, de gente sem espírito inventivo, que ainda repetia as palavras obsoletas "Trincheiras"... Guerra de Posição... quando os alemães inventavam a *b'itzkrieg*, não chegaríamos a isto!... Pobre França em que sempre germinaram as idéias novas, mas não sob os quélpis desses generais!...

KERGUEVEN — Eles estavam paralizados pelos políticos.

ALAIN — Faltou a coragem cívica ao comandante chefe... Ele devia ter-se demitido... se fosse digno da sua missão... Quarenta milhões de franceses teriam compreendido.

KERGUEVEN — Um oficial patriota não se demite!

ALAIN — Ser patriota é uma coisa, e incapaz é outra, meu pai! Nada mais demonstraram que na República Francesa, o homem quanto mais se eleva mais decaiu... foi isso que eles demonstraram!... Conduzir-nos ao matadouro com um tanque contra dez, com um avião contra vinte... É uma desgraça que a História julgará.

KERGUEVEN — Procura, Alain, descarregar a culpa no Exército e nos políticos a tua fraqueza!

ALAIN — Eu?

KERGUEVEN — Sim, tu!... Desertaste por que tinhas medo!

ALAIN — Nunca!

KERGUEVEN — Ouviste, palerma, para mais aprofundar-me no teu péssimo e infeliz caráter... Como francês e como meu filho! Um homem amante de sua pátria não foge dos inimigos... por mais razões de ordem política que possua, e tu fugiste covardemente!... Tiveste medo de morrer, não percas tempo em desculpar o teu crime! Mesmo que houvesse, repito, uma parcela de verdade nas tuas acusações, isso não te daria direito de te recusares a lutar pelo teu país.

ALAIN — Meu país atacou a Alemanha!

KERGUEVEN — Ele o devia fazer, para se defender.

ALAIN — Em outras palavras, pai... Chamberlain e Daladier, esses dois bobalhões, desafiando um carro de assalto com uma atiradeira... Por que afastaram um Winston Churchill... um Anthony Eden? Por que desprezaram a competência de De Gaulle e de Giraud?

KERGUEVEN — Basta!

ALAIN — Vamos, meu pai... Responda a esta argumentação!

KERGUEVEN — Conheço apenas uma verdade: a França está em perigo. Lutei por ela toda a minha vida. Teu

irmão Henry morreu por ela. Teu cunhado Leslie também se bate por ela... e tu foges diante do inimigo.

ALAIN — Sim!... Fugí!... Não quero lutar!...

KERGUEVEN — Vais voltar para a linha de frente, meu filho!... Eu arranjaréi com que tua falta seja desculpada!... É um erro... Mas farei isso... esquecer-me-ei por alguns instantes que sou um soldado para ser pai!... Voltarás para o teu regimento!

ALAIN — Não quero lutar, meu pai!... Eu parto!...

KERGUEVEN — Partes? Para onde?

ALAIN — Para a Espanha... eu vim apenas buscar o dinheiro que tenho guardado... a parte que me coube no inventário de minha mãe... e da Espanha partirei para a América.

KERGUEVEN — Quer dizer que recusas uma reabilitação, Alain de Kergueven?

ALAIN — A minha atitude é irrevogável!

KERGUEVEN — Canalha!... Desertor!... Vou marcar-te todo a ponta de chicotel!...

ALAIN — Por quem é, meu pai!... Oh!... pai!...

Contra-regra: chicotadas sucessivas e gemidos abafados de Alain.

KERGUEVEN — Desertor!... Tu que foste a minha esperança!... Toma! Essa é na cara... Evitaste que o teu sangue fosse vertido nos campos de batalha pela tua pátria... passa a mão na cara, desertor!... O sangue está saindo, infamante, na ponta do chicotel!... Toma!...

DENISE — Meu Deus!... Pai!... meu irmão!... Que é isso?

Contra-regra: passos precipitados.

DENISE (próxima) — Meu pai!... Que quer dizer isso?

KERGUEVEN (colérico e chorando) — Larga a minha mão, filha... deixa-me...

DENISE — Não!... Não!... Eu não compreendo!... É atordoante!... Ele está ensanguentado!... O rosto de Alain está coberto de sangue!...

KERGUEVEN — Não toques nesse homem, minha filha!...

DENISE — Oh!... Mas que aconteceu!... Eu não compreendo nada... Alain de pé? Sem muletas... não está ferido?

KERGUEVEN — Teu irmão, Denise, é um infame!... Um covarde!... Um desertor!...

DENISE — Meu Deus!... Não é possível que eu esteja ouvindo tal monstruosidade!... Alain!... meu irmão!... (soluços na voz) Meu irmão!... Nada dizes... por que não respondes?...

ALAIN — As chicotadas que fazem me sangrar o rosto dizem tudo!... Desertei, pouco importam os escrúpulos de honra ou dignidade de meu pai!...

KERGUEVEN — Espera!... Queres mais umas chicotadas!... Miserável!...

DENISE (dando um grito bem distante) — Pai!... Deus meu!... Que estou assistindo eu? Não é possível!... Meus olhos iludem-me!... (emocionadíssima) Oh!... Coberto de sangue o rosto de meu irmão? Que aconteceu? Eu não posso compreender? Expliquem-me, expliquem-me!... Esse chicote na tua mão, meu pai!... O rosto... os braços de meu irmão cortados a chicotel!... E por ti, meu pai!... (pausa longa) Digam uma palavra, senão enlouquecerei! O que acontece? Não me ouviram? (pausa) Tú, pai!... Olha-me... estou falando contigo!... Volta a ti!... Pai!... Nunca vi os teus traços assim! Esse olhar feroz por teu filho!... (chorando) Qual o significado de tudo isso?

KERGUEVEN (serenidade emocionante) — Denise!... Afasta-te deste trapo imundo!...

DENISE — Meu pai!... O senhor disse... não é possível! Não posso compreender!...

KERGUEVEN — Afasta-te deste trapo!

DENISE — Meu irmão?

KERGUEVEN — Desertor!...

DENISE (dando uma exclamação de dôr e surpresa) — Não!... Não é verdade!... Alain não é isso!

KERGUEVEN — Olha bem para o homem que há pouco recebemos com lágrimas nos olhos, orgulhosos e emocionados!... O homem que veio ferido pelo inimigo na defesa de nosso solo sagrado!... Olha!...

DENISE — Oh!... Sim... de pé! Não estás ferido, Alain? Então fingiste estar ferido? Sem muletas? Tu... um desertor, Alain? (nervosa) Vamos!... Tudo isto é uma triste ilusão, não é verdade? Não fugiste, miseravelmente ao teu dever, Alain? Não desonraste a farda que envergaste? Falal!

ALAIN — Denise, sou um desertor...

DENISE — Oh!...

KERGUEVEN — Alain de Kergueven, vergonha de uma família ilustre!... Desonraste o passado de uma estirpe!... Eu te renego!... Renego-te e amaldiço-o-te...

DENISE — Não!... Suspenda a sua maldição, meu pai!...

KERGUEVEN — Renego-te, Alain!... Bendigo aos céus por tua mãe estar morta, para não ter de lhe infligir esta vergonha!...

DENISE — Oh!... Quanta desgraça, meu Deus!...

KERGUEVEN — Os canalhas e os traidores não merecem lágrimas de compaixão, minha filha!... Alain de Kergueven, previno-te de que tens 24 horas para abandonar este castelo!...

ALAIN — Fique tranquilo, não tenho intenção de ficar.

KERGUEVEN — Tu me ouviste? Vinte e quatro horas!...

ALAIN — Ouvi.

KERGUEVEN — Si dentro de 24 horas não tiveres desaparecido, informarei a gendarmaria de Brest sobre a tua presença e te farei prender como desertor que és. Até então não me apareças novamente. Faze as tuas refeições no teu quarto. Dispensar-te de me dizeres adeus...

DENISE — Oh!... Meu pai... Não te vás assim... ouve-me...

KERGUEVEN — Deixa-me, minha filha... É horrível... horrível um pai sentir repugnância pela presença do filho...

Contra-regra queda dum corpo.

DENISE — Pai!... Meu Deus!... Meu pai!...

ALAIN — Ele desmaiou, Denise...

DENISE — Pai!...

ALAIN — Meu pai!...

KERGUEVEN — Não me toques, Alain!... Não me toques... Não quero apôio dum canalha que tratou a pátria!... Afasta-te de mim!...

DENISE (gritando) — Ives!... Ives!...

KERGUEVEN — Não me toques, Alain!... Não me estranhos na intimidade da vergonha que estou sentindo... na minha desonra!... Já posso levantar-me... (gemido de esforço) Posso andar...

DENISE — Não... o senhor não pode andar...

IVES (passos) — Que foi? Que aconteceu ao meu querido general? (pausa) Meu general.

KERGUEVEN (sorrindo amargamente) — Nada, meu velho... Que é isso, soldado Ives? Achas que iria cair na sala do castelo sobre tapetes, nós que ficamos cinco dias numa cratera, com obuses martelando cada centímetro quadrado do campo de batalha onde a bandeira tremulou para a glória da nossa França?

IVES (emocionado) — Não!... O meu general não cairia... não cairia... Dê-me o braço.

IVES — Pode se levantar, meu general... Deixe-me levantá-lo... Não!... O meu general não cairia e nem cairá!... No campo de batalha, era difícil encontrar o general... estava misturado com os pólvus... A cara do meu general estava negra do mesmo fumo de pólvora que sujava a cara dos outros... Deixe-me ampará-lo... Isso, meu general...

KERGUEVEN — Leva-me para o meu quarto, Ives...

IVES — Chorando, meu General?

KERGUEVEN — Pelo meu filho, Ives...

IVES — Sim... Compreendo... pelo nosso herói... Eu sabia que a alegria ia abalar o meu general...

KERGUEVEN (rude) — Leva-me daqui, e basta de conversa, Ives...

IVES — Sim, meu general...

Contra-regra: passos lentos e dificultosos de dois homens.

DENISE (passos) — Meu irmão, devo então acreditar em tudo que acabo de ouvir? (pausa) Alain!... Meu pai nunca mentiu... mas quero hoje, agora, neste segundo, que tudo isso quanto ouvi seja uma calúnia... Nosso pai te caluniou, não é verdade? (pausa) Responde, suplico-te!... Tu não traíste a França, Alain?

ALAIN — Denise, peço-te que te retires daqui... Eu desertei!... Fugí ao combate!... Tive medo de morrer!... Tive medo de morrer simplesmente porque amo a vida.

DENISE — Pode alguém gozar a vida, meu irmão, estigmatizado pela desonra?

ALAIN — Quero ficar sozinho!...

DENISE — Olhaste bem o nosso pai, quando saiu?

Em cinco minutos envelheceu dez anos!...

ALAIN — Eu quero ficar sozinho!... Deixa-me!... Façam de mim o juízo que quiserem!...

DENISE — Alain de Kergueven... Adeus!...

Contra-regra: ruído de fone retirado do gancho. Discar de telefone.

KERGUEVEN — Alô!... Ligação para a estação de Brest, por obséquio... (pausa) Alô!... Chefe da estação? Fala aqui do castelo do general Luiz de Kergueven...

VOZ — Às suas ordens, excelência...

KERGUEVEN — Quero saber a que horas parte o trem da noite para Paris.

VOZ — Impossível!... Uma desgraça, senhor!... (emocionado) Uma desgraça!...

KERGUEVEN — Que me diz! Desgraça? Vamos!... Explique-se duma vez, por quem é!...

VOZ — Senhor!... Paris acaba de ser ocupada!... Os boches acabam de entrar em Paris!...

INTERLÚDIO

Contra-regra: passos femininos.

DENISE — Bom dia, papai... (beijo).

KERGUEVEN — Bom dia, querida...

DENISE — Passou bem a noite, paisinho? Olhe, que tal?

KERGUEVEN — Lindas... (triste) Lindas, Denise...

DENISE — Colhi-as para o senhor, pai... Aquelas mudas que Leslie trouxe da Inglaterra... Uma parte de Leslie florindo o nosso jardim... Pai... não quero ver-te assim!

KERGUEVEN — Denise, peço-te... deixa-me com os meus pensamentos... E éle?

DENISE — Acordou cedo e deu uma volta pelo jardim...

KERGUEVEN — Com as muletas e o joelho enrolado em gaze?

DENISE — Sim...

KERGUEVEN — Falaste com teu irmão?

DENISE — Não!

KERGUEVEN — Pretendes falar com éle?

DENISE — Não!

KERGUEVEN — Fazes isso por mim, Denise?

DENISE — Não, pai! Faço em nome da pátria!

KERGUEVEN — Obrigado, Denise...

Contra-regra: passos que se aproximam.

IVES — Meu general...

KERGUEVEN — Aproxima-te, meu velho... Que bicho te mordeu? Conheço-te, Ives... Que é que há?

IVES — Meu general... O **maire** de Benoet está no castelo e deseja falar a meu general...

DENISE — O senhor prefeito de Benoet?

IVES — Está na sala, aguardando o momento de ser atendido por meu general...

KERGUEVEN — Faze-o entrar, Ives...

IVES — Sim, meu general...

Contra-regra: passos que se afastam.

DENISE — O prefeito em nossa casa, meu pai? (pausa) Será, meu Deus, que já saiba alguma coisa sobre Alain?

KERGUEVEN (sereno e cansado) — Denise... suplico-te, minha filha... Não pronuncies mais em minha presença o nome desse desertor!

Contra-regra: passos que se aproximam.

IVES — Meu general!...

MAIRE — Minhas homenagens respeitadas, madame Westbury... General Kergueven, meus cumprimentos...

DENISE — Sente-se, sr. Maire...

KERGUEVEN — Bom dia, maire... A que devo tão honrosa visita?

MAIRE — Tenho a penosa missão, general Luiz de Kergueven, de transmitir-lhe um aviso da Prefeitura de Brest...

KERGUEVEN — Estou pronto para receber esse aviso, sr. prefeito.

MAIRE — General Kergueven, os primeiros elementos motorizados alemães entraram em Saint Malo, em Redon, em Nantes. Amanhã, meu general... (pausa).

KERGUEVEN — Complete, sr. prefeito...

MAIRE — Amanhã, general Luiz Kergueven, veremos uniformes feldgrau na região.

KERGUEVEN — Creio que a sua visita prende-se mais a alguma coisa além dessa informação, sr. Maire...

MAIRE — Recebi ordem de enviar um relato dos alojamentos a requisitar.

DENISE — Como? E o castelo de meu pai estará incluído nesse relatório?

MAIRE — Sinto muito, madame Westbury...

KERGUEVEN (enérgico mas cansado) — Sr. prefeito!... Está doido? Alojamento em nossa casa os nossos vencedores? Está doido varridol! Isso nunca!...

MAIRE — Sinto imensamente, sr. general... mas...

DENISE — Os invasores de nossa pátria debaixo do nosso teto? Oh!... Isso, nunca!...

MAIRE — Sinto muito, madame Denise... não sou quem decide... A Prefeitura já destinou o seu castelo para alojar um estado maior. O general tem grandes peças, quatorze quartos e... dependências cômodas...

KERGUEVEN — Jamais!... Jamais, sr. prefeito!...

MAIRE — Compreendo muito bem, general... e qualquer francês compreenderia essa terrível situação, mas...

KERGUEVEN — Mas o que?

MAIRE — Que se pode fazer? Se o senhor recusar a obedecer as ordens do prefeito não será ele quem o forçará... Serão... (pausa).

KERGUEVEN — Eles? Os boches, não é verdade?

MAIRE — Sim, general Kergueven... os boches...

KERGUEVEN (colérico) — Pois bem, que venham!... Forçarão uma porta!... Ouviu, sr. Maire!... Forçarão uma porta. Não lha abrirei!... Aliás, vou amanhã falar ao prefeito de Brest!...

MAIRE — Como quiser, meu general... Eu vim apenas avisar... Madame Westbury, meus respetos... Meu general... sinto imensamente... Aceite os meus mais sentidos pezares... A França está de luto!... Passe bem, meu general!...

DENISE — Adeus, sr. Maire...

Contra-regra: passos que se afastam.

KERGUEVEN — Ives, acompanhe o sr. prefeito até o portão do castelo, e na volta participe ao meu filho que desejo falar-lhe...

IVES — Perfeitamente, meu general...

INTERLÚDIO

DENISE — Pai... os alemães invadiram a nossa pátria... E meu irmão? Aonde quer que ele vá? Deste-lhe o prazo de vinte e quatro horas!...

KERGUEVEN — Aonde ele quiser.

DENISE — Os alemães estão chegando, meu pai... Ele não pode mais escapar. Será feito prisioneiro.

KERGUEVEN — Ele que escolha... ou cair prisioneiro ou ser passado pelas armas pelas autoridades francesas.

DENISE — É espantoso, pai... Estás pensando... estás pensando em...

KERGUEVEN — Sim... na morte dele... que me importa que ele morra ou viva? Eu o reneguei.

DENISE — Não!... Isso assim é demasiadamente cruel!... Um pai não pode dizer a sua filha que deve enviar o irmão à morte!... Meu irmão, teu filho, pai!

KERGUEVEN — Peça-te que não apadrinhes esse miserável!

Contra-regra: ruído de muletas.

KERGUEVEN — Eis que chega o desgosto que haveria de mortificar a minha velhice...

DENISE — Pelo amor de Deus, meu pai... Não te exaltes, rogo-te...

KERGUEVEN — Não te preocupes, minha querida... vou dizer-lhe apenas algumas palavras e serão as últimas de minha existência...

Contra-regra: passos de muletas aproximando-se lentamente.

ALAIN — Chamou-me, meu pai?

KERGUEVEN — Não sou mais teu pai!... Não pronuncies mais isso!

ALAIN — Estou às suas ordens, meu general!

KERGUEVEN — Desertor Alain de Kergueven!... Já sabes da notícia?

ALAIN — Paris ocupada, meu general!...

KERGUEVEN — Amanhã o inimigo ocupará a região! Haverá tropas acantonadas na aldeia de Benoet. Talvez o estado maior no castelo, se eu não puder impedir. Eu tinha te ordenado partir sob pena de te fazer prender pelos nossos. Encontrei outro castigo. Ficarás no castelo. É o teu lugar... Pois estás ferido... não é verdade?... Inválido para o serviço da pátria! Foi um estilhaço de obuz cento e cinco!... Ficarás entre os alemães. Quizesse fugir deles na frente de batalha. Encontrá-los-ás novamente aqui... em situações diferentes... E como queres salvar a tua pele, passarás os teus dias deitado como uma velha!... Nada mais!... Podes retirar-te!... E jamais hei de querer ver-te!... Sai!...

ALAIN — Sim, meu general!...

Contra-regra: passos que se afastam.

KERGUEVEN — De muletas... caminha com as muletas, desertor!...

ALAIN — Sim, meu general!... (soluços brandos de Denise).

Técnica: passos cadenciados que se aproximam.

VOZ (comando) — Companhia!... (pausa) Alto! (cessa passos) À direita! Eita!

Técnica: motor de automóvel que se vem aproximando.

VOZ (distante) — Apresentar!... (pausa) Armas!

Técnica: ruído de motor de automóvel em segundo plano.

SPEAKER — Um automóvel cinzento com a bandeira nazista subiu velozmente a aléia de Olmos, e parou diante do castelo... (freio de carro). E parou diante do terraço do castelo de Kergueven... O soldado que se achava ao lado do chauffeur, armado até os dentes, saltou lesto, saudou os dois ocupantes do carro e abriu a portinhola. Um capitão e um coronel saltaram do carro.

WEHRINGER — Karl!

VOZ (passos e bater de saltos) — Meu capitão!
WEHRINGER — Toca a campainha! Deve haver alguém no castelo!

VOZ — Abra a porta em nome do comandante da companhia (campainha).

IVES (pausa) — Que querem os senhores?!

VOZ — Abra a porta!

IVES — Que querem os senhores, pergunto-lhes!

WEHRINGER — Espera, Karl... Por que não abres a porta? Tira a cara dêsse postigo e abre a porta...

IVES — Que querem, torno a perguntar-lhes, senhores!

WEHRINGER — És o criado do general Lutz de Kerqueven?

IVES — Sim...

WEHRINGER — Onde está êle?

IVES — Em Brest.

WEHRINGER — Então abre-nos a porta.

IVES — Não tenho ordens para isso...

WEHRINGER — Pois bem... eu dou ordem para isso... Abre imediatamente!

IVES — Não!

ZIMMERMAN — Com licença, sr. capitão Wehringer... Este mundo está de cabeça para baixo!... Os vencidos, pelo que estou vendo e ouvindo, mandam!... Ei, você!... Abra a porta!

IVES — Não tenho ordens.

ZIMMERMAN — Falo eu!

IVES — Quem é o senhor?

ZIMMERMAN — Estúpido!... Teimoso!... Cabeça de pedra!... Zimmerman!... Chefe da segunda secção da Gestapo junto às tropas de ocupação!...

IVES — Não abro a porta, doktor!

ZIMMERMAN — Oh!... Então é mesmo teimoso!... Não abres a porta, cabeça de ferro!... Doktor Zimmerman não pede explicações pela segunda vez!... (berrando) Dois homens!... Fuzis na mão!...

Contra-regra: passos cadenciados de dois homens aproximando-se, e bater de saltos.

ZIMMERMAN — Espera, francês cabeçudo! Vou fazer saltar a tiros de revólver o ferrolho da porta e vocês acabam o resto a coronha de fuzil...

Contra-regra: quatro tiros.

ZIMMERMAN — Acabem agora com a porta a coronhadas!...

Contra-regra: ruído de coronhadas contra uma porta.

ZIMMERMAN — Fôrça!... Abaixo a porta... Fôrça!...

Contra-regra: ruído de coronhadas.

FINAL DO OITAVO EPISÓDIO

NONO EPISÓDIO

WEHRINGER — Alto!...

Contra-regra: cessar coronhadas.

WEHRINGER — Não, doktor Zimmerman... isso não!...

ZIMMERMAN — Mas é a única maneira dêsse cabeça de porco compreender que os oficiais do exército da grande Alemanha não podem, não devem esperar...

WEHRINGER — E' preciso compreender, doktor Zimmerman, que êste castelo é a residência do general de Kerqueven, antigo comandante do exército... Doktor... Toujours la politesse...

ZIMMERMAN — Ohhh!... Oh!... Oh!... Politesse... que seria da blitzkrieg, Herr capitão Wehringer, si nosso fuehrer pensasse em politesse...

WEHRINGER — Diga-lhe, doktor, que temos ordem de requisição para o castelo!

ZIMMERMAN — Ouviste, velha rapoza desdentada,

nós temos ordem de requisição para o castelo de teu amo... Ou queres que eu mande a artilharia obrigar-te a um ligeiro raciocínio?

IVES — Faça o que muito bem entender!...

ZIMMERMAN — Oh!... E' o suficiente, herr capitão... E' o suficiente!... Derrubem a porta a coronhadas, rapazes!... Vamos!...

DENISE (distante) — Esperem, senhores!...

WEHRINGER — Alto!...

DENISE — Abre a porta, meu bom Ives...

Contra-regra: ruído de tranca.

DENISE — Queiram entrar, senhores...

WEHRINGER (polido) — Oh!... Senhorita, a quem tenho a honra de falar?

DENISE — A filha do general Lutz de Kerqueven!...

WEHRINGER — Meus cumprimentos, senhorita.

DENISE — Queiram entrar, senhores... (Passos) Rogo-lhes que se sentem...

WEHRINGER — Desvanecido, senhorita... Reitero os meus cumprimentos... Permita-me apresentar-me... Capitão Kurt Wehringer, comandante da quarta companhia e chefe do estado maior de s. excia. o coronel-general Lehn-bach, comandante das tropas de ocupação do Noroeste... Aqui, doktor Zimmerman.

ZIMMERMAN (secamente) — Chefe da Segunda Secção da Gestapo junto às tropas de ocupação.

DENISE — Que desejam os senhores?

WEHRINGER — Senhorita, estamos desolados por termos de nos impor à sua hospitalidade.

DENISE — O castelo de meu pai foi requisitado pelo estado maior, não é isso?

WEHRINGER — Sinto imensamente... Temos uma ordem de requisição para o castelo de Benoet, que será de agora em diante a residência de s. excia. Estamos desolados de incomodá-la, mademoiselle... E' a guerra!

DENISE — Meu pai está em Brest, cavalheiros. Ele esperava que a presença aqui dos senhores fôsse poupada. Mas suponho que os senhores sejam mais fortes e que nós não tenhamos outro recurso senão curvar a cabeça...

WEHRINGER — Por Deus, senhorita... Desta vez pedimos desculpas de sermos os mais fortes... Os franceses o foram em 1918. E' a nossa vez, senhorita!... (pausa) Bela coleção de quadros, senhorita... Felicito-a...

DENISE (secamente) — Grata!...

WEHRINGER — A família?

DENISE — Sim, capitão... Todos oficiais do exército francês!...

WEHRINGER — Eu os saúdo, senhorita de Kerqueven!... (bater de salto) Sua excelência o general Lambach sentir-se-á feliz com a companhia...

DENISE — Capitão, queria pedir-lhe uma informação.

WEHRINGER — Pois não, senhorita.

DENISE — E' verdade que os senhores internam os soldados franceses nos territórios que ocupam?

WEHRINGER — Sim, é a lei de guerra. Por que pergunta isso, mademoiselle de Kerqueven?

DENISE — E' que nós temos aqui, neste momento, em convalescença, meu irmão Alain de Kerqueven, o filho mais moço do general. Ele está ferido, foi evacuado da frente. Está de cama e só pode andar de muletas.

WEHRINGER — A senhorita disse um ferido?

ZIMMERMAN — Perdão, mademoiselle... O seu irmão é um inválido?

DENISE — Sim... Ele não pode mover a perna esquerda.

WEHRINGER — Nesse caso não o faremos prisioneiro. Ele poderá ficar.

DENISE — Obrigado, capitão...

ZIMMERMAN — Onde está o seu irmão, senhorita Kerqueven?

DENISE — Em seu quarto, senhor...

ZIMMERMAN — E onde fica o quarto?

DENISE — Enviarei o nosso mordomo com o doktor...

ZIMMERMAN — Preciso ver o prisioneiro...

DENISE — Ives!...